FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 12 DE SETEMBRO DE 1968 ANO 48.º — NÚMERO 16 428

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 END. TEL.: DIBOA — TELEX 1363
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

NÃO AO AUMENTO DAS TARIFAS DA CARRIS

— DECIDIU HOJE A CÂMARA MUNICIPAL

A reunião publica extraordinária da Câmara Municipal de Lisboa, convocada para apreciar o novo pedido de aumento de tarifas feito pela Carris, presidiu o general França Borges, ladeado pelos vice-presidentes, srs. Aníbal David e eng.º-agr.º D. Segismundo da Câmara de Saldanha. Asistiram dez dos doze vereadores.

O presidente mandou ler a nova carta da Companhia e apresentou uma proposta não aprovando o pedido feito pela Carris, feita nestes termos:

«Tendo presente que a Companhia Carris de Ferro de Lisboa em sua carta n.º 5714, de 20 de Agosto corrente, recebida nesta Câmara em 22 do mesmo mês, pede a aprovação do aumento de tarifas em transportes públicos de que é concessionária; considerando que ainda no dia 14 do mês de Agosto esta Câmara Municipal deliberou não aprovar o aumento de tarifas, que havia sido pedido pela referida Companhia concessionária no dia 17 do mês de Julho findo; considerando que a referida Companhia não

(Continua na 9.ª página)

Auto-Estrada do Norte: menos 72% de acidentes na ligação com Vila Franca

Um dos benefícios resultantes da abertura do primeiro troço da Auto-Estrada do Norte, entre Lisboa e Vila Franca de Xira, onde passam diàriamente mais de 35 mil veículos, está no decréscimo de acidentes: entre 1962 e 1966 registaram-se menos 72% do que nos últimos doze meses antes da inauguração da via rápida. Os benefícios da Auto-Estrada, para o período 1962-1981, devem ultrapassar um milhão e meio de contos. (Ler na pág. central).

O PRESIDENTE DO CONSELHO ESTÁ MUITO BEM

— dizem os médicos da equipa responsável

Segundo informações colhidas no Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa o prof. dr. Oliveira Salazar, cujas melhoras se acentuam passou uma noite repousada e o seu pequeno-almoço incluiu um ovo quente.

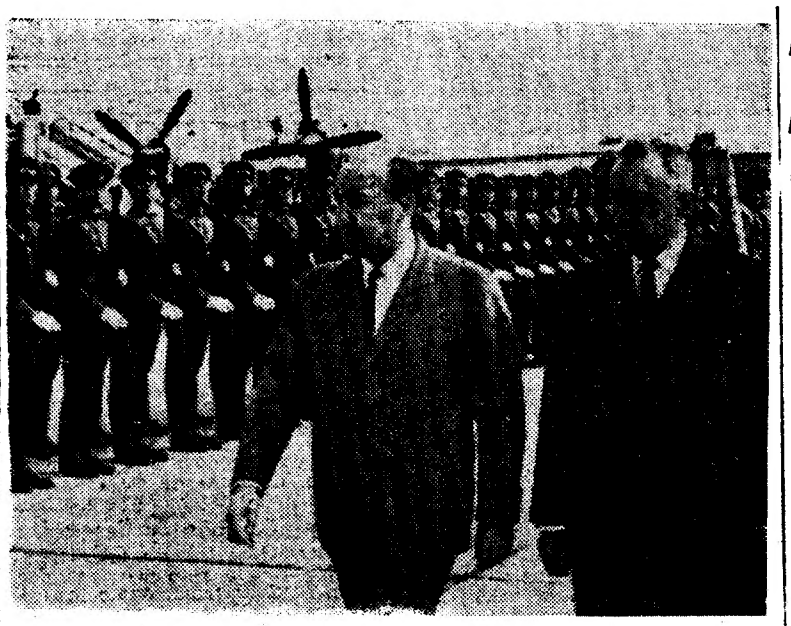
Falando esta manhã aos jornalistas, os dois médicos da equipa responsável disseram:

— O Presidente do Conselho está muito bem. Nada há a dizer de novo.

Centenas de cartas e ofertas de sangue

Logo de manhã começaram a afluir ao Hospital da C. V. P. al-

(Continua na 15.ª página)



O primeiro-ministro da Checoslováquia, Cernik, acompanhado por Kossyguine, passa revista a uma guarda de honra, durante a visita que efectuou á U. R. S. S.

Não há perigo próximo de guerra

— diz um ministro israelita

TEL AVIV, 12 — (F. P.) — «Não há perigo de uma guerra próxima» — declarou, ontem, á noite, o ministro da Informação, Israel Galili, no decurso de uma reunião pública realizada em Petach Tiqvah, perto de Tel Aviv. «O Exército egípcio — acrescentou — ainda não tem moral combativo».

Aludindo aos recentes incidentes no canal de Suez, Galili afirmou

(Continua na 12.ª página)

OS TANQUES SOVIÉTICOS SAÍRAM DE PRAGA BRNO E BRATISLAVA

PRAGA, 12 — (R.) — Os tanques soviéticos saíram de Praga e de outras duas cidades checoslovacas durante a noite, três semanas depois do dia em que, também de noite, invadiram a Checoslováquia.

Durante várias horas, as ruas de Praga estremeceram sob o peso dos monstros de aço, que, em fila indiana, se retiravam, deixando atrás de si a fumarada dos tubos de escape.

«Vamos para casa, vamos para casa» — gritou alegremente um soldado russo, sentado em equilíbrio precário em cima de um dos veículos.

Além dos tanques, abandonaram, também, o centro de Praga muitos camiões militares e carros blindados de transporte de tropas.

Contudo, ao contrário do que pensava o soldado russo, os tanques pararam apenas a 20 quilómetros de Praga, numa planície com bosques dispersos. Não se sabe ainda por quanto tempo as tropas soviéticas ali permanecerão.

Cenas idênticas de retirada registaram-se durante a noite nas cidades de Brno e Bratislava, as duas maiores do país, depois da capital.

Não se sabe, por enquanto, se em qualquer destas cidades os russos deixaram uma guarnição simbólica a marcar presença.

A retirada dos tanques soviéticos das cidades segue-se a conversações aqui realizadas pelo vice-primeiro ministro soviético Kuznetsov e a visita do primeiro-ministro checo Cernik a Moscovo, na terça-feira.

Denzil Allen (á direita), do corpo de fuzileiros navais dos Estados Unidos, conversa com o seu advogado, o capitão da Marinha, Sandy Memath, após ter sido julgado em Da Nang e condenado a prisão perpétua por ter morto cinco sul-vietnamianos

Nota do dia

QUEM HA-DE OLHAR PELAS CRIANÇAS?

Parece inventada, de ponta a ponta, para meter medo às crianças, a história do menino cego de três anos que saiu da barraca onde vive, quando a mãe, que tem de trabalhar para o manter e a mais dois, o deixou sòzinho e ele, tacteando por ali fora, brincava ou arrastava-se sobre a via férrea quando o combolo passou e o deixou incólume. Parece uma história mas não é. Passou-se. Passou-se mesmo nos arredores do Porto, não longe de onde há dois ou três anos se deu um tremendo desastre ferroviário que custou umas amplas dezenas de mortos. Precisamente ao pé de Custóias. O que dizer? Literatura não vale. Era fácil e até quase apetece dizer que não era honesto. O que fazer? Parece difícil, mas é preciso pensar. Começar talvez pelo que não fazer: que as mães não devem deixar as crianças, etc. Mas depois? Que adianta dizer que as mães não devem? Naturalmente isso sabem elas, mas na notícia parece que só se fala da mãe com três filhos para alimentar. Não é bem assim: também se fala do pai, que está no hospital para uma operação e daí espera internamento num sanatório para pulmonares. Que fazer, então? Não se pode impedir que haja crianças cegas, nem estamos em Esparta nem temos, felizmente, o Monte Taigeto. Nem se pode impedir que as mães vão ao trabalho, quando a tendência, em todo o mundo e em todas as classes, é mesmo no sentido de que as mães não têm remédio senão ir ao trabalho. E daí o pensar como há-de ser. Pensar em muita coisa ao mesmo tempo, pensar até em coisas que nos parecem desagradáveis mas vão (ou vêm) crescendo à nossa vista, na transformação dos costumes, até apetece dizer que na transformação da própria estrutura psicológica das pessoas, o que possa parecer um certo desapego, um certo exacerbado egoísmo a que é preciso acudir.

De ontem para hoje

UM AUTOTANQUE PARA OS VOLUNTÁRIOS

Na Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses foi benzido e inaugurado um pronto-socorro autotanque oferecido pela SONAP, o qual, na modalidade, fica a constituir uma das mais valiosas unidades de socorro da capital. Na cerimónia estiveram presentes deputações das associações congéneres de Lisboa e dos concelhos limítrofes e diversas individualidades ligadas aos «soldados da paz». Na sessão solene, o presidente da direcção dos B. V. Lisbonenses, sr. dr. Manuel de Carvalho, agradeceu ao comando e seus componentes o trabalho que tiveram para valorizar a oferta recebida, dando assim, um exemplo de tenacidade e dedicação pela associação. O comandante do corpo activo, tenente França de Sousa pôs em relevo o serviço prestado pelos seus subordinados e que transcende aquilo que o comandante deles poderia pedir, e o segundo comandante, sr. João Santana, leu a ordem de serviço louvando onze voluntários, a quem depois foram entregues diplomas de reconhecimento da associação. Falaram ainda o presidente da Liga, o sr. dr. Dinato Ferrão e, por fim, o sr. major Lopes da Conceição, 2.º comandante do B. S. B.

«VER LISBOA E DEPOIS...»

Viera a Lisboa em excursão o jornaleiro Manuel Gonçalves Carolino, de 65 anos, residente em Vale de Figueira, Oleiros. Andava a conhecer a cidade e, na Avenida 24 de Julho, foi mortalmente atropelado por um automóvel conduzido por uma senhora francesa. O infeliz, quando em corrida atravessava aquela movimentada artéria, assustando-se com a aproximação de outro carro, recuou, metendo-se á frente daquele que havia de dar-lhe a morte

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, em audiência, no Palácio de Belém, os srs. dr. Barradas de Oliveira, director do nosso prezado colega «Diário da Manhã», pianista Sequeira Costa e Manuel Duarte.

A ULTRAPASSAGEM E A MORTE

Na estrada Porto-Santo Tirso, um automóvel conduzido pelo sr. José Parada Gomes, de 70 anos, casado, comerciante, e no qual seguiam ainda o sr. dr. Rodrigo Manuel Machado, de 67, advogado, e a sr.ª D. Luciana Lopes, de 63, ao ultrapassar uma camioneta que se encontrava parada, nela foi embater violentamente, ficando com a frente totalmente desfeita. Do acidente resultou a morte daquele advogado e ferimentos muito graves no condutor e na sr.ª D. Luciana Lopes, que ficaram internados no Hospital de S. João.

Alargada a competência dos municípios de Luanda e de Lourenço Marques que passam a ter dez vereadores

Pelo Ministério do Ultramar foi remetido para publicação no «Diário do Governo» um decreto que regula o regime jurídico dos municípios de Luanda e Lourenço Marques, prevendo, também, o alargamento deste regime a outras cidades do Ultramar cujo desenvolvimento e progresso urbanístico o venham a aconselhar.

A administração civil ultramarina vem sendo, em grande parte, regida pela Reforma Administrativa Ultramarina, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 23 229, de 15 de Novembro de 1933.

Sem embargo deste diploma ter constituído um notável monumento jurídico para a época em que foi concebido, há já algum tempo se vem sentindo a necessidade da sua revisão e substituição, estudo que se encontra em adiantado curso no Ministério do Ultramar, mas que, pela sua complexidade e vulto, não pôde ainda ser ultimado.

Afigura-se, entretanto, da maior utilidade e oportunidade a publicação do diploma agora enviado para a folha oficial que, fiel á nossa tradição municipalista, vem reger os grandes municípios ultramarinos de Luanda e Lourenço Marques, em moldes inspirados na legislação da Metrópole de modo a permitir-lhes, desde já, um campo de acção e uma estrutura jurídica que lhes permitirão enfrentar os problemas municipais com uma organização jurídica moderna e adequada ás suas necessidades.

O numero de vereadores é, no diploma, fixado em 10. A competência das Câmaras é notávelmente alargada e os presidentes e vice-presidentes passam a dispor, relativamente ao regime anterior, de mais vasta esfera de acção, num quadro de atribuições que lhes permitirão, na prática, dar pronta resposta ás mais variadas e instantes solicitações da administração autárquica.

Entre numerosas outras medidas que o novo diploma consagra, importa salientar aquela que prevê a federação com municípios vizinhos para a realização de interesses comuns e, bem assim, a que estabelece, no corpo administrativo, ampla representação das forças vivas do município e a existência de serviços adequados ás exigências da gestão municipal

Ciclo de palestras sobre técnicas de gestão de empresas

As técnicas de gestão têm sido impulsionadas de forma notável no nosso País, de acordo com as crescentes necessidades das empresas portuguesas, desejosas de se porem a par do que se pratica no estrangeiro. A esse esforço de actualização se associa a Planifor — Centro para a Gestão da Empresa, proporcionando ás empresas nacionais um contacto com os seus técnicos, através de colóquios que se irão estabelecendo sobre técnicas de gestão.

De 23 a 27 deste mês ás 21 horas, no Pavilhão da Feira das Industrias, decorrerão as palestras, que serão efectuadas pelos colaboradores da Planifor, srs. eng.º Ferreira de Almeida, drs. Mário de Sousa Borges, Rui de Paiva e Pona e Eduardo Pessoa Domingos, eng. José Maria Quadros e Costa, drs. Fernando Veloso Feijó, Mário de Sousa Borges e João Silveira Botelho e eng.º Monteiro Leite.

Dado o elevado nível dos palestrantes, é de esperar que destas sessões se retirem resultados uteis á formação e aperfeiçoamento dos dirigentes participantes no sistemático esforço de melhoria das técnicas de gestão actuais.

FESTAS E ROMARIAS

Em Viana do Alentejo

VIANA DO ALENTEJO, 12. — No santuário de Nossa Senhora de Aires decorrem, nos dias 21, 22 e 23, as tradicionais festas em honra da Virgem daquela invocação, havendo várias manifestações de carácter religioso. No recinto do santuário, realizar-se-á a Feira de Aires, uma das maiores do Alentejo, com gados, artigos de vestuário, barracas de quinquilharias, parques de diversões, etc.

Em São João da Pesqueira

SÃO JOÃO DA PESQUEIRA, 12. — No sábado e no domingo, decorrem aqui as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora dos Remédios. No sábado, a partir das 14 e 30, haverá um torneio de tiro aos pratos, a favor da associação local dos bombeiros voluntários. No domingo, ás 12 horas, haverá missa solene; ás 16, procissão e, ás 17, concerto pela Banda de Musica de Alvarenga.

A Nossa Senhora do Carmo em Alcantarilha

ALCANTARILHA (Algarve), 12 — Durante o próximo fim-de-semana, decorrem aqui as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora do Carmo, com procissões na noite de sábado e no domingo á tarde, cortejo de oferendas e arraial nocturno. Prevê-se grande afluência de forasteiros e de turistas, atendendo a que se trata de uma manifestação popular de características tipicamente algarvias. O produto das festas deste ano destina-se a custear parte das despesas de restauração da igreja matriz, monumento de grande valor artístico.

Ora diga-nos...

— Já bebeu vinho doce? E gostou?

Corre Setembro. É tempo de colheitas e vindimas. Por esse Portugal fora, vai a faina movimentada e alegre de apanhar as uvas, de pisá-las e de provar o vinho doce que sobe nos lagares, nas pipas e (também) nas cabeças. Quem já provou o vinho doce, o mosto que fermenta tentador? Sim, quem o bebeu borbulhante à bica do lagar?

● *O sr. Jordão França, caixeiro-viajante, ouvido ao volante do seu veículo, sorriu (recordando agradado o belo sabor) e logo afirmou:*

— Gosto. Gosto, sim senhor. Já o bebi muitas vezes, á saída do lagar, ao pé do Porto e em Trás-os-Montes, também. Antigamente, ele vinha para cá em pipas e era vendido ao publico, com grande procura. Mas isso acabou. Já não é permitido. Mas lá que é bom, não há duvida.

E o sr. Jordão França, natural do Porto, mesmo do Porto-cidade, e residente em Lisboa, lá seguiu á

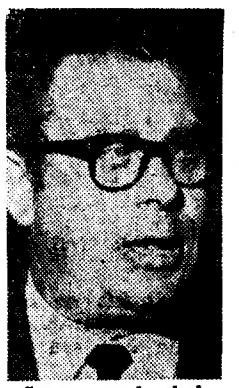
vida, agora que é tempo de vinho doce.

● *A seguir ouvimos o sr. Joaquim António Cardoso Ribeiro, motorista particular:*

— Já bebi. É doce...

— ... E é bom!...

— Oh se é, mas



não se pode beber muito porque faz mal...

— Onde o tem provado?

— Em muitos lados: em Vizela, no Douro, em Rio de Mouro, em Dois Portos. Nas propriedades do meu patrão e de seus amigos. Mesmo á beira do lagar é que ele é bom. Tinto ou branco, verde ou maduro.

● *O Joaquim Carlos Roto Pereira de Sousa tem 8 anos. Vivos, gaiatos, prontos para começar a terceira classe, que as aulas estão á porta. Apareceu junto do repórter quando ele ouvia o sr. Cardoso Ribeiro. E já provou vinho doce:*

— E gostei!

— Onde bebeste?

— Em minha casa. Em dias de festa, nos anos da minha irmã, dos meus pais...

— E gostaste, então?

— Gostei, pois. É bom.

— Mas nunca assististe a vindimas, á pisa das uvas no lagar, pois não?

— Não. Vivo aqui em Lisboa.

— Deixa lá! Ainda hás-de ver um dia. É bonito. E, depois, lá á beira do lagar é que o vinho doce é bom...

— É melhor, tem outro sabor —, remata, do lado, um moço citadino, que também aprecia o vinho doce.

É tempo de vindima, de alegria e cantigas pelo campo. Festa das colheitas, do amor. (Tanta moça «colhe o primeiro beijo de amor» pelo tempo das vindimas).

E terminemos, glorificando o vinho, com as trovas de Afranio Peixoto:

A cachaça é meu pa-
[rente,
O vinho meu primo-
[-irmão;
não há nenhuma
[função
que meus parentes
[não vão.

Muitos países representados na 19.ª Exposição Canina Internacional do Estoril

Organizada pela Junta de Turismo da Costa do Sol, com a colaboração da Sociedade Estoril Sol, e de harmonia com os regulamentos e aprovação do Clube Português de Canicultura, realiza-se no próximo fim-de-semana a 19.ª Exposição Canina Internacional do Estoril cuja comissão é constituída pelos srs. eng.º Frederico Oom, D. Luís Mesquitella e dr. Manuel Telles.

Como juízes actuarão os srs. Fred Parsons, René Pascon, dr. António Cabral e dr. António Robalo Cordeiro. Os comissários de «ring» serão a sr.ª D. Carla Saviotti Molinari e os srs. Alberto Passos, António Constant, Armando Amorim Pinto e John Wallace.

O programa é o seguinte: no sábado, ás 14 horas, entrada dos exemplares; 15 horas, início da classificação; 20 horas, saída dos exemplares; domingo, ás 14 horas, entrada dos exemplares; 15 horas, continuação da classificação e atribuição de prémios aos melhores exemplares portugueses e estrangeiros; 18 e 30 horas, distribuição dos prémios.

Os exemplares expostos concorrem com a sua raça e variedade nas seguintes classes individuais; cachorros, juniores, classe aberta, estreantes, não premiados, veteranos e reprodutores. Nas classes colectivas compreender-se-ão a classe de pares destinada a dois exemplares, independentemente do sexo e pertencentes á mesma entidade expositora; a classe de grupos destinada a três ou mais exemplares, do mesmo ou de diferente sexo e pertencente á mesma entidade expositora; a classe de ninhadas destinada ao mínimo de três cachorros nascidos do mesmo parto, com mais de 60 dias e menos de 6 meses de idade, contando que a respectiva ninhada esteja registada num O. L. oficialmente reconhecido.

Durante a exposição realizar-se-á Concurso «La Belle et la bête» para atribuição dos prémios «Estoril», «Costa do Sol» e «Tamariz», oferecidos pela Junta de Turismo da Costa do Sol.

EM TRÊS LINHAS

Concluído o edifício do Dispensário Antituberculoso do dr. Neto de Carvalho, em Soure, vai ser entregue ao Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos.

///

Foi, aprovada, por portaria do Ministério da Economia, a revisão da norma NP-204 (1901) — Desenho técnico. Legendas, feita nos termos do artigo 9.º do Estatuto de Normalização.

///

O sr. dr. José Dionísio de Almeida foi nomeado inspector superior de seguros do quadro da Inspecção-Geral de Crédito e Seguros (Inspecção de Seguros).

///

Um decreto, pelo Ministério do Ultramar, introduz alterações nos quadros do comando do Corpo da Polícia de Segurança Pública de Macau e dos Serviços de Aeronáutica Civil e de Administração Civil da província de Moçambique.

O sr. eng.º Francisco Manuel Vieira Rebelo de Andrade foi nomeado delegado regional da Direcção-Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar no Funchal.

///

O sr. capitão Carlos Alberto da Silva Ribeiro foi nomeado adjunto do Comando do Corpo de Polícia de Segurança Pública da província de Macau, em substituição do oficial da mesma patente, sr. Henrique Manuel Lajes Ribeiro. (São devidos emolumentos, nos termos do Decreto n.º 22 257).

///

Terminaram as obras de construção da cadeia comarcã de Moimenta da Beira.

///

O sr. eng.º agrónomo e silvicultor António Paulo Brás Borges Leitão foi reconduzido no cargo de inspector provincial de povoamento da província de Moçambique.

Novo produto para deixar de fumar

Recomendadas por distintos médicos portugueses, as drageias «FUMANO» eliminam eficazmente a necessidade de fumar e são inofensivas. Preço: a pronto 375$00; ou em 2 mensalidades de 200$00 cada. Pedir o produto á cobrança ou folhetos elucidativos grátis aos únicos distribuidores: Zenig Departamento Distribuidor.

Estabelecimento: Rua de S. Dinis, 594 — Porto.

CURSO LICEAL

DIURNO E NOCTURNO

Inscrições nas secretarias, das 9,30 ás 24 horas

Externatos:

- **Rua do Paraíso, 28 — Tel. 865904-863232 (agora, com ampliação e remodelação das suas instalações, incluindo modernos e bem apetrechados laboratórios).**
- **Rua Carrilho Videira, 10 (ao Chile) Tel. 834658-831416.**

As vinhas apresentam bom aspecto

Segundo o Boletim Meteorológico para a Agricultura, principiaram a ceifa dos arrozais e a debulha do milho que apresenta aspecto satisfatório.

As vinhas, de uma maneira geral, apresentam bom aspecto, estando na fase da maturação. Nalgumas regiões do sul principiaram já as vindimas.

Está a terminar a colheita da batata. Fizeram-se alqueives, cavas, colheita de feijão, regas, tratamentos fitossanitários, etc.

Exames na Universidade de Cambridge

As inscrições para os exames do «Lower» e «Proficiency», que se realizam no mês de Dezembro, na Universidade de Cambridge, efectuam-se de 12 a 20 do corrente, na secretaria do Instituto Britânico.

RECTÂNGULOS DA VIDA

POR MARIA JUDITE DE CARVALHO

DE AVIÃO

Fizera setenta anos mas parecia menos. Era magrinho e mirrado, tinha uma madeixa branca caída para a testa, a pele curtida do sol, fundos sulcos verticais na face serena e sem espanto. Vestia o fato preto das grandes ocasiões, arvorava chapéu de aba larga, e na mão grosseira, de unhas ancestralmente sujas, tinha uma mala barata e um saco de plástico com alimentos. Haviam-lhe dito que não precisava de levar nada para comer, mas ele «não era parvo» e não fora nisso, achava que umas fatias de pão com chouriço e duas ou três maçãs não ocupavam grande espaço e sempre davam certa tranquilidade a uma pessoa. Lá estava ele, portanto, sério e atento, na bicha, á espera da sua vez de mostrar «os papéis».

Um velho sózinho na cidade, no aeroporto. Raramente viera a Lisboa, nunca se tinha aproximado de um aeroporto. E os aviões sempre haviam sido para ele grandes pássaros misteriosos em pleno céu

Trabalhara a vida inteira nas terras dos outros, sem amealhar o quer que fosse. Tinha-lhe morrido a família inteira, só lhe restava o filho mais novo, que emigrara há muitos anos. Era esperto, era trabalhador, esse filho. E souberam fazer uma coisa espantosa: dinheiro. «Fez dinheiro», dizia-se na aldeia com respeito, e isso era uma coisa que ele, seu pai, não percebia bem como podia conseguir-se. Com ele, nas suas mãos, o dinheiro — pouco — nunca se demorara, mal lhe vira a cor já tinha partido. E eis que o filho, rico, o mandava chamar, lhe enviava mesmo o dinheiro para a passagem de avião, o seu sonho.

Se não tinha medo, haviam-lhe perguntado na terra. Sabia lá se tinha medo; como havia de saber? Agora, dentro do grande avião, apertava o cinto como lhe indicavam que o fizesse, depois desapertava-o com aplicação. Sorria vagamente, olhava em redor, depois lá para baixo, para a cidade desconhecida, para todo o sempre a desaparecer, para as nuvens também estranhas assim vistas de cima. A meio da viagem, quando a hospedeira lá a passar com o seu chapelinho de nazarena, chamou-a.

— «Menina!»

— «Faz favor de dizer».

— «Menina, esta geringonça... Quero dizer, «isto», é sempre assim?»

— «Assim?» espantou-se ela. «Assim como?» — E orria porque uma das suas ocupações, e não a menos importante, era sorrir.

— «Direitinho, sem acudir a gente nem nada.»

A hospedeira tranquilizou-o: — «Espero que a viagem decorra sempre assim.»

Encolheu os ombros com desdém; — «Tanta coisa para isto. Afinal não é nada de extraordinário».

Fechou os olhos e daí a pouco dormia como um bem-aventurado

A I REUNIÃO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA NÁUTICA DECORRERÁ EM COIMBRA

COIMBRA, 12 — Aumenta cada vez mais o interesse pela I Reunião Internacional de História Náutica, que, incluída no programa das comemorações do 5.º centenário do nascimento de Pedro Álvares Cabral, decorrerá aqui, de 23 a 26 de Outubro.

Dedicada á «Náutica dos Séculos XV e XVI», na importante reunião tomam parte dezenas de historiadores nacionais e estrangeiros.

Até agora, já há diversas inscrições, entre as quais se incluem as dos srs. comandante Barreiro-Meiró, do Museu Naval de Madrid; prof. Pierre Chaunu, da Universidade de Caen (França); «lady» Rosemary Fitzgerald, do Museu de História da Ciência de Cambridge (Inglaterra); prof. Cynes A. Gordon Brandeis, dos Estados Unidos da América do Norte; prof. J. A. Gonçalves de Melo, do Recife (Brasil), prof.ª Ursula S. Lamb, da Universidade de Yale (E. U.), etc.

Foram, também, recebidas pela organização importantes comunicações, entre as quais as dos srs. Jaime Martins Barata, «Os barcos de Gama e de Cabral»; Joaquim Vaz Monteiro, «A rota da Índia no Século XVI»; G. R. Tibbetts, «On the navigational theory of the Arabs»; Marcel Destombes, «Une carte inedite de Diogo Homem»; Carlos Coimbra, «A Armada de Cabral e as Tempestades entre as ilhas de Cabo Verde e o Brasil»; D. Maria E. Henriques dos Santos, «O carácter experimental da carreira da Índia. Um plano de João Pereira Dantas com fortificação da África do Sul — 1556».

Muitas outras comunicações são aguardadas para debate nas sessões de trabalho

Colóquio Luso-Brasileiro sobre História do Brasil

Segue dentro de dias, para o Brasil, acompanhado pelo sr. comandante Teixeira da Mota, o sr. prof. dr. Luís de Albuquerque, da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, que vão tomar parte no Colóquio Luso-Brasileiro sobre História do Brasil.

Vão reco[illegible]ar as filmagens de «Uma abelha na chuva»

Nos primeiros dias de Outubro parte para a região da Gândara, distrito de Coimbra, a equipa chefiada por Fernando Lopes e Matos Silva que ali rodou grande parte dos exteriores do novo filme português «Uma abelha na chuva», adaptado do romance homónimo de Carlos de Oliveira.

O realizador Fernando Lopes tenciona continuar as filmagens, agora dedicadas especialmente a interiores, na Quinta da Foja e na povoação da Tocha, entre outros locais.

CICLO PREPARATÓRIO TV

Telef. 83 14 16

Posto de recepção n.º 860

OPORTUNIDADE ÚNICA!

INICIA-SE A VENDA
DO EMPREENDIMENTO DE MAIOR CATEGORIA EM TODO O PAÍS

ALDEIA TURÍSTICA
DO TOURING CLUB DE PORTUGAL

SITUADA NA PRAIA DA FALÉSIA - ALBUFEIRA (A MAIS BONITA DO **ALGARVE**)

CIRCUNDADA DE DENSOS PINHAIS * LUZ ELÉCTRICA * ÁGUA CORRENTE * ESGOTOS
RUAS ASFALTADAS * TRANSPORTE ENTRE O AEROPORTO E O EMPREENDIMENTO

No caso de não utilizar a propriedade adquirida, nós encarregamo-nos de a alugar com um rendimento mínimo de 8% garantido, que poderá actualizar cada ano

*** PARA OCUPAR IMEDIATAMENTE**

APARTAMENTOS E MORADIAS DE GRANDE LUXO

CONSTRUÍDAS EM PURO ESTILO ALGARVIO COM MATERIAIS DE 1ª QUALIDADE, EM TERRENOS DE 500 A 1.500 m²;

TABELA DE PREÇOS

	ENTRADA	PREST. MENSAL	PREÇO TOTAL
1 ASSOALHADA, COZINHA E C. DE BANHO	25.000$	2.500$	250.000$
2 ASSOALHADAS, COZINHA E 2 C. DE BANHO	40.000$	4.000$	400.000$
3 ASSOALHADAS, COZINHA, C. DE BANHO E GARAGEM	60.000$	6.000$	600.000$
4 ASSOALH. COZINHA, Q. DE CRIADA, 3 C. DE BANHO E GARAGEM	75.000$	7.500$	750.000$
5 ASSOALH. COZINHA, Q. DE CRIADA, 3 C. DE BANHO E GARAGEM	90.000$	9.000$	900.000$

Equipadas com ar condicionado, cozinhas com frigorífico, fogão com forno, máquina automática de lavar roupa, esquentador de distribuição, exaustor de fumos, máquina de cozinha eléctrica com acessórios (batedeira), etc.

SEM ENCARGO ALGUM, E EXCLUSIVAMENTE PARA OS SENHORES COMPRADORES * PARQUE PARA CRIANCAS, SOB A VIGILÂNCIA DE PESSOAL COMPETENTE * PISCINA HIPISMO * COURT DE TÉNNIS * PESCA DESPORTIVA * SKI NÁUTICO * ETC.

INFORMAÇÕES AV. DA LIBERDADE, 258-9.º-Esq. LISBOA

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *Não é natural, por agora, o regresso a Portugal da artista África Pratts, em virtude de inadiáveis compromissos em Espanha.*
- *O original de Luís Francisco Rebelo «E' urgente o amor» deve ser estreado, no próximo dia 21, pela companhia de Augusto Figueiredo.*
- *Após a apresentação de «As Bodas de Sangue», de Lorca, o Teatro Experimental de Cascais vai principiar a ensaiar a peça de Tennessee Williams, «A duvida de Orfeu».*
- *A artista Fernanda Borsatti transita do Teatro Villaret para a companhia de Francisco Ribeiro.*
- *Por sua vez, a actriz Henriqueta Maya deve ingressar no elenco da companhia do A B C.*

VARIEDADES

Laura Alves em «A Flor do Cacto»

Ao Variedades continua todos os dias a afluir grande numero de publico, pois no cartaz está uma comédia que tem já 14 meses consecutivos de representações e que quanto mais se vê mais apetece ver, uma vez que o seu êxito é cada vez maior.

Laura Alves, na principal figura, Paulo Renato, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Ângela Ribsiro, Alexandre Vieira, Alda Pinto e Norberto de Sousa são pelos seus excepcionais desempenhos os responsáveis pelo êxito já alcançado. Hoje e todas as noites, espectáculos ás 21 e 45.

MONUMENTAL

«Lisboa é sempre mulher»

Prossegue no Monumental a sumptuosa revista «Lisboa é sempre mulher», um espectáculo de Vasco Morgado montado para oferecer ao seu publico e ao turismo teatro em pleno Verão.

Trata-se na verdade dum extraordinário espectáculo que está já em 3.º mês no cartaz, registando todos os dias, nas duas sessões, grandes enchentes. Do elenco fazem parte Camilo, Florbela e Breyner, nas principais figuras, muito bem coadjuvados por Maria Adelina, Octávio de Matos, Yola, Linda Silva, Célia de Sousa, Alice Carla, Hélder de Oliveira, Luís Mascarenhas e as atracções Maria Teresa Quinta e Vum-Vum. A encenação pertence a Camilo de Oliveira e a parte coreográfica foi entregue a Fernando Lima, que tem a seu cargo um «ballet» composto de 20 figuras. Actuam ainda 10 esculturais modelos. Hoje e todas as noites, espectáculos ás 20 e 45 e ás 23 horas.

MARIA VITORIA

«Grande Poeta é o Zé»

Giuseppe Bastos não pára um momento. E' co-produtor (com Vasco Morgado), do revista «Grande Poeta é o Zé» e avizinha-se a estreia deste espectáculo sobre que deposita as maiores esperanças em matéria de sucesso.

E' a centésima quinta revista de Aníbal Nazaré, que escreveu esta de parceria com Eugénio Salvador e José Viana.

Curiosamente, desta feita, dois dos autores são também cabeças de um elenco sensacional. Falamos de Salvador e José Viana que contracenarão com Mariema, Max, Anita Guerreiro, Dora Leal e Vitor Mendes.

Espectáculo que se quis luxuoso, conta, como atracção, a grande vedeta internacional Brigitte St. John, á frente de um grande «ballet» internacional.

«Grande Poeta é o Zé» tem musica de

(Continua na 6.ª página)

RECINTOS DE DIVERSÕES

* Realiza-se no dia 19, no Coliseu do Porto, a festa de homenagem ao artista Carlos Ramos.
* Continua a actuar numa «boite» da Ericeira, a cantadeira Fernanda Baptista.
* Deixou de fazer parte do elenco do Estribo o violista Castro Mota.

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta

TRIO ATHENEE
CONJUNTO VOCAL GREGO

BENTYBER DANCERS
COM CLAUDETTE WALKER

MARVYN ROY
O FANTÁSTICO "Mr. ELECTRIC"
HELENA TAVARES

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos
no wonder bar à 1.00h m/21anos

EDUARDO NASCIMENTO E OS ROCK'S
PAUL KING'S COMBO
JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

NO CINEMA, ás 17 e 21.30:
LONDRES É DE GRITOS!!
(M. 12 anos)

COLISEU

Hoje, às 21 e 30
(Maiores de 12 anos)

O GRANDIOSO ÊXITO

AS ESPINGARDAS DA DESFORRA

UM «WESTERN» CHEIO DE EMOÇÃO E VIOLÊNCIA

MONUMENTAL

Teat.. com AR REFRIGERADO
VASCO MORGADO apresenta
UMA FABULOSA «REVISTA»
com
Camilo - Florbela - Nicolau
MARIA ADELINA ★ OCTAVIO DE MATOS ★ YOLA ★ LINDA SILVA ★ CÉLIA DE SOUSA
AS ATRACÇÕES
MARIA TERESA QUINTA
VUM-VUM
UM EXCEPCIONAL
BALLET INTERNACIONAL
DE 25 FIGURAS
GRAÇA! RITMO! E LINDAS MULHERES!
15.ª SEMANA

HOJE — 2 SESSÕES: — 20.45 e 23 horas —
AOS DOMINGOS, A TARDE, AS 16 H. (ADULTOS)

HOJE
às 21.45 h.
(Adultos)
NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37

LAURA ALVES em
A FLOR DO CACTO
com PAULO RENATO • CARLOS J. TEIXEIRA
ALINA VAZ • ANGELA RIBEIRO • ALEXANDRE VIEIRA • ALDA PINTO • NORBERTO DE SOUSA
encenação de SANTOS CARVALHO
Um espectáculo de VASCO MORGADO
DUAS HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ
61.ª SEMANA

GALEÃO
RUA AUGUSTA, 190

SALDOS
Casacos Antílope e Cabedal — Gabardines de Senhora — Malas — Carteiras — Cintos — Sombrinhas — Luvas — Bijouteria, etc.
SALDOS

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

Vasco Morgado apresenta — ADULTOS
HOJE, 2 sessões: às 21 e às 23 horas
Bilhetes desde 5$00 — Ar refrigerado

Oh, que delícia de CROISA

Disparate cómico de Gila, encenado por Carlos Avilez, com
RAUL SOLNADO
ANA PAULA ★ BARROSO ★ BORSATTI ★ HENRIQUETA ★ LUÍS FILIPE ★ CARLOS QUEIROZ e ainda FIALHO GOUVEIA

Fernanda Borsatti

ABRE HOJE ÀS 16 HORAS A BILHETEIRA DO TEATRO

MARIA VITÓRIA

Para a ESTREIA da sensacional revista de ANÍBAL NAZARÉ, EUGÉNIO SALVADOR e JOSÉ VIANA
com música de JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS

com
SALVADOR
JOSÉ VIANA
MARIEMA
MAX
ANITA GUERREIRO
DORA LEAL
e VÍTOR MENDES

e a grande atracção
BRIGITE ST. JOHN

GRANDE POETA É O ZÉ!
ONDE O AMOR ABRAÇA O LUXO

LEIA AMANHÃ O NOSSO ANÚNCIO ESPECIAL

TV

DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

ALGUMA COISA DE QUASE COISA NENHUMA —

O programa de ontem começou por não existir. E tudo, tudo foi esperar pela fita da noite que eu não queria perder. Jack London que forneceu o argumento para a fita é um dos meus autores preferidos. Quero terminar estes apontamentos antes do cinema começar porque, a seguir, bicuaite!, não posso ouvir nem o zumbido de uma mosca, como se diz nos romances de aventuras.

Espera aí. Apontamentos. Mas apontamentos de quê? O programa da «Junta de Acção Social» deu-me uma manta de retalhos tecida na gasosa, não sei quê os selos e a História...

Restava-me a «Lanterna Mágica» mas logo fui obrigado a buscar novos horizontes. Aquilo afligia-me o cérebro — as perseguições, as explosões e até um desgraçado pronto a ser esmagado pela mó do gigante se não viesse o «Super-Rato».

Pobres meninos. Bom. E agora? Agora paciência e espera pela «Vida sã em corpo são». O tema regressa aos sinistrados nos caminhos de Portugal.

E' assim! coloca-se um lenço em volta da região ofendida, de modo a evitar a corrente sanguínea. Depois o lenço empapa e coloca-se outro lenço. Vão-se pondo lenços sucessivamente. E se não houver mais lenços? Deixemo-nos de perguntas indiscretas. É a melhor colaboração que podemos prestar ao responsável da rubrica.

A propósito (?) dos lenços recordo-me daquela anedota, não sei se conhecem, acontecida num exame de marinhagem ou coisa parecida.

O examinador — Que faz você em caso de tempestade?

O aluno — Deito a âncora.

O examinador — E se houver outra tempestade?

O aluno — Deito outra âncora.

O examinador — Suponhamos outra tempestade. O que faz?

O aluno — Lanço nova âncora.

O examinador — Homem, onde vai você arranjar tantas âncoras?

O aluno — Ao mesmo sítio onde o senhor arranja tantas tempestades...

Bom. Além dos lenços, ainda havia os garrotes. O garrote é coisa muito perigosa. Tem de haver muito cuidado na sua aplicação. Donde se conclui que a sorte para o sinistrado pode consistir em não haver nenhum «salvador» no seu caminho...

Deixem falar. Hoje acordei para o lado esquerdo. A lição de Ramiro sobre os primeiros socorros a (não) prestar tem muita, mas muita, utilidade. Pelo menos, eu acho. Pelo sim, pelo não, nunca sairei para a rua com menos de dez lenços. Mesmo que não esteja constipado.

M. C.

HOJE PODE VER...

● **Às 21 e 55: Variedades**

A R. T. P. apresenta no seu programa de Variedades, os artistas José Luís (ventriloquo), Pety and Bany (parelha de baile acrobático), Robert Robert (musico fantasista) Ellas (conjunto vocal), Carlos Belo e Lina Maria (cançonetistas) e ainda o «ballet» Stars Dancers e o conjunto de Mário Simões.

A realização está a cargo de Fernando Frazão.

NOS PALCOS DO MUNDO

Juliana Mateos e Elisa Ramirez desempenharão os papéis de Calixto e Melibea na peça «La Celestina», que está a ser encenada por César Ardavín.

*

Depois de «O ovo de avestruz», Luis Tejedor e Juan José Arteche estão a dar os ultimos retoques na adaptação e na tradução da comédia de John Patrick, «Coração Ardente», que vai ser representada pela companhia Maria José Goyanes-Emilio Gutiérrez Caba.

O CANDELABRO
RESTAURANTE-BAR
DE 1.ª CLASSE

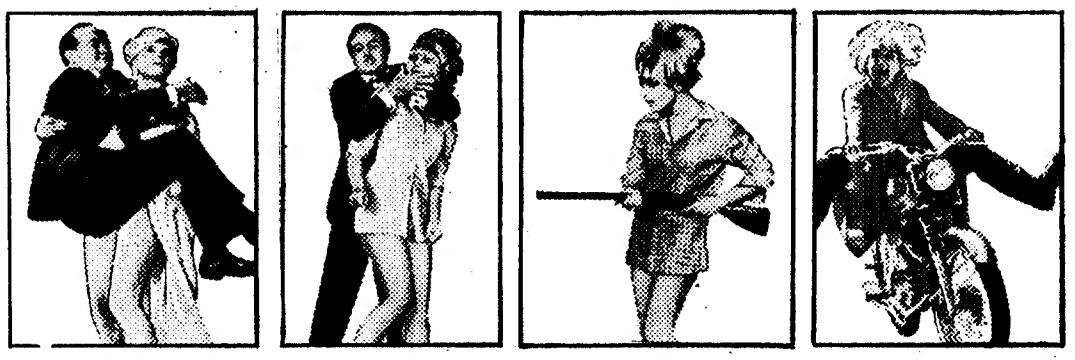
Tem o prazer de comunicar aos seus Ex.mos Clientes que inaugurou os serviços de chá e ceias.

Reservam-se salas para almoços e jantares
Servem-se banquetes

Rua Marquês de Subserra, 10 (Esquina da Rua Artilharia 1)
Telefones 680986 - 680968 LISBOA

TV FOGUETE — Telefone: 831223
Assistência permanente em Rádio e T. V. ao domicílio

Edward Small apresenta Bob Hope · Elke Sommer · Phyllis Diller



O MÁXIMO DA «LOUCURA» NUM VENDAVAL DE «GAGS» COMO NÃO HÁ MEMÓRIA!!!

ENGANEI-ME NO NÚMERO!

BOY, DID I GET A RONG NUMBER!

A encerrar o ciclo:
«HUMOR EM FESTIVAL»

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

HOJE • ESTREIA ÀS 21.30

UM ESPECTÁCULO HILARIANTE
NO MELHOR ESTILO BOB HOPE

com CESARE DANOVA MARJORIE LORD

Argumento de BURT STYLER & ALBERT E. LEWIN e GEORGE KENNETT
História orig. de GEORGE BECK Música de RICHARD LASALLE e "BY" DUNHAM

Produtor Associado GEORGE BECK
Realização: GEORGE MARSHALL

An EDWARD SMALL Production COLOR DeLuxe

Adultos

Um filme de UNITED ARTISTS

FILMES LUSOMUNDO

JO WALKER

UM DOS MAIORES ÍDOLOS DO PÚBLICO NA SUA MAIS RECENTE CRIAÇÃO!

O CÉLEBRE «COMISSÁRIO X», INTRÉPIDO, E AUDAZ COMO NINGUÉM, ADORADO PELAS MULHERES... ODIADO PELOS FORA DA LEI... MAIS UMA VEZ EM ACÇÃO!

comissário x

ACÇÃO EM CEYLÃO

A MORTE ESPREITA NAS RUAS DE CEYLÃO... OS «GATOS AMARELOS» ATACAM... E O CÉLEBRE CAPITÃO ROWLAND, COMPANHEIRO INSEPARÁVEL DO «COMISSÁRIO X»... É OBRIGADO A USAR O «KARATE» NUMA DAS LUTAS MAIS EXCITANTES JAMAIS VISTAS EM CINEMA...

TONY KENDALL ★ BRAD HARRIS
ANN SMYRNER ★ PHILIPPE LEMAIRE ★ MICHELE MAHAUT

HOJE ESTREIA EMOCIONANTE

ULTRASCOPE E EASTMANCOLOR

12 ANOS

POLITEAMA

PRÉMIO GUÉRIN DE FOTOGRAFIA ARTÍSTICA

No próximo mês, conforme já anunciado, realizar-se-á no «stand» da Guérin, na Avenida da Liberdade, uma exposição de fotografia artística integrada nas comemorações do cinquentenário daquela firma.

Para a referida exposição continuam a chegar à Guerin grande número de trabalhos dos concorrentes, muito expressivos e de apurada qualidade.

Apesar do prazo de entrega das fotografias se encerrar em breve, verifica-se um constante pedido de boletins de inscrição para o Prémio Guérin, o que ilustra o particular interesse que este concurso está a despertar.

CASQUINHAS
(FABRICANTES)
Rua de Santa Marta, 17-A
Telef. 51290 LISBOA

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

(Continuação da 4.ª página.)

João Nobre e Carlos Dias, figurinos de Mário Alberto executados nos «ateliers» Paiva e coreografia de Mariano Franco

AS ESTREIAS DE HOJE

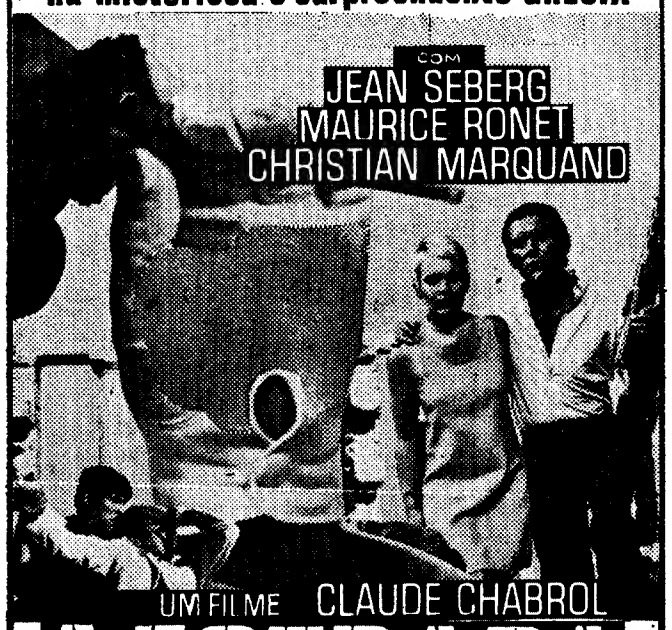
No São Jorge

Título em português — «Enganei-me no numero».
Produção — Inglesa.
Realização — George Marshall.
Intérpretes — Bob Hope, Elke Sommer e Phyllis Diller.
Género — Aventura.
Distribuição — Rank.
Processo — Color De Luxe.
Classificação — Adultos.

No Politeama

Título em português — «Comissário X acção em Ceylão».
Produção — Alemã.
Realização — Rudolf Zehetgruber.
Intérpretes — Jo Walkel, Tony Kendal, Brad Harris, Ann Smyrner, Philippe Lemaire e Michele Mahaut.
Género — Suspense.
Distribuição — Luso-Mundo.
Processo — Ultrascope Eastmancolor.
Classificação — 12 anos.

AMANHÃ no MUNDIAL ESTREIA
AMOR, ANGÚSTIA E SUSPENSE
na misteriosa e surpreendente GRÉCIA



COM JEAN SEBERG
MAURICE RONET
CHRISTIAN MARQUAND

UM FILME CLAUDE CHABROL

A ESTRADA DE CORINTO

ADAPTAÇÃO DE CLAUDE BRULÉ e DANIEL BOULANGER
DO ROMANCE DE CLAUDE RANK
DIÁLOGO DANIEL BOULANGER
com SARO URZI ANTONIO PASSALIA-PAOLO JUSTI
e MICHEL BOUQUET
EASTMANCOLOR

MAIORES DE 17 ANOS DISTRIBUIÇÃO DE EXC. TRIUNFO

AS VEDETAS PASSAM, BOGART FICA
PORQUÊ?

FILMES CASTELLO LOPES (50 anos)
apresenta

HUMPHREY BOGART

O ÚLTIMO DOS ANTIGOS O PRIMEIRO DOS MODERNOS

com
LAUREN BACALL
no filme de
DELMER DAVES

O PRISIONEIRO DO PASSADO
(DARK PASSAGE)
Maiores de 17 anos

HOJE APRESENTAÇÃO estúdio

com
GEORGE RAFT
no filme de
LLOYD BACON

HOMENS MARCADOS
(INVISIBLE STRIPES)
Maiores de 17 anos

AMANHÃ APRESENTAÇÃO estúdio 444

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES • REPOSIÇÕES •

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Mergulho no Passado» («The Swimmer»).

REALIZADOR — Frank Perry, 1967

INTERPRETES — Burt Lancaster, Janice Rule, Janet Landgard, etc.

Grande foi a decepção ontem á noite na sala do Cinema Império, onde se acabava de estrear este «Mergulho no Passado» que trazia a assinatura de Frank Perry, o mesmo autor de uma outra película de grande êxito e de indiscutível interesse: «David e Lisa».

Dirigido com grande falta de meios e reflectindo a todo o instante essa pobreza de recursos (erros de «racords», imagens mal captadas, montagem irregular, cópia mal tirada), «Mergulho no Passado» não decepciona, afinal, por isso. A falta de meios que ostenta poderia até ser uma recomendação, uma carta de alforria, o testemunho de uma dignidade que se não quis vender. Aliás, este é o tipo de filme que qualquer empresa produtora de cinema americano só aceitaria financiar, mercê de uma regalia especial e Frank Perry encontrou-a no nome de Burt Lancaster que se ofereceu para a interpretar, justificando assim os dólares nela empatados.

Por outro lado «The Swimmer» é um filme bem intencionado. Partindo novamente de um argumento de sua mulher (Eleanor Perry), Frank Perry pretende esboçar um grande painel humano da alta burguesia norte-americana vista panorâmicamente, através de uma viagem insólita: Ned Merrill (Lancaster) irá atingir a sua casa (situada no interior de uma região urbanizada, onde se encontram muitas famílias endinheiradas) nadando de piscina em piscina. Cada paragem numa dessas moradias serve de pretexto para uns quantos apontamentos que se querem críticos, onde aqui e ali aflora a sátira. Portanto, não seria também nas intenções dos autores que iríamos encontrar motivos para decepção. Sem novidades aparentes, seria mais um filme de crítica interna a um estilo de vida nada apetecível.

Mas, a decepção nasce quando se analisa o género de parábola em que essa crítica assenta. Nenhuma consistência, nenhuma violência ao longo de uma viagem de hora e meia insustentávelmente ridícula. Saltando de piscina em piscina, nas ultimas já coxo e de coração cada vez mais despedaçado, Lancaster nunca poderia ter talento suficiente para impor um personagem incaracterístico e patético. Na verdade nada havia a fazer partindo de tais postulados. Mas, se a situação central se nos afigura insustentável, a verdade é que toda a crítica nela contida (e que é, afinal, a justificação da obra) não consegue nunca ultrapassar o anedótico gratuito, viciada por uma superficialidade e um esquematismo que não encontram melhor designação do que simplesmente ridículos. Isto para já não falar do recurso sistemático a efeitos fotográficos de uma invulgar facilidade (folhinhas e florinhas, coelhinhos e malmequeres, rabanetes e hortaliças desfocadas em idílicas imagens de uma natureza acolhedora), nem ao redundante acompanhamento musical.

Enfim, foi com tristeza que saímos deste «Mergulho no Passado». Porque, apesar de tudo, «David e Lisa» possuia uma simplicidade e sinceridade expositiva. Façamos votos todavia, para que este *mergulho* não tenha sido falta ao casal Perry

LAURO ANTONIO

• NO COLISEU

TÍTULO — «Brincadeiras de Verão» (Ride wild Surf).

REALIZADOR — Don Taylor, 1966.

INTÉRPRETES — Fabian, Shelley Fabares, Tab Hunter, Barbara Eden, James Mitchum, etc.

De Don Taylor naviamos visto já uma outra película não há ainda muito tempo: «O Valete de Ouros». Esta que ontem se estreou no Coliseu é-lhe anterior, ao que cremos. Trata-se de um filmezinho rodado nas praias no Hawai e servindo de pretexto para a exibição das acrobacias de alguns dos mais famosos aguaplanadores do mundo. Com interpretação de um grupo de gente nova (Fabian, Shelley Fabares, Tab Hunter, Barbara Eden, Anthony Hayes, James Mitchum, filho de Robert Mitchum, Susan Hart), em «Brincadeiras de Verão» a vedeta é o *surf*, um desporto cada vez mais na moda, multiplicando-se os praticantes que se encarrapitam perigosamente no cimo das ondas, servindo-se de uma ripinha de madeira que desliza (algumas vezes) nas cristas das vagas.

TÍTULO — «As Espingardas da Desforra» («40 Guns to Apache Pass»).

REALIZADOR — William Witney, 1966.

INTÉRPRETES — Audie Murphy, Michael Burns, Kenneth Tobey, etc.

William Witney atravessou grande parte da história da cinematografia americana. Primeiramente, como autor de muitos dos *serials* que engrandeceram o género («Zorro», «Dr. Fu Manchu», além de outros), depois, como especialista em películas de pequeno orçamento e de consumo semanal. No filme do West, sobretudo, a sua produção é contínua, quase sempre de colaboração com Audie Murphy, o heroi do *western* de série B. «As Espingardas da Desforra» (40 Guns to Apache Pass), partindo de um argumento de Willard e Mary Willingham, é mais um título a juntar á sua já longa filmografia, sem que contudo nada de novo lhe acrescente. Audie Murphy, na figura de um oficial do Exército revolta, persegue traficantes e turevolta, perssegue traficantes e tudo volta a terminar em bem.—A. C.

• NO AVIS E NO ODEON

TÍTULO — «Por amor... por magia» («Per amore... per magia»).

REALIZADOR — Duccio Tessari.

INTÉRPRETES — Gianni Morandi, Rosemarie Dexter, Sandra Milo, Mina, Rossano Brazzi e Micha Auer.

Mais um «Festival Gianni Morandi» está á disposição em dois cinemas lisboetas, dos muitos admiradores do conhecido cançonetista italiano. Trata-se, como se sabe, de uma espécie de Tony de Matos transalpino, cujas edições de discos se esgotam com a rapidez natural nos artistas que têm um publico certo e que criaram um tipo de canção de que não saem, por saberem, é claro, que contam com o apoio de um certo publico cujo gosto não interessa para o caso.

Aliás o Morandi tem uma voz agradável, bem timbrada, o mesmo podendo dizer-se da colega Mina. O filme ontem estreado — que não passa de um motivo para pôr os dois rouxinóis a cantar — é uma fantasia moderna acerca da velha história de Aladino e da sua lampada mágica. A' volta deste tema, o argumentista dá largas á sua imaginação, muito bem ajudada, é verdade, pela camara que conseguiu dar-nos um espectáculo cheio de movimento e de exuberante mocidade. O ambiente cor-de-rosa, no estilo dos contos de fada, é efectivamente o mais propício ás canções onde o amor é o eterno tema, mesmo quando o letrista se esqueceu de lá pôr a palavra... mágica. — *X.*

• NO CONDES

TÍTULO — «A Ultrapassagem» (Il Sorpasso).

REALIZADOR — Dino Risi.

INTÉRPRETES — Vittorio Gassman, Jean Louis Trintignant e Catherine Spaak.

«A Ultrapassagem», que o Condes traz de novo até nós, constitui um dos melhores exemplos da obra de Dino Risi — um dos maiores realizadores italianos do após-guerra. Como classificar esta película? Uma comédia? Um drama? Uma farsa? É difícil, visto que se trata, antes, de uma crónica: a vida do dia a dia transposta para a tela, o relto vivo de um certo universo popular povoado de personagens que os cilam entre a comédia e o drama, entre o sonho e a vulgaridade.

Dino Risi é, por ventura, o mais fiel de todos os realizadores seus compatriotas a um certo género que caracterizou o cinema italiano: dar ao espectador a espontaneidade profunda da vida italiana.

Filme pleno de situações interessantes, de invenção e de alegria (esta sempre próxima do drama), «A Ultrapassagem» tem o mérito das excepcionais interpretações de Vitorio Gassman e Jean Louis Trintignante.

Só por eles vale a pena rever «A Ultrapassagem» — *T.*

COMPANHIA DE REVISTAS DO A. B. C.

No próximo dia 28, regressa do Ultramar a Companhia de Revistas dirigida pelo empresário José Miguel, que voltará muito brevemente á actividade na interpretação de um original com a rubrica dos habituais autores de textos destinados ao Teatro ABC: Paulo da Fonseca, César de Oliveeira e Rogério Bracinha

Ivone Silva continua como primeira figura deste elenco.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

NA **FEIRA POPULAR de LISBOA**

Tudo é encanto, animação e grande divertimento para toda a gente

UM ESPECTÁCULO QUE NÃO CANSA, QUE DIVERTE E DÁ ALEGRIA A TODOS OS VISITANTES

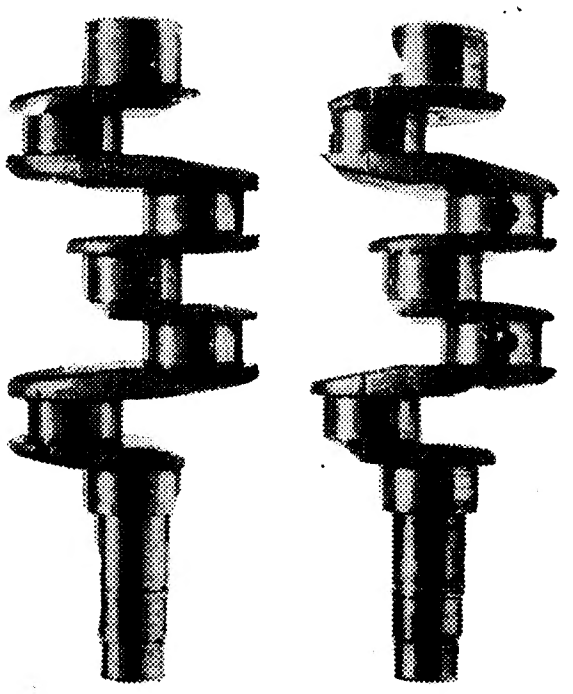
TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE

DE TUDO PARA COMER E PARA BEBER PARA TODOS OS GOSTOS E PARA TODOS OS PREÇOS

ENTRADA: QUINZE TOSTÕES • ABERTURA ÀS 19 HORAS

Todos os dias provas dos conhecidos vinhos «ROSAL» e «VERCOOP», OFERTA DE JOÃO CAMILLO ALVES e da UNIÃO DAS ADEGAS COOPERATIVAS DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES

Aos sábados: um sorteio de dez prémios



DUAS CAMBOTAS PARA O SEU VOLKSWAGEN.

MAS SÓ UMA DELAS É PEÇA LEGÍTIMA VW!

Se quiser verificar já neste momento qual a diferença, precisará de um bom laboratório com equipamento electrónico e instrumentos de medição altamente sensíveis... e de especialistas!

Mas também pode ver a diferença, se mandar montar as peças no seu Volkswagen. Claro que demora mais tempo... as pecas legítimas VW nunca desiludem!

UM SÍMBOLO DE

QUALIDADE • ECONOMIA • GARANTIA

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.

FILIAIS, AGENTES E OFICINAS AUTORIZADAS EM: AMADORA, ANGRA DO HEROISMO, ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BOMBARRAL, BRAGA, CALDAS DA RAINHA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVA DA PIEDADE, COVILHÃ, ELVAS, ESTREMOZ, ÉVORA, FARO, FUNCHAL, GUARDA, GUIMARÃES, HORTA, LEIRIA, LISBOA (AVENIDA PADRE MANUEL DA NÓBREGA — RUA ESCOLA POLITECNICA), MIRANDELA, MOURA, PONTA DELGADA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTIMÃO, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SANTO TIRSO, SÃO TOMÉ, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU.

PEQUENO MAGAZINE

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 12 de Setembro de 1938 publicava:

«LONDRES, 12 — Nos círculos militares britanicos afirma-se que, em consequência dos grandes armazenamentos de víveres feitos ultimamente, a Grã.-Bretanha está em condições de destruir os efeitos do bloqueio dos submarinos, no caso de, em futura guerra, aquelas máquinas de guerra cercarem as costas marítimas britanicas.

«Os mesmos círculos afirmam que os exércitos de Terra Mar e Ar se encontram prontos para qualquer eventualidade e que uma guerra não encontraria desprevenida a Grã-Bretanha.»

— Se o teu avião é mais rápido que o som, como posso eu ouvi-lo?

CURIOSIDADES

● A «panela com caixa de ar»

Uma inovação da indústria austríaca, de grande êxito entre as modernas utilidades domésticas, é a nova «panela com caixa de ar». Esta, situando-se entre as paredes exteriores e interiores do recipiente, impede que o extremo calor da chama prejudique os cozinhados e os faça transbordar ou queimar.

A nova panela é preferida para a cozinha dietética, especialmente destinada à preparação dos alimentos à base de leite e de carne sem matérias gordas. E completa-se com uma espécie de frigideira, que permite, do modo mais simples, conservar o calor da comida e até preparar estufados. Rodando o punho ou manípulo da panela, esta transforma-se fàcilmente numa frigideira, o que proporciona o substancial e intenso reaquecimento dos cozinhados.

● Gelo muito velho

Gelo da Antárctida, do ano em que Cristo nasceu, foi liquefeito na Academia Naval de Anápolis, nos Estados da América do Norte, e a água enviada ao Vaticano. Três blocos de gelo, com o peso de 130 libras, renderam 15 galões de água.

A perfuração do gelo na Antárctida começou em 1966 e ficou concluida em Janeiro findo, quando foi atingida a rocha, 700 pés abaixo da Estação de Byrd. Os cientistas mediram a idade do gelo consoante as camadas que se formam todos os anos e por meio de radiação.

● O pão nosso de cada dia

Em Neuenhaus, na Alemanha do Norte, funciona uma das mais modernas padarias, inteiramente automática, com capacidade horária de 40 000 fornadas. Há outra instalação com capacidade para 20 000, de módo que o conjunto pode preparar para consumo público 60 000 unidades em cada hora.

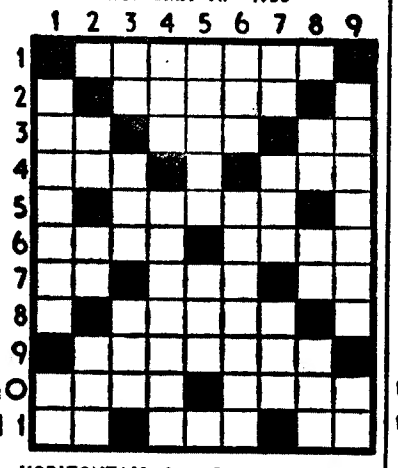
O gigantesco forno, também inteiramente automático, cose, numa hora, 40 000 fornadas.

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203 r/c. — Telef. 771639. (Ao Campo Pequeno)

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)
PROBLEMA N.º 4938



HORIZONTAIS: 1 — Pequeno crustáceo de água salgada. 2 — Dar balidos. 3 — Ênbio (s. q.). Negativa. Prefixo de privação. 4 — Pronome relativo. Acrescentei. 5 — Freguesia do concelho de Satão (Viseu). 6 — Estavam. Rezei. 7 — Neon (s. q.) Igual. Prata (s. q.). 8 — Espécie de trigo ou cevada, de que os antigos faziam uma espécie de cerveja. 9 — Ausência de sonoridade. 10 — Mamífero desdentado espécie de tatu. Solta latidos. 11 — Tempo do verbo haver. Nome de uma letra. Amónio (s. q.).

VERTICAIS: 1 — Limitado. Interjeição que exprime admiração. 2 — Estrépito de desmoronamento. Nota musical. Bolo de farinho de arroz e azeite de coco usado na Ásia. 3 — Prefixo que designa afastamento. Ave pernalta. Azáfama. 4 — Ilha inglesa no mar da Irlanda. Suplica. 5 — Invado. Rio de França. 6 — Curso de água natural e abundante. Espécie de chouriço em que entra o sangue do porco. 7 — Viração. Rio da Suíça. Pega. 8 — Preposição latina que designa movimento. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Letra grega 9 — Adversário. Preposição.

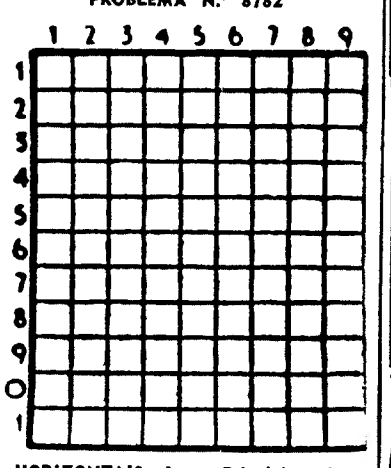
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4937

HORIZONTAIS: 1 — O. Pró. 2 — Maré. Aida. 3 — Ato. Amai. 4 — Rima. Aras. 5 — Notar. Só. 6 — Cavaram. 7 — Emprega. 8 — Lar. Lás. 9 — Aso. Anhos. 10 — Dá. Arão. 11 — Omega. Rum.

VERTICAIS: 1 — Omar. CALADO. 2 — Atina. Asam. 3 — Promovera. É. 4 — Re. Atam. Ag. 5 — O. Arpoara. 6 — Amarar. Na. 7 — Fiar. MELHOR. 8 — Dias. Gao. 9 — Fa. Somassem.

(Provérbio: O CALADO, É O MELHOR)

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8782



HORIZONTAIS: 1 — Principiou. 2 — Concerto musical nocturno. 3 — Antes de Cristo. Chefe etíope. Viração. 4 — Palmeira da Amazónia. Equipe. 5 — Alugaríam. 6 — Artigo definido (ant.). Abreviatura de m'ster (senhor) em inglês. 7 — Montara. 8 — Rio da Russia. Rezal. 9 — Batráquio. Forma apocopada e proclítica de vale. Senhor. 10 — Rede em que as mulheres envolvem o cabelo. 11 — Serra de Portugal.

VERTICAIS: 1 — Diplomata e humanista francês que na sua época foi um dos melhores. O seu tratado De Le Navali foi considerado muito tempo como autoridade no assunto. Espécie de argila usada em tinturaria. 2 — Acareara. 3 — Artigo definido. Erva rasteira e fina. Aqui. 4 — Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. Freguesia do concelho de Portimão. 5 — Estava. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Oásis; 6 — Emparelhar. Porção de mar que entra pela terra, com uma abertura muito larga. 7 — Alternativa. Versejar. Campeão. 8 — Acorrentas. 9 — Carruagem. Encoleriza.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8781

HORIZONTAIS: 1 — Acra. MMCC. 2 — Toa. AAA. 3 — Er. Bar. Ir. 4 — Atra. Erom. 5 — Roer. Gamo. 6 — Gr. Um. 7 — Álea. Lata. 8 — Bari. Além. 9 — Am. Sim. Mi. 10 — Fão. Sem. 11 — Asso. Fero.

VERTICAIS: 1—Atear. Abafa. 2—Corto. Lamas. 3 — Rã. Reger. Os. 4 — Barrais. 5 — Fa. Io. 6 — Regulam. 7 — Má. Ramal. Se. 8 — Caiam. Temer. 9 — Carmo. Amima.

Gravadores

SONY

JAPÃO

a mais alta qualidade musical...

TC-230W

representantes para Portugal
EMÍLIO DE AZEVEDO CAMPOS & C.ª L.da
departamento de material electrónico
Rua de Santo António, 137-145 - Porto
distribuidores em Lisboa
ANTÓNIO BARÔ, L.da - Rua da Assunção, 99 - 2.º D.

CICLO PREPARATÓRIO E CURSO LICEAL | **DIURNOS NOCTURNOS**
Instrução Primária
EXTERNATO DE ALVALADE
TEL. 771965 — R ISIDORO VIANA, 12 (C. PEQUENO)

BAQUELITES E EBONITES
EM CHAPAS, TUBOS E VARÕES
CARTÃO HIDRÁULICO DESDE 0.10 a 4 m/m
FIOS ESMALTADOS DESDE 0,05 a 2,5 m/m
TUBOS, FITAS E TELAS ENVERNIZADAS
VENDE AOS MELHORES PREÇOS
SOCIEDADE CENTRAL DE VENDAS, LDA.
Rua dos Fanqueiros, 262-3.º — LISBOA — Telef. 36 61 87

T.V.
SCHAUB LORENZ
RÁDIO

Fornecimento de:

A — 1 viatura de tipo «furgon»

B — 1 viatura ligeira, mista

CONCURSO PÚBLICO N.º 52/68

No Serviço Central de Aquisições do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos — Avenida 24 de Julho — Lisboa, onde se encontram patentes as condições do concurso, recebem-se propostas para o fornecimento em referência.

As propostas são abertas no dia 2 do próximo mês de Outubro pelas 15 horas, devendo fazer-se a sua entrega e a dos correspondentes depósitos até ás 15.45 horas do dia util imediatamente anterior.

Lisboa, 12 de Setembro de 1968.

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.º, Esq.º Telef. 32 06 60

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ºs e 5.ºs — 7 h.

Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ºs, 4.ºs 5.ºs e 6.ºs — 15.30 h.

Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ºs e 5.ºs — 15 h.

Dr. A Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ºs, 5.ºs e sáb. — 16 h.

Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar., e Ouv. — 14 h.

Dr. Ferreira Malaquias—Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ºs, 4.ºs e 6.ºs — 19 h.

Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.

Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ºs e 5.ºs — 17 h.

Dr. Jorge Falcão — Pele e Sífilis — 15.30 h.

Dr. Luís Abecasis — Coração, Electrocardiografia — 3.ºs 5.ºs e sábados — 14 h.

Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.

Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Profi. Mental—3.ºs e 5.ºs—18.30 h.

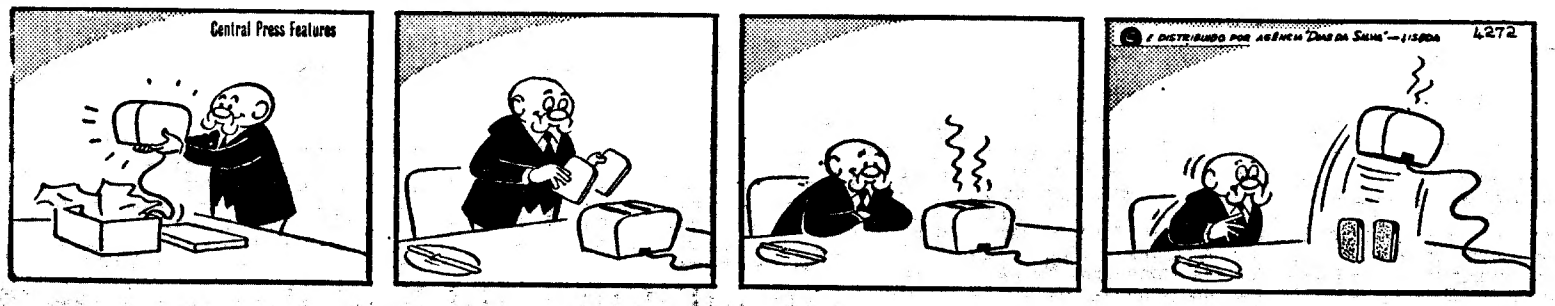
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ºs, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.

Dr. J Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.

Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.

Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

AVENTURAS DO TIO CARLOS



A REJEIÇÃO DO NOVO PEDIDO DE AUMENTO DAS TARIFAS DA CARRIS

(Continuação da 1.ª página)

recorreu daquela deliberação, como lhe é facultado pelos art.os 6.º e seguintes do contrato de 28 de Março de 1922; considerando não estarem ainda concluídos os estudos mandados elaborar por departamento oficial relacionados com a comportabilidade pela Empresa Concessionária do encargo resultante da recente elevação de salários, fundamento bastante invocado pela deliberação desta Câmara Municipal, em 14 de Agosto último, além de não se respeitar na proposta o princípio da tarifa única presentemente em vigor, por decisão da Comissão Arbitral de 3 de Março de 1967; proponho: que esta Câmara Municipal não aprove o aumento de tarifas pedido pela Companhia Carris de Ferro de Lisboa em sua carta n.º 5714, de Agosto p. p., quanto aos transportes públicos de que é concessionária.»

● Cuidado e reflexão

O eng.º-agrónomo Santos e Castro disse:

«*Apenas com intervalo de poucas semanas sobre a sessão extraordinária do mês findo, está de novo posto á nossa consideração o pedido da Companhia Carris de Ferro de Lisboa para um aumento de tarifas nos carros eléctricos de transporte público, pedido este que se fundamenta num aumento de salários do seu pessoal que foi determinado pelo Ministério das Corporações.*

Não tenho qualquer dúvida em aprovar um projecto de resolução que V. Ex.ª nos apresente que não dê, agora, satisfação ao pedido em causa.

Porém, para que não fique a ideia — pelo menos quanto a mim — de que a questão foi ou está sendo encarada apenas em termos aritméticos ou, o que seria pior, se aceita simplesmente que, ainda nestes termos, o problema residirá em conhecer fundamentalmente os elemeñtos que habilitem a uma satisfação possível do pedido em apreciação, penso indispensável formular nesta sessão, apenas em breve apontamento ou breve alusão, algumas dúvidas quanto á essência da questão.

Aliás, quando os serviços competentes do Ministério das Corporações usaram certamente da maior prudência ao estudar o problema de salários cuja solução serve, agora, de fundamento ao pedido de aumento de tarifas por parte da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, ninguém estranhará também que esta Câmara use de igual cuidado e ainda maior reflexão. Efectivamente, enquanto no primeiro problema estava em causa a situação de sete ou oito mil servidores da empresa, no segundo — aquele que está posto á consideração — fica em causa a situação de centenas de milhares de habitantes da cidade.»

● Precária a situação jurídica da exploração dos transportes públicos em autocarros

«*Seria, sem dúvida, absurdo que qualquer de nós entendesse ser viável impor a uma empresa de interesse público limites de receita inferiores aos níveis de encargos. Tudo estará ou estaria em definir o justo equilíbrio entre umas e outras.*

Mas também é verdade, sem que com isso se ofenda aquele princípio, que em situação de difícil recurso ao aumento das receitas — como é o caso presente — se deve procurar a solução num campo mais amplo de raciocínio, quase diria de imaginação.

A Companhia Carris de Ferro de Lisboa é uma empresa privada concessionária de um serviço público, mas não se infere dos termos da concessão que lhe caiba o direito de vir, a cada variação do custo dos factores, solicitar a esta Câmara o aumento dos preços dos transportes. Por outro lado, dada a natureza do serviço, não pode a Câmara dispensar-se de uma análise muito pormenorizada da situação da empresa antes de consentir qualquer aumento de tarifas e estamos assim chegados a que esta Câmara passa á preocupar-se com a administração de um vasto e indispensável sector de vida da cidade que, certamente, dele não quis outrora ocupar-se e por isso o deu de concessão. Este um aspecto que se me afigura grave para a empresa com a prática que vem seguindo de que, neste caso particular, apenas parcialmente estará absolvida.

Daqui poderão alguns inferir uma primeira duvida quanto aos fundamentos da concessão, o que não adianta aprofundar nesta fase do problema. A ele teremos certamente de voltar nos próximos meses.

Sucede, ainda, que por circunstancias que o passado regista, se encontra numa situação jurídica precária a exploração dos transportes publicos em autocarros que a empresa há duas dezenas de anos vem fazendo. Por um lado, nada fez a Companhia Carris de Ferro para deixar de subtrair á autoridade desta Camara quanto se prende com o seu serviço de autocarros com o fundamento de que, dada a natureza experimental deste serviço (!), não está o mesmo abrangido pelo contrato de concessão mas, por outro lado, serviu-lhe este contrato para defender uma posição de concessionária exclusiva dos transportes á superfície, quando outrem pretendeu montar um serviço de autocarros na cidade de Lisboa.

● Um metropolitano maior

E o eng.º-agrónomo Santos e Castro acrescentou:

— *Finalmente, parece não dever esquecer-se que a Companhia Carris de Ferro não é hoje a unica transportadora publica na cidade. Com grande denodo desta Camara nasceu e tem de crescer o metropolitano de Lisboa, no qual a Camara tem, por força de várias circunstancias, vultuosos interesses financeiros. Paralelamente, todos os munícipes atentos se recordam de como actuou a Companhia Carris de Ferro de Lisboa durante as diligências para a criação da Empresa do Metropolitano.*

Quando tantas e tantas dificuldades financeiras se têm encontrado para levar por diante — de arrancada como seria necessário — a rápida ampliação desse meio de transporte, que é o unico que pode trazer a solução para os problemas de tráfego — o nosso metropolitano — a alguns poderá ficar a duvida de que esta Camara esteja no melhor caminho facilitando a multiplicação de uma rede de transportes de superfície, cada vez mais lenta na deslocação dos seus veículos, cada vez dificultando mais o tráfego automóvel.

Nestas três duvidas, estão quanto a mim três campos de raciocínio para o problema trazido pela Companhia Carris de Ferro de Lisboa ao pedir um aumento de tarifas com fundamento numa situação que afirma ser de inviabilidade económica.

Já nesta Câmara, na sessão extraordinária anterior, o sr. vereador Pereira Bernardes invocou o poderoso argumento dos que teriam de pagar o pedido que temos em apreciação. É, portanto, supérfluo referi-lo hoje de novo, tanto mais que este aspecto está vivo no pensamento de V. Ex.ª e no de todos nós. Por mim, direi apenas que não voltarei, enquanto aqui estiver, qualquer aumento de tarifas dos transportes públicos desde que a questão se revele nos termos simplistas em que está posta. Pessoalmente, creio que o problema nos avisa de que está chegado aquele momento de crise quanto á economia e á planificação dos transportes públicos de Lisboa por que outras capitais já passaram e, entre nós, já alguns previram. No meu modesto entender será um erro de alto preço alterar o que quer que seja fora dum amplo conceito de revisão de todas as questões.

E, não há hipótese válida fora desta alternativa: ou a Companhia Carris de Ferro de Lisboa, entende que lhe cabe dar uma contribuição decisiva para um esquema adequado de transportes urbanos ou, na atitude contrária, restar-lhe-á o esforço da sobrevivência até ao termo dos dezoito anos que lhe restam do contrato de concessão.

Eu sei, sr. presidente, que isto é apenas a opinião de um vereador. Mas o vereador sou eu e a opinião que tenho é esta.»

O dr. Manuel Antunes Branco manifestou-se no mesmo sentido, concluindo por dizer que, não estando ainda terminados os estudos quanto á situação financeira da Carris entende ser de manter a orientação definida pela Câmara na sessão de 14 de Agosto último, indeferindo a esta nova petição, mas sem prejuizo da possibilidade do reexame do assunto, a pedido da empresa, logo que os referidos estudos estejam concluidos.

O sr. Mineiro Pessoa começou por dizer não poder supor que a Carris não tenha possibilidades financeiras para fazer face ao aumento concedido ao seu pessoal; e combateu qualquer aumento de tarifas.

A rejeição do pedido da Carris foi aprovada por unanimidade.

A próxima reunião publica é no dia 19.

O TEMPO QUE FAZ

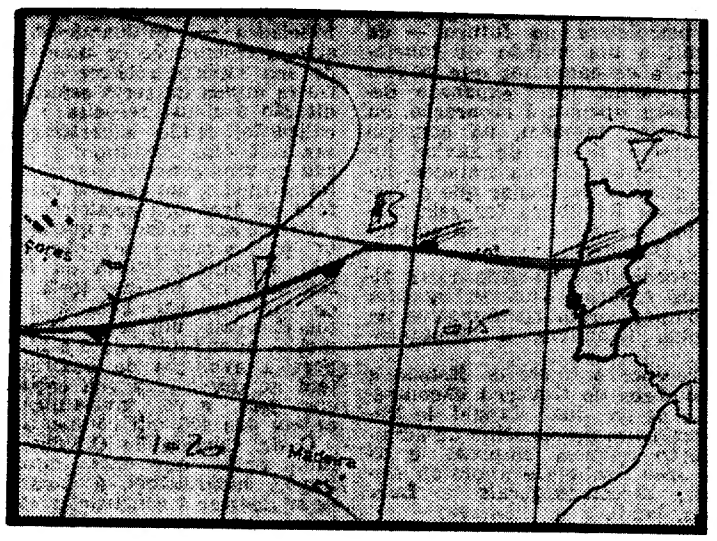
Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado, chovia em várias regiões do norte e centro e o vento era fraco ou moderado e predominava de Sul.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 27°,8; mínima: Montalegre, 8°,6

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 18°; Faro, 21°; Lisboa, 19°; Penhas Douradas, 14°; Portalegre, 16°; Porto, 14°; Funchal, 22°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 18°,7; na água do mar, 16°



Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje

EVOLUÇÃO PROVAVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 13 — Deve manter-se a influência da superfície frontal que se estende através da Península Ibérica até á região dos Açores.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

SOL Amanhã: Nascer ás 7 e 16 Ocaso ás 19 e 49

PREIA-MAR: Dia 12 — 7 e 18 (3,6 m); 19 e 38 (3,5 m). Dia 13 — 7 e 57 (3,5 m); 20 e 17 (3,3 m). Dia 14 — 8 e 40 (3,3 m); 21 e 12 (3,1 m). **BAIXA-MAR:** Dia 12 — 0 e 42 (1,3 m); 12 e 57 (1,4 m). Dia 13 — 1 e 17 (1,5 m); 13 e 40 (1,6 m). Dia 14 — 1 e 58 (1,8 m); 14 e 30 (1,9 m).

CÉU MUITO NUBLADO; VENTO DO SUL OU SUDOESTE FRACO A MODERADO; PERÍODOS DE CHUVA.

Dia 14 Dia 22 Dia 29 Dia 6

ANTEVISÃO DAS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS MÉDIAS, NO CONTINENTE, ATÉ AO DIA 25: céu frequentemente muito nublado, com períodos de chuvisco e de chuva, por vezes aguaceiros, sobretudo no litoral Oeste e nas regiões do interior do Norte, onde poderão ocorrer também trovoadas. Vento fraco a moderado do quadrante sudoeste. Melhoria do estado do tempo nos últimos dias do período, com céu geralmente pouco nublado e vento fraco a moderado do quadrante noroeste. Temperatura média do ar de início próxima dos valores normais, tendendo, subsequentemente, a tornar-se inferior a esses valores.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Jaime Fernandes

Jaime Fernandes

Faleceu ontem, inesperadamente, quando parecia recomposto de uma doença que o afastara algum tempo do serviço, o sr. Jaime Aníbal da Conceição Fernandes, subchefe das oficinas gráficas do nosso prezado colega «Diário de Notícias».

Profissional de grande capacidade de trabalho e muitos méritos, possuia também dotes de espírito, de carácter e de cultura que o impunham. Era funcionário daquele jornal há 29 anos, onde ingressou como linotipista. Depois, as suas qualidades profissionais e humanas foram a causa de sucessivas promoções, até atingir o cargo que desempenhava, com zelo, competência e lealdade para com superiores e subordinados. Neles despertou sempre, por isso, apreço, respeito e estima.

Jaime Fernandes era natural de Lisboa, onde nascera há 54 anos.

Era casado com a sr.ª D. Lurdes de Oliveira e Silva Fernandes; filho da sr.ª D. Amélia da Conceição Fernandes; irmão da sr.ª D. Celeste Laurinda da Conceição Fernandes Coelho, casada com o sr. António Coelho e do sr. Manuel da Conceição Fernandes, empregado superior da firma Sonefe, ausente no Lobito, casado com a sr.ª D. Irene Fernandes; e pai da sr.ª D. Ilda da Silva Fernandes Pereira, casada com o sr. Manuel da Conceição Pereira, e do sr. dr. Jorge da Silva Fernandes, primeiro-tenente médico da Armada, casado com a sr.ª D. Miquelina Júlia Marinho Fernandes.

O funeral realiza-se amanhã, ás 16 horas da igreja das Mercês, onde o feretro foi depositado hoje, para o cemitério de Benfica.

À família enlutada apresentamos as nossas condolências.

D. Emília Fernandes Agostinho

Faleceu esta manhã, numa casa de saude em Lisboa, a sr.ª D. Emília Fernandes Agostinho, de 77 anos, viuva, natural de Ponte de Lima, mãe dos srs. Artur Agostinho, locutor da E. N. e director da Sonarte e do nosso prezado colega «Record», e Fernando Agostinho e da sr.ª D. Julia Agostinho.

O funeral realizar-se-á amanhã, a hora a designar, saindo da igreja de S. João de Deus para o cemitério de Benfica.

Á família enlutada, em especial a Artur Agostinho, apresenta o «Diário de Lisboa» sentidas condolências.

Dr. Rodrigo Manuel Machado

PORTO, 12. — Faleceu, em consequência de um acidente de viação, ocorrido ao princípio da noite de ontem, na estrada Porto-Santo Tirso, como noutro local noticiámos, o sr. dr. Rodrigo Manuel Machado, de 67 anos, solteiro, advogado, que residia na Rua de São Martinho, 21.

O funeral do conhecido causídico, a cargo da Casa Alberto Xavier, sai amanhã, ás 15 horas, da igreja da Lapa para o cemitério de Freamunde.

EMÍLIA FERNANDES AGOSTINHO

O Pessoal da SONARTE PUBLICIDADE, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da mãe do seu Sócio-Gerente, Ex.mo Senhor Artur Fernandes Agostinho. O corpo encontra-se depositado na Igreja de S. João de Deus. O funeral realiza-se amanhã, pelas 11 horas, para o cemitério de Benfica.

EMÍLIA FERNANDES AGOSTINHO

IMPACTO PUBLICIDADE cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da mãe do seu sócio Ex.mo Sr. Artur Fernandes Agostinho.

O corpo encontra-se depositado na Igreja de S. João de Deus.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 11 horas, para o cemitério de Benfica.

EMÍLIA FERNANDES AGOSTINHO

A SONARTE PUBLICIDADE, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da mãe do seu Sócio-Gerente, Ex.mo Senhor Artur Fernandes Agostinho. O corpo encontra-se depositado na Igreja de S. João de Deus, realizando-se o funeral amanhã, ás 11 horas, para o cemitério de Benfica.

AGÊNCIA GASPAR
Rua dos Anjos, 34-A — Telef. 52183

EMÍLIA FERNANDES AGOSTINHO

O pessoal da IMPACTO PUBLICIDADE cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da mãe do seu sócio Ex.mo Sr. Artur Fernandes Agostinho.

O corpo encontra-se depositado na Igreja de S. João de Deus.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 11 horas, para o cemitério de Benfica.

OS ESTUDOS PARA A 2.ª FASE DOS ESTALEIROS DA LISNAVE

APRECIADOS PELO CHEFE DO ESTADO E TRÊS MINISTROS

As soluções em estudo para a expansão dos estaleiros da Lisnave, através do início da construção da 2.ª fase das suas instalações, criando novas docas, que possam servir, inclusive, ás reparações dos superpetroleiros do futuro — de 500 mil a um milhão de toneladas —; e os caminhos que podem deparar-se-lhe, nessa expansão, dedicando-se, apenas, á reparação, ou lançando-se, também, na construção total e intensa de navios, foram os temas fulcrais tratados durante a visita particular que o Presidente da República fez esta manhã aos estaleiros daquela empresa na Margueira.

Antecedendo a chegada do sr. almirante Américo Thomaz, também ali compareceram os ministros da Marinha, Economia e Comunicações.

A receber o Chefe do Estado e os membros do Governo encontravam-se os srs. José Manuel de Melo, presidente do conselho de administração daquela empresa, e os engs. José Rocheta e Thorston Andersen, directores-gerais e Luís Gomes, também da Lisnave.

Na sala do conselho, o sr. eng.º Bissaya Barreto, da Profabril, empresa pertencente ao grupo que engloba a Lisnave, e encarregada dos estudos e trabalhos respeitantes á concretização da 2.ª fase daquela, fez pormenorizada e bem documentada exposição sobre as soluções e hipóteses previstas para tal expansão. As hipóteses em estudo são condicionadas pelas duas posições existentes, actualmente, quanto ao futuro da construção naval, no que respeita á tonelagem dos novos petroleiros. Assim, a crise de hoje nesse sector é reflexo de concepções antagónicas e reflecte, igualmente, os problemas da situação política internacional. Com efeito, os problemas do Médio-Oriente, as consequências do encerramento do canal de Suez estão, além de estudos e considerandos técnicos, na base das teses propostas para o futuro: construção de unidades de tonelagem do tipo maior hoje construído — á volta das 300 mil toneladas —; ou arrancada decisiva para o lançamento de superpetroleiros (500 mil a um milhão de toneladas).

A Lisnave, segundo foi afirmado, tem de se expandir. E rápidamente, investindo de novo, quando está ainda, lògicamente, a amortizar os investimentos recentes da construção da 1.ª fase. Põe-se, assim o problema de criar novas docas — uma delas para petroleiros acima de 100 mil toneladas —, estudando-se, inclusive, a construção de uma destinada aos superpetroleiros do futuro. Outra alínea de sério estudo e meditação é a que respeita á sua localização, sendo encaradas diversas soluções, incluindo a construção de uma grande ilha, bem como foi afirmado, um *caso* de vida ou de fora da área dos estaleiros.

Parece ser melhor a que se orienta para a sua construção, na área da Margueira, junto da Estrada Nacional n.º 10, que teria, assim, de ser desviada. Este é segundo foi afirmado, um «caso de vida ou morte, num futuro de 5 a 10 anos», para a evolução da empresa que tem de duplicar a sua capacidade com este novo investimento, da ordem dos 400 mil contos.

O dr. Correia de Oliveira acentuou, então, que outra missão se impõe, indiscutível, á Lisnave: a de se dedicar á construção, «á construção em cheio», e não, apenas, á reparação, como predominantemente tem acontecido e encarado para o futuro. É, acentuou, um imperioso ditame de alto interesse nacional, mesmo que tal construção seja mais onerosa do que a importada.

Ora acontece que, segundo sublinhou o sr. José Manuel de Melo, o departamento de construção naval da Lisnave tem dado, nos últimos 7 anos, uma média de 20 mil contos de prejuízo anual. Assim, tem ele vindo a ser, progressivamente, desmobilizado com vista á sua extinção.

Verifica-se, pois, que, em vista das ponderosas razões nacionais, que impõem uma política de construção naval totalmente nacional (incluindo a tecnologia, importada até aqui: projectos, etc.) e tratando-se, também, de um problema macro-económico que ultrapassa o nível de uma empresa, há que estudá-lo, equacioná-lo e resolvê-lo em dimensão nacional — concluiu-?se na conversa — de colaboração estreita Estado-empresa, aceitando o princípio, considerado imprescindível pela parte empresarial, de substancial apoio financeiro estatal.

Os rumos da construção naval, segundo também se acentuou, foi-se na conversa — de colaboração almirante Américo Thomaz.

O sr. Presidente da República e os membros do Governo presentes visitaram, depois, diversos gabinetes e instalações dos estaleiros, seguindo, então, para o petroleiro em construção.

Terminada a visita, o sr. almirante Américo Thomaz e ministros foram obsequiados com um almoço oferecido pela administração dos estaleiros.

Ladeado ádireita pelo sr. José Manuel de Melo e pelo ministro da Marinha e, á esquerda, pelo titular da pasta da Economia, o Presidente da República ouve a exposição relativa à 2.ª fase dos estaleiros da Lisnave

A abertura do primeiro troço da Auto-Estrada do Norte fez aumentar de 69 %, nos primeiros cinco anos de exploração, o tráfego automóvel entre Sacavém e Vila Franca de Xira

AUTO-ESTRADA DO NORTE: OS BENEFÍCIOS (PARA O PERÍODO 1962-1981) DEVEM ULTRAPASSAR UM MILHÃO E MEIO DE CONTOS

«Os benefícios para a comunidade resultantes da utilização da auto-estrada do Norte devido ao menor custo de operação, tempo de percurso e acidentes, assim como à comodidade e conveniência de circulação, estimam-se em 1 669 271 contos no período 1962-1981, correspondentes a uma rentabilidade económica de 20 por cento», lê-se num estudo do eng.º A. D. Ferreira do Nascimento, agora publicado pela Junta Autónoma das Estradas.

Estas conclusões foram obtidas no seguimento da determinação dos consumos de combustível e dos tempos de percurso no antigo troço de estrada (N.º 10) antes da inauguração da referida via rápida, mais tarde cotejados com iguais valores respeitantes já à auto-estrada. Outras alíneas, como a comodidade, conveniência e média de acidentes, entraram também no cálculo.

Segundo o eng.º Ferreira do Nascimento, cujo estudo se intitula **Benefícios Económico-Sociais das Auto-Estradas**, «a maioria das estradas existentes resultam de sucessivas melhorias introduzidas em estradas construídas anteriormente à grande expansão do automóvel, que teve lugar após a I Guerra Mundial, de modo a adaptá-las a o novo meio de transporte».

Traçados inadequados

Prosseguindo na sua exposição, o autor acrescenta que «essa adaptação, assim como a construção de novas estradas, foi efectuada durante muitos anos segundo métodos empíricos, o que teve como consequência a deterioração rápida das mesmas e o agravamento progressivo dos seus defeitos iniciais, devidos principalmente a características geométricas obsoletas».

São para meditar estas palavras do eng.º Ferreira do Nascimento: «Os efeitos sociais e económicos da situação exprimem-se por taxas de acidentes e perdas de tempo inadmissíveis, seja qual for o aspecto por que se encarem».

Quer isto dizer, e o autor não o perde de vista, que «as dificuldades da circulação são devidas essencialmente à enorme disparidade que existe entre o veículo moderno que é o automóvel e os traçados inadequados que utilizar, tanto nas zonas rurais como urbanas. Consequentemente, a solução lógica será construir estradas só para os veículos automóveis, com características geométricas que permitam a circulação com comodidade e segurança».

Duas condições importantes refere o eng.º Ferreira do Nascimento, são a circulação exclusiva de veículos automóveis e o «contrôle» dos acessos (por exemplo às propriedades marginais).

Menos 72% de acidentes

Depois de passar em revista os principais pontos de incidência do estudo realizado, insere o autor alguns números concludentes. Assim, o tráfego médio diário na auto-estrada do Norte aumentou 69 por cento no período 1962-1966 . (8823 veículos em 1966, dos quais cerca de 13 por cento de veículos), com uma percentagem média de aumento de 14 por cento, prevendo-se que tal percentagem venha, muito naturalmente, a decrescer dentro de dois anos.

Os benefícios directos são de $33/km para os veículos ligeiros e $43/km para os pesados. Quanto ao número de acidentes, notou-se um decréscimo da ordem dos 72 por cento, o que também vem a traduzir-se, como é óbvio, numa economia (de $05) por veículo e por quilómetro.

Minério de Angola para o Japão

Com destino ao Japão fazem-se amanhã, no Porto Salazar, em Moçamedes, mais dois embarques de minério de ferro de Cassinga, um no navio, «World Soya» de 67 000 toneladas e outro no «Westminster Bridge» de 9400.

Dois dias depois, será feito novo carregamento (24 000 toneladas) com destino á Grã-Bretanha no navio «Transocianica Francesca».

Completam-se assim cerca de 1 614 000 toneladas de minério angolano exportado através de Moçamedes, no corrente ano.

SOPAL

SALDOS FIM DE ESTAÇÃO

NO PRONTO A VESTIR

SERVIÇOS — VIDROS — REVESTIMENTOS
TECIDOS DECORATIVOS — PLÁSTICOS

RUA IVENS, 58-64

COLÉGIO MODERNO

Rua de Malpique, 19 e 22 (ao Campo Grande)
LISBOA 4 — Telefones 775038-761239-775072

MATEMÁTICAS MODERNAS
6.º ANO LICEAL

A Direcção informa que estão abertas as matrículas para a frequência das turmas de Matmáticas Modernas (6.º ano) que funcionarão no próximo ano lectivo 1968/69.

Continuam igualmente abertas as matrículas, em regime de internato, semi-internato, ou externato, para a frequência de **instrução primária, ciclo preparatório do ensino secundário** e **curso liceal** (sexo masculino), bem como da **secção infantil e pré-primária** (para ambos os sexos).

Espero voltar a Portugal sempre que me seja possível

— declarou-nos Robert Bréchon que deixou o cargo de conselheiro cultural da Embaixada de França

Robert Bréchon, que durante seis anos exerceu com raro dinamismo, e com o brilho da sua cultura e inteligência, o cargo de conselheiro cultural da Embaixada de França e de director do Instituto Francês em Portugal, vai deixar o nosso País, tendo sido já nomeado para director de um estabelecimento de ensino na sua pátria. Ensaísta, crítico e escritor de nome feito e reconhecidos méritos, a par de homem de acção cuja capacidade organizadora teve oportunidade de pôr á prova na magnífica obra que realizou em Portugal, Robert Bréchon deixa também numerosos amigos no nosso País, especialmente entre escritores e artistas.

— Espero voltar a Portugal sempre que me seja possível — declarou-nos Robert Bréchon. **— Estes anos aqui foram para mim, quer no plano pessoal quer no profissional, uma experiência diferente de todas as outras: agradável, feliz e, creio, enriquecedora. Por outro lado para um francês viver no vosso país é completar o conhecimento da civilização latina e ocidental.**

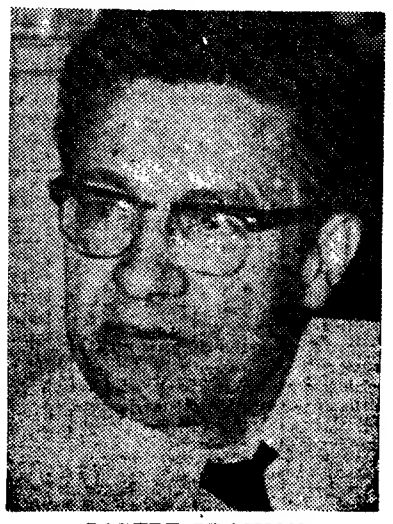
E o nosso interlocutor — que amanhã, pelas 18 horas, oferece uma recepção de despedida no Instituto Francês, acrescenta depois, numa curiosa anotação:

— Estive no Brasil antes de Portugal e quando vim para aqui tive a sensação de conhecer uma realidade de que já conhecia antes o reflexo. Foi muito interessante e talvez me tenha ajudado a conhecer melhor e mais depressa o vosso País.

Falamos depois da vasta obra realizada pelo sr. Robert Bréchon — nomeadamente da notável exposição de pintura francesa organizada em 1965 com a colaboração e o subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian —, o qual a terminar nos declarou:

— Penso que no futuro, qualquer que seja o estado da Europa, os nossos países se continuarão a aproximar e que essa aproximação será, nomeadamente no aspecto cultural, util e fecunda para ambos.

O novo conselheiro cultural da Embaixada de França e director do Instituto Francês em Portugal será o sr. Robert Perroud, que exercia agora idênticas funções na Argentina, em Buenos Aires, após haver estado também na Itália. Robert Perroud é, com o pseudónimo de Robert de Poccadaz, um conhecido romancista, tendo já uma das suas obras sido finalista do Prémio Goncourt.



ROBERT BRÉCHON

EXPOSIÇÃO CABRALINA NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 12 — (A. N. I.) — O Banco do Brasil está a promover uma exposição comemorativa do V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral, com documentos alusivos á época.

Entre os mais curiosos, contam-se um exemplar da primeira edição de «Os Lusíadas», assinado por Luís de Camões, e moedas cunhadas nos reinados de D. João II, D. Manuel I, D. João III e D. Sebastião.

Torre de Babel

João Medina

UMA HISTÓRIA EUROPEIA:

GARRAFAS NO RENO

O Reno, dizia-me o meu professor de Geografia, nasce nos Alpes e despenha-se no mar do Norte, depois de 1298 km de percurso. Todavia, não sendo profeta nem astrólogo, não podia o meu professor acrescentar áquele dado o vaticínio de que eu viria um dia a residir a dois passos do Reno. Também não lhe competia explicar aos alunos as inumeras vantagens de se viver junto de uma fronteira. De modo que, ao ouvi-lo falar do Reno nas aulas já tão distantes de Geografia, nunca me atrevi a supor que uns quinze anos depois me havia de achar na necessidade de passar quase que diáriamente a ponte que liga Strasbourg a Kehl: estando a França paralisada pelas greves de Maio-Junho, montava eu uma trôpega bicicleta castanha emprestada por um estudante de teologia e, tomando a direcção do Reno, pedalava com afinco em direcção ao correio de Kehl. Graças a estes exercícios tardios de ciclismo logrei confiar aos teutões as cartas para a família e as crónicas para o jornal.

Cada carta obriga-me portanto a duas travessias do Reno e a uns fortes exercícios de velocipedia. Quando passava pedalando sobre o rio, a voz já frouxa do meu professor de Geografia pulsava-me ainda na memória: «O Reno nasce nos Alpes; em Basileia o rio abandona a sua bacia alpina, ou seja, cerca de 22 % do total da superfície do curso, entrando na planície da Alsácia...» E aqui, nesta fase da sua caminhada, passa o Reno debaixo de uma ponte — a «ponte da Europa» — que liga Strasbourg a Kehl e em cima da qual pedala um ciclista canhestro a caminho do «Postamt» de Kehl, oásis postal depois de um deserto de greves. Mas deixemos ao estudante de teologia a bicicleta emprestada e olhemos o rio que debaixo dos meus pés tantas vezes vi correr durante aqueles dias de Maio-Junho de 1968. É dele, desse Reno que o papá Hugo chamava «o passado e futuro da Europa», que desejo falar nesta crónica.

Nos primeiros dias de Maio, quando ainda ninguém falava de «revolução» nem estava a França inundada de bandeiras vermelhas e negras, reuniram-se a meio da ponte sobre o Reno vários cavalheiros de alto coturno bem como umas raparigas sorridentes e regionalmente ataviadas. Depois de algumas charlas bilingues e trilingues, abeiraram-se todos do parapeito da referida ponte e começaram a deitar garrafas ao rio. Deitaram aqueles cavalheiros umas quinze mil garrafas, o que pode parecer bizarro, extravagante, amalucado mesmo; já viram alguma vez um punhado de senhores muito sérios e engravatados a preceito a deitarem ás mãos cheias garrafas para o leito de um rio, tudo isto sob o olho enternecido e católico de cívicos, militares e prelados?

Creio que a longa história do Reno não conta nenhum evento tão coloridamente insólito como este. E que diria desta cerimónia baptismal o meu antigo professor de Geografia?

Encheu-se pois o Reno de milhares de garrafas que a corrente foi distribuindo pelas terras ribeirinhas, desde Strasbourg ao estuário holandês. Que levavam essas garrafas? Levavam papelinhos azuis com o texto da «carta europeia da água», apelo redigido pelo Conselho da Europa no sentido de se evitar a poluição das águas dos rios e do oceano: «l'eau, c'est notre vie»; poluir a água dos cursos fluviais é envenenar o mar. Trata-se assim de uma alta e nobre campanha profiláctica; o Reno, por exemplo, contém apenas umas dezenas de germes patogénicos por cm3 em Grisons, mas já revela duzentos mil por alturas de Strasbourg, para apresentar um milhão de germes por cm3 nos Países Baixos. Isto diz a Ciência, isto o diziam os papelinhos azuis encerrados naquelas garrafas lançadas ao leito de um rio que visita vários países num «andante maestoso» que é também, infelizmente, um «crescendo» bacteriológico.

Aqueles senhores muito sérios e engravatados a discursarem no meio da ponte da Europa não se limitavam portanto a celebrar com champanhe e retórica mais uma barreira aduaneira derribada pela fraternidade mercantil europeia; lançando garrafas ao rio, apelavam também para a simples fraternidade humana, para o respeito que os homens devem ás fontes da vida, á linfa que os sacia e lhes dá tanto o trigo como o peixe. Mas ocorre-me perguntar se não deveriam eles, mesmo com gravatas e discursos, confiar também ao bom e velho Reno uma «carta europeia da mente», ou seja, uma espécie de apelo contra a poluição dos rios que alimentam os espíritos, a imaginação, a memória colectiva e a vontade? Não haverá também poluição das ideias, intoxicação do sentimento e da cultura? Quando os veremos a atirarem para o Reno garrafas com a carta da saude espiritual enropeia?

Strasbourg, Setembro de 1968.

TELE-STAR

Viagens para grupos e individuais

Turismo — Negócios — Estudos — Técnicas Educacionais, etc.
(Orçamentos e itinerários grátis)
Para bem viajar... consulte a STAR

TELEFONE PARA:

LISBOA	PORTO
539871	23637
362501	23638

MERGULHÃO
AS MAIS LINDAS PRATAS
Rua de S. Paulo, 162 — Telef. 30013

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA
A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência.

SÃO SÓ 15 DIAS!!
CALÇADO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA
DESDE 30$00
RESTOS DE COLECÇÕES
SAPATARIA LISBONENSE
RUA AUGUSTA, 202 * RUA DA ASSUNÇÃO, 57
Este estabelecimento não encerra aos sábados

CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ...

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

LIBRAS OURO
Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR
1.ª 2.ª 3.ª 4.ª 5.ª 6.ª 7.ª
JÁ ANUNCIADAS
5.º) — DIONISIO G. DO VALE — PORTO
9.º) — J. GONÇALVES SILVA — LISBOA
A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a bravura natural dos dentes e libras. mas a Pasta Medicinal Couto, DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

AS JÓIAS, AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES!
FUNDADA EM 1919
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

Destroços do «Caravelle» que ontem se despenhou no Mediterrâneo, vistos a boiar na área do desastre. O avião, que transportava 95 pessoas, explodiu, segundo parece, durante uma amaragem de emergência. (Telefoto para o «Diário de Lisboa»)

O «Caravelle» teria explodido numa amaragem de emergência

NICE, 12 — (R.) — O «Caravelle» francês que ontem se perdeu com 95 pessoas a bordo parece ter explodido ao fazer uma amaragem de emergência no Mediterrâneo com fogo a bordo.

Um médico que examinou os 17 cadáveres até agora recuperados disse que as queimaduras são superficiais, o que indica terem sido projectados pela explosão, pois caso contrário teriam ficado completamente carbonizados no interior da fuselagem.

Por outro lado os destroços do avião foram encontrados numa área relativamente pequena, de 300 metros quadrados, e se a explosão se tivesse registado em pleno voo os destroços ficariam muito mais espalhados.

Tudo isso leva os técnicos a acreditar que a explosão se verificou apenas quando o avião bateu no mar.

MENSAGENS

Oficialmente a ultima comunicação captada de bordo do «Caravelle» foi ontem ás 10 e 33 quando o piloto anunciou pela rádio: «Há fogo a bordo. Nós...» após o que a comunicação foi interrompida.

Porém, o piloto de outro avião que voava nas proximidades afirma ter captado uma segunda mensagem pouco depois, nos seguintes termos: «O incêndio alastra. Vamos descer no mar».

O «Caravelle», em viagem de Ajaccio, na Córsega, para Nice, voava a 1500 metros de altitude e preparava-se para descer no aeroporto local quando a mensagem de alarme foi recebida. Pouco depois desaparecia dos radares do aeroporto.

CENAS DRAMÁTICAS

Os técnicos pensam que a causa exacta do desastre poderá ficar ignorada para sempre, pois a fuselagem e a caixa preta de registo de voo encontram-se agora no fundo do mar a 2000 metros de profundidade, tornando-se práticamente impossível encontrá-la.

Entretanto perderam-se as esperanças de encontrar quaisquer sobreviventes prosseguindo apenas as buscas para recolha de cadáveres, destroços do avião, bagagens e documentos de identidade das vítimas.

Entre os 89 passageiros 13 eram crianças que regressavam de férias na Córsega. Ao ser conhecida a notícia as pessoas de família que se encontravam no aeroporto deram largas á sua inquietação, registando-se cenas dramáticas, sobretudo entre as mulheres

ÚLTIMO MODELO

O unico estrangeiro a bordo do «Caravelle» era um australiano. Os restantes eram corsos residentes na França e franceses do continente entre os quais o general reformado Rene Cogny, um veterano da segunda guerra mundial e da Indochina.

Os elementos que participam nas buscas têm encontrado cintos de salvação fora dos respectivos sacos, o que parece indicar que antes da explosão os passageiros foram avisados da amaragem e tentaram colocar os cintos.

O «Caravelle» era do ultimo modelo e entrara há pouco tempo ao serviço.

Os guerrilheiros retiram da cidade de Tay Ninh

SAIGÃO, 12 — (R.) — As forças do Vietcong que na madrugada de segunda-feira atacaram a cidade de Tay Ninh, depois de terem ocupado quatro aldeias situadas na periferia, estão a bater em retirada, devido à chegada de reforços governamentais, transportados de urgência, durante a noite, para Tay Ninh.

Segundo fontes militares, 600 fuzileiros navais foram enviados de helicóptero para a referida cidade. Já ali se encontravam dois batalhões de pára-quedistas, que foram reforçar a guarnição permanente, quando os guerrilheiros começaram a apertar o seu cerco a Tay Ninh, que submeteram a intensa barragem de foguetões e morteiros.

Segundo as mesmas fontes, os guerrilheiros que tomaram parte na ofensiva totalizavam três regimentos, ou seja cerca de 6000 homens.

Tay Ninh tem sido alvo, nas últimas semanas de frequentes investidas do Vietcong. As autoridades, porém, julgam que o objectivo destes ataques é apenas o de atrair tropas americanas e governamentais desviando-as da defesa de Saigão, onde o Vietcong desencadearia então nova ofensiva geral.

Como cidadão livre Lacerda depôs perante o tribunal

RIO DE JANEIRO, 12 — (R.) — O antigo governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, depôs ontem como testemunha perante o juiz que ordenou a sua prisão por dez dias, sob a alegação de ter desrespeitado uma ordem do tribunal.

No entanto, Carlos Lacerda prestou declarações ao juiz na qualidade de cidadão livre, visto o terceiro tribunal criminal do Estado da Guanabara ter suspendido a ordem de prisão.

Após a decisão do tribunal criminal, Carlos Lacerda declarou: «Sempre tive fé na justiça da Guanabara».

A ordem de prisão dada pelo juiz seguiu-se a um incidente verificado na segunda-feira, quando Lacerda abandonou o tribunal sem esperar pelo juiz, dizendo «tenho mais que fazer».

Carlos Lacerda fora citado como testemunha no caso de um jornalista acusado em Santo André, no Estado de São Paulo, de ter insultado um funcionário publico em artigos que escreveu. O antigo governador declarou nada saber quanto ao caso nem compreender por que motivo foi intimado a depor.

Ontem Carlos Lacerda recusara-se a aceitar a ordem de prisão, alegando que o numero do cartão de identidade constante da ordem do juiz não correspondia ao do seu cartão.

NÃO HÁ PERIGO DE GUERRA

(Continuação da 1.ª página)

que «o ataque egípcio não foi um acidente, mas uma acção bem preparada. Israel usará do direito de se defender de tais ataques. Não foram atingidos todos os nossos objectivos de paz. Devemos estar a postos nas fronteiras dos territórios que dominamos. Estamos prontos a falar com os árabes, mas, perante semelhantes agressões, ficaremos onde estamos e reforçaremos as nossas posições. Se existir uma consciência internacional, deveremos obter o equipamento de que necessitamos para a nossa defesa», declarou o ministro israelita.

Acerca dos actos de terrorismo em Jerusalém e Tel Aviv, o ministro israelita disse: «Os sabotadores falharam. Não houve pânico. Não conseguiram assustar a população. A ofensiva terrorista gorou-se, e agora os sabotadores encontram-se isolados na região árabe dominada por nós»

EVACUAÇÃO DE SUEZ

CAIRO, 12 — (F. P.) — O governador da cidade de Suez decidiu «diminuir urgentemente a densidade da população local, de maneira a permitir que as forças armadas utilizem os meios de defesa preventiva contra uma eventual agressão israelita», escreve, hoje, o órgão oficioso «Al Ahram».

Os efectivos administrativos serão, igualmente, reduzidos ao mínimo. Comboios especiais evacuarão os habitantes, e serão oferecidas aos emigrantes todas as facilidades de alojamento.

Suez é a mais populosa das cidades do canal directamente expostas ao fogo dos israelitas.

Nova crise política na Rodésia

SALISBURY, 12 — (R.) — O primeiro-ministro rodesiano, Ian Smith, encontra-se perante uma nova crise política, após a demissão do seu ministro da Defesa e dos Assuntos Externos e dado que continua a notar-se indícios de rebelião entre os membros do Partido da Frente Rodesiana.

Lorde Graham, da extrema direita e um dos mais intransigentes opositores dos planos de Ian Smith para o futuro constitucional da Rodésia, apresentou ontem o seu pedido de demissão, em consequência de divergências de opinião relativamente á política do partido.

A saída de Lorde Graham do Governo constituiu um severo golpe vibrado na solidariedade do partido, a que Ian Smith se tem referido, após, a semana passada, o congresso da Frente Rodesiana ter sido igualmente assinalado por divergências.

O plano constitucional do primeiro-ministro foi aprovado pelo Congresso, pela estreita margem de 11 votos.

Lorde Graham, que conta 61 anos, é o sétimo duque de Montrose, na Escócia, e o segundo ministro que abandona o Gabinete de Ian Smith nos ultimos dois meses.

O ministro do Interior, William Harper, amigo íntimo de lorde Graham, fora já afastado pelo primeiro-ministro.

FENÓMENO NATURAL

CIDADE DO PANAMÁ, 12 — (F. P.) — O aparecimento de um rosto na parede de uma casa do bairro operário de Veranillo nada tem de milagroso. É um fenómeno devido á humidade — declarou monsenhor Tomas Alberto Clavel, arcebispo do Panamá. «A igreja não pode tolerar que se continuem a considerar milagrosos factos semelhantes» — acrescentou o prelado. No entanto, milhares de pessoas continuam a desfilar na casa da família Sandya, para admirar «a imagem de Cristo na agonia».

NA CIDADE UNIVERSITÁRIA DE QUITO

QUITO, 12 — (F. P.) — Trezentos jovens apoderaram-se ontem de todos os edifícios da Cidade Universitária de Quito, a fim de protestar contra os exames de admissão.

O conselho universitário havia-se recusado na terça-feira a suprimir esses exames a que se devem sujeitar os estudantes após os estudos secundários.

U Thant partiu para Argel

NAÇÕES UNIDAS, 12. — (R.) — O secretário-geral das Nações Unidas, U Thant, partiu a noite passada por via aérea, para Argel, onde assistirá, amanhã, á sessão de abertura da conferência da Organização da Unidade Africana.

O secretário-geral deve voltar a Nova York na segunda-feira á noite.

FILME DE GIACOPETTI SOBRE A CONDIÇÃO DO NEGRO AMERICANO

ROMA, 12 — (F. P.) — Os realizadores italianos Gualtiero Giacopetti e Franco Prosperi, de «África Adeus», vão realizar um filme sobre a condição do negro americano, intitulado «Adeus Tio Tom», cujas primeiras voltas de manivela serão dadas no próximo mês nos Estados Unidos.

«Hoje, os negros americanos não se contentam só com lutar para obter a sua integração. Querem constituir uma sociedade própria, dentro da sociedade americana» — disse Giacopetti, numa reunião com a Imprensa.

A morte do pastor Martin Luther King marca o fim de uma época e o começo de outra: O desaparecimento do ultimo Tio Tom da História e o advento do «Poder Negro» — acrescentou o cineasta.

Serão utilizados numerosos documentários de actualidades

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA

SECRETARIADO

A duração depende das habilitações das alunas, sendo mínima para as que têm a frequência do 5.º ano ou maior preparação. Essas frequentam turmas especiais

Escola Lusitânia Feminina

RUA DE D. ESTEFANIA, 126 (à Av. Duque de Avila)
TELEFONES 4 47 30 - 55 35 75

CAPITÃO

JOAQUIM ANDRADE RAINHO

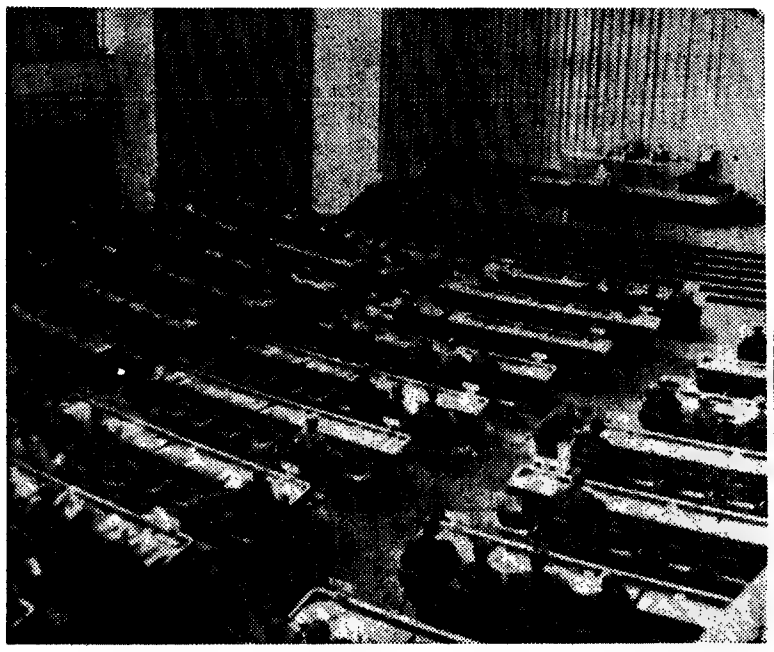
FALECEU

Maria Augusta Tavares da Silva Andrade Rainho e mais família participam o doloroso acontecimento da morte de seu querido esposo que foi pai, avô, sogro, tio, irmão e cunhado e que o funeral se realiza da Basílica da Estrela, amanhã, dia 13, pelas 11 horas, para o Talhão da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, no cemitério do Alto de S. João.

Será rezada missa de corpo presente pelas 9.30 horas.

AGÊNCIA MAGNO — Tel. 534167

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTR



Um aspecto da sala da Assembleia do Palácio das Nações, em Genebra, depois do recomeço dos trabalhos da conferência dos países não nucleares

Um ministro checo defende as relações com o Ocidente

PRAGA, 12 — (F. P.) — «A nossa economia não poderá sobreviver sem extensas relações com todos os Estados, socialistas ou capitalistas. Os outros países socialistas também têm sólidas relações com os países ocidentais.

Não temos razões para limitar as nossas relações tradicionais com o Ocidente» — declarou Frantisek Vlasac, ministro da Planificação, numa entrevista publicada ontem pelo jornal «Vecerni Praha».

Pela sua parte, dirigindo-se a uma delegação de representantes de organizações da juventude checoslovaca, Alexandre Dubcek declarou: «Seria grave para a jovem geração vê-la sucumbir sem reagir a sentimentos de desespero e de cepticismo. Estes sentimentos não são justificados, pois o futuro da nossa pátria e da nossa juventude está nas nossas mãos e depende da nossa própria iniciativa».

O primeiro-secretário do P. C. exprimiu a esperança de que a juventude checoslovaca continuará a tomar parte na vida publica e política do país, para vencer as dificuldades actuais e preparar a próxima evolução.

Por sua vez, Vladimir Dedlec, ministro do Ensino, lançou um apelo aos professores primários, exortando-os a examinarem a situação actual «de forma racional e realista e de terem em vista, por um lado, as perspectivas da nação e, pelo outro, as possibilidades de sair desta situação». A reabertura das aulas continua prevista para 1 de Outubro.

O CASAL DO ORFANATO JÁ CONFESSOU TER MORTO DEZASSEIS CRIANÇAS

RIO DE JANEIRO, 12 — (R.) — A Polícia brasileira pediu autorização para exumar o corpo de uma garota de 13 anos, que se suspeita ter sido morta a pontapé pelo director do célebre orfanato Casa da Luz.

Esta decisão foi tomada depois de uma antiga criada do orfanato ter declarado à Polícia que viu Abel Barbosa Marques atingir Eliete da Silva, a criança, com um pontapé na cabeça que lhe fez uma ferida profunda.

Eliete da Silva morreu em 5 de Junho, mas, se a causa da morte foi a fractura do crânio, será possível determiná-la mediante o exame do corpo.

Esta notícia foi dada aos jornalistas pelo informador da Polícia, George Teixeira, durante a reconstituição dos crimes feita na Casa da Luz, situada em Nova Iguaçu.

Abel Marques e sua mulher, Edilsa, os proprietários da «casa dos horrores», como agora é conhecida, mostraram à Polícia e aos jornalistas como castigavam e torturavam as crianças confiadas ao seu cuidado.

MORREU DE FOME E ACORRENTADO

Abel Marques reconstituiu perante a Polícia a cena do pontapé na cabeça de Eliete, utilizando para a demonstração uma outra garota, de 10 anos, que tomou o lugar da vítima.

A antiga criada do orfanato, Carminha da Silva, de 39 anos, descreveu como um garoto de 10 anos morreu de fome, amarrado com correntes de ferro a uma tarimba de madeira. No dia em que ele morreu, o seu corpo estava tão inchado que as correntes que o prendiam se enterravam na carne.

A criada também disse ter visto a dona do orfanato sufocar um bebé de meses, tapando-lhe a boca e o nariz para ele não chorar. Quando o bebé asfixiado perdeu os sentidos, Edilsa atirou-o para o chão e foi-se embora.

A Polícia disse aos jornalistas que o casal já confessou ser responsável pela morte de 16 crianças.

ESPIRITISMO

As atrocidades cometidas por Abel Marques e pela mulher foram descobertas há duas semanas, quando a Polícia fez uma rusga ao orfanato por denúncia de vizinhos desconfiados, por ouvirem constantemente crianças que gritavam, ao serem torturadas.

Quando a Polícia ali chegou, encontrou ainda um rapazinho cheio de nódoas negras, preso com correntes, num quarto às escuras.

Edilsa, que pratica espiritismo, disse à Polícia que só torturava as crianças quando era dominada por um «espírito mau». Também contou uma história fantasiosa, segundo a qual inimigos de seu marido tinham ameaçado matá-lo se ela não espancasse as crianças e não as deixasse morrer à fome.

As cinco crianças mais velhas do orfanato, que participaram na reconstituição, mostraram como eram obrigadas a ficar de pé e com os braços levantados, até perderem os sentidos, e como eram postas de castigo, ajoelhadas em cima de grãos de milho espalhados no chão.

Os negros não boicotarão os Jogos Olímpicos

SOUTH LAKE TAHOE (Califórnia), 12. — (F. P.) — Segundo foi oficialmente anunciado os atletas negros americanos não boicotarão os Jogos Olímpicos do México e aqueles que se apresentarem farão o melhor que puderem.

MICKEY ROONEY — 47 ANOS

MANDADO DE CAPTURA CONTRA O ACTOR MICKEY ROONEY

LOS ANGELES, 12. — (R.). — Um juiz de um tribunal da Califórnia passou hoje um mandado de captura contra o actor Mickey Rooney, de 47 anos, por este ter faltado a uma audiência em que devia responder a acusações relacionadas com o pagamento de uma pensão de alimentos á sua sexta mulher, Margaret, de 46 anos, a qual está a tentar obter 1072 dólares de pensões em atraso.

Margaret obteve o divórcio em 1967 e o tribunal ordenou que Rooney lhe pagasse mensalmente uma pensão de 350 dólares.

O casal consorciou-se em Las Vegas, em 1966, mas separou-se 100 dias após o casamento.

A ordem do tribunal concede a Rooney duas alternativas: ou comparecer imediatamente em tribunal ou ser preso pela Polícia.

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125$00 MENSAIS — JURO DE 8 %

J. PIMENTA ANDARES

APARTAMENTOS MOBILADOS

UMA ORGANIZAÇÃO ANTIGA E CONCEITUADA MAS MODERNA

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Um magnífico conjunto situado perto do mercado e estação de Paço d'Arcos, com vista excepcional de mar de todas as janelas, terá acabamentos especiais com materiais de longa duração, inclusive caixilharia em alumínio.

ANDARES DE 3 A 10 DIVISÕES

J. PIMENTA, S. A. R. L. e J. PIMENTA, LDA.

Possuem propriedades para venda desde 120 contos na Reboleira — Amadora, Centro da Amadora frente à estação do C. F., Portas de Benfica, Parede, Alapraia e brevemente em Cascais e Lisboa.

NÃO CONFUNDA UMA ORGANIZAÇAO DE BEM SERVIR COM SIMILARES

INFORMAÇÕES:

Lisboa — R. Conde Redondo, 53, 4.º, Esq.º — Tel. 47843 e 45843
Queluz — R. D. Maria I, 30 — Telefs. 952021 e 952022
Amadora — Reboleira — Tel. 933670

MORADIA EM CASCAIS

Av. Marechal Carmona, N.º 30

Vende-se, com 11 assoalhadas, sendo algumas excepcionalmente grandes, 5 roupeiros, 3 casas de banho, lavabo, 3 halls, grande cozinha, despensa, lavanderia, garagem, enormes varandas, jardim, vistas agradáveis. Área 1050 m2.

TRATA-SE NO LOCAL

•

MORADIAS NO ALTO DE PAÇO D'ARCOS

RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO

Compondo-se de r/c, 1.º andar e garagem, 10 casas assoalhadas, cozinha, lavabos, etc.

PREÇO 1.500 CONTOS

Em construção com acabamentos ao gosto dos interessados.

INFORMAÇÕES: No próprio local ou nesta organização.

AZULEJOS

Nacionais e Estrangeiros DESDE $60

Distribuidores exclusivos nos distritos de Lisboa e Setúbal dos azulejos Celena

BANHEIRAS DE FUNDIÇÃO E CHAPA ESMALTADA

Grande quantidade de polibains de ferro fundido

PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

PLÁSTICO PVC RÍGIDO

Distribuidores exclusivos do material plástico PVC rígido, para revestimentos de paredes, tectos, divisórias para escritórios, portas extensíveis e planas e chapas de cobertura da Fábrica de Plásticos Valverde

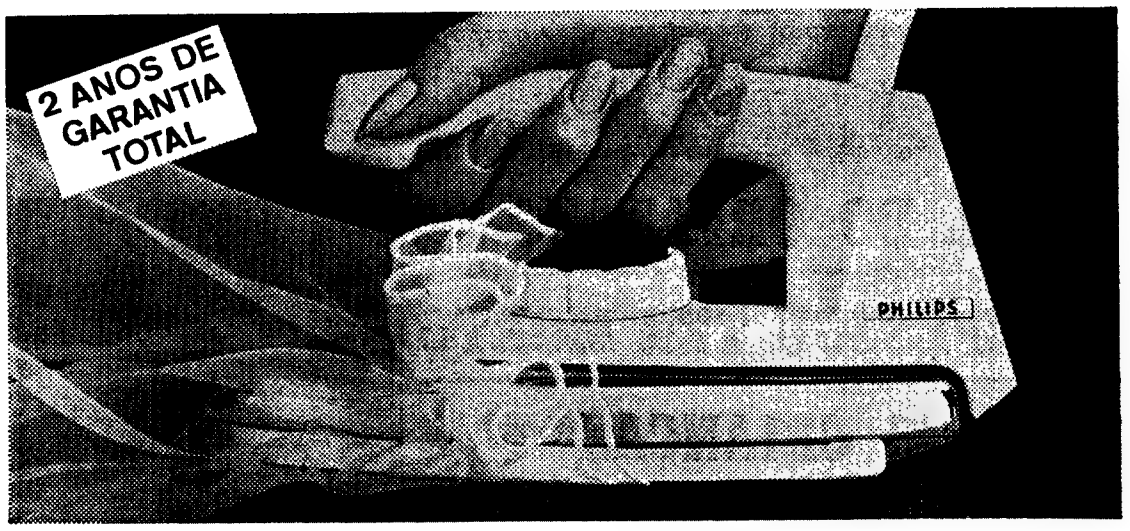
A BOA QUALIDADE A BAIXO PREÇO

A maior gama de materiais de construção especialmente revestimentos, tintas, drogas, ferragens e ferramentas

•

J. PIMENTA, LDA.

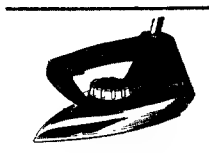
RUA D. MARIA I, 30 QUELUZ
PRAÇA PADRE EDUARDO FERREIRA DO AMARAL, 3-A AMADORA
(Junto ao Jardim Parque)



uma carícia para a sua roupa

Esc: 440$00 HS 1010

Esc: 535$00 HD 1115 (Luxo)


Esc: 385$00 HS 1040

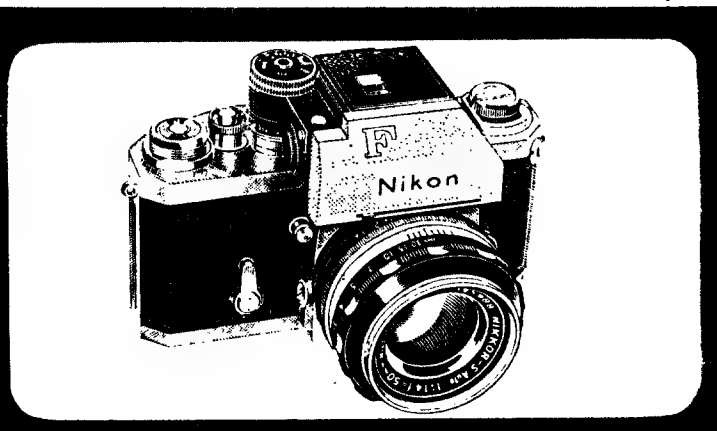
Esc: 735$00 HA 2752 (Vapor)

Leve... leve... leve... o ferro de engomar Philips passa suavemente pela sua roupa, como uma carícia.
Sem qualquer esforço da sua parte,
porque o ferro de engomar Philips é leve... leve... leve...
No ferro de engomar Philips
não é o peso que engoma; é o calor
uniformemente distribuido pela sua base.
Por isso ele é tão leve... leve... leve.
Experimente e verifique as enormes vantagens dos novos modelos de ferros de engomar Philips.

O LAR É MAIS FELIZ COM PHILIPS

EM TODOS OS MODELOS A QUALIDADE QUE DISTINGUE UMA MARCA FAMOSA EM TODO O MUNDO

UM SIMBOLO DE DISTINÇÃO
Nikon
PARA UM FOTÓGRAFO DE RAÇA



Sòmente os técnicos especialistas lhe demonstrarão a universalidade e a facilidade de uso do material de alta classe NIKON. Eles guiarão a sua escolha entre as câmaras NIKKORMAT e NIKON, as suas 35 diferentes objectivas (de 8 a 1200 mm) os seus 4 sistemas de visor, os seus 150 acessórios diversos respondendo a todas as necessidades: viagens, família, indústria, reportagem, arquitectura, caça fotográfica, todos os domínios científicos, etc..
Para cada caso existe uma solução NIKON, que apenas um especialista poderá indicar conscenciosamente.
Dirija-se pois sòmente às casas altamente especializadas.

REPRESENTANTES
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.
SECÇÃO FOTO-CINE
RUA DOS DOURADORES, 10 TEL. 36 15 45 (4 linhas) LISBOA

OS PRIMEIROS NO MUNDO

O FRIO HÚMIDO QUE CONSERVA OS ALIMENTOS FRESCOS SEM OS DESIDRATAR

FRIGORÍFICOS IGNIS

REPRESENTANTES: Soc. de Rep. SIDA SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 44, 48 LISBOA

DINHEIRO
S/ AUTOMÓVEIS
Empresta se em boas condições. Transacções rápidas Sigilo absoluto
SONIPAL
R CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248 556580

Aluguer sem condutor
CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

111
Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B
Telefones: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

Sementes
As melhores são as da marca Moinho

†

FRANCISCO HENRIQUE D'OLIVEIRA JÚNIOR

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

A Família de FRANCISCO HENRIQUE D'OLIVEIRA JÚNIOR participa a todas as pessoas das suas relações e amizade que amanhã, dia 13, às 12.15 horas, na igreja da Conceição Velha (Rua da Alfândega), será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo, não só a todas as pessoas que se dignarem assistir áquele piedoso acto, mas também às que, tendo-lhes manifestado o seu pesar, não puderam expressar directamente, por desconhecimento de moradas, o seu sincero reconhecimento.

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2º TELEF. 369384

O dr. Oliveira Martins, da direcção do Sporting, quando assinava o cartão que esta manhã foi deixar no Hospital da C. V. P. Com ele estão Fernando Caiado, Hilário, Alexandre Baptista e Damas

O SEXTO DIA DA DOENÇA DO PRESIDENTE DO CONSELHO

(Continuação da 1.ª página)

gumas das individualidades que habitualmente ali se deslocam para inteirar-se do estado de saúde do Presidente do Conselho.

Entre outras, anotámos as presenças dos ministro do Interior e do rev. Adriano Alves Garcez, que representava o arcebispo de Lourenço Marques e os bispos da Beira, Quelimane, Tete, Nampula, Porto Amélia, Vila Cabral, Macau e Dili e, ainda, a S. P. M. C. U. (Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas).

Deixaram também cartões o governador civil de Bragança, dr. José Damasceno Campos, e o director-geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, dr. Armando Rocha. Esteve ainda presente o vice-almirante Armando de Roboredo, chefe do Estado-Maior da Armada.

Entre as centenas de cartas que chegam diàriamente ao Hospital da C. V. P. e á Presidência do Conselho, muitas, ao que nos informam, contêm ofertas de sangue, o que, como se sabe, nunca foi considerado necessário.

Joaadores do Sporting deixaram cartões

A meio da manhã, estiveram na Rua Duarte Galvão o secretário-nacional da Informação, o governador civil de Lisboa e o director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, eng.º José Pereira da Silva.

Foi também, notado o aparecimento de uma deputação de futebolistas do Sporting Clube de Portugal encabeçada por um elemento directivo, dr. Oliveira Martins, e pelo treinador Fernando Caiado. Três jogadores — os defesas Hilário e Alexandre Baptista, e o guarda-redes Damas — faziam parte da comitiva, que deixou cartões.

Sopa, bife e vinho ao almoço

O Presidente do Conselho comeu hoje ao almoço, por prescrição médica, a seguinte ementa: sopa de nabiças, bife raspado com arroz simples e fruta, tudo isto acompanhado por um copo de vinho do Dão.

Interesse de vários estadistas

«As notícias que recebemos das melhoras de Vossa Excelência são muito reconfortantes. Peço a Vossa Excelência que aceite os meus melhores desejos de um rápido e completo restabelecimento», declara o primeiro-ministro da Rodésia, Ian Douglas Smith, numa mensagem dirigida ao Presidente do Conselho português e entregue ontem á tarde pelo ministro-conselheiro da missão da Rodésia em Lisboa, tenente-coronel L. S. Hawkins, ao chefe do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, embaixador dr. Emílio Patrício.

No mesmo ministério continuam a ser recebidos telegramas de vários membros de Governos estrangeiros. Ultimos registados: os do ministro espanhol das Relações Exteriores, Fernando Castiella, e do vice-chanceler da Alemanha Federal, Willy Brandt, actualmente a chefiar o Governo na ausência (por doença) de Kurt-Georg Kiesinger.

Sabe-se, entretanto, que o chanceler brasileiro Magalhães Pinto tem feito repetidos telefonemas ao embaixador José Manuel Fragoso, em seu nome pessoal e no presidente Costa e Silva, e pediu que seja mantido ao corrente da evolução pós-operatória do prof. dr. Oliveira Salazar.

Na Presidência do Conselho foram recebidos telegramas dos bispos de Angra do Heroísmo e Vila Cabral, bispo e missionários de Tete, e superior provincial dos Franciscanos portugueses, enquanto o sr. Gutiérrez Cano, director-executivo do Banco Mundial, mandava os seus votos de pronto restabelecimento do enfermo ao ministro de Estado.

Neurocirurgião espanhol fala ao «Ya»

MADRID, 12 — (A. N. I.) — «É de esperar que, graças à técnica dos neurocirurgiões portugueses que o operaram, o dr. Oliveira Salazar esteja recuperado em breve», afirmou o dr. Sixto Obrador, eminente neurocirurgião espanhol, que louvou o «pronto diagnóstico» dos seus colegas de Portugal.

O dr. Obrador fez estas declarações ao diário madrileno «Ya», pouco depois do seu regresso da Rússia, onde proferiu uma série de conferências.

«Mostra desejos de regressar ao seu clima de vida»

E' do seguinte teor o boletim médico (o sexto após a intervenção cirurgica a que foi submetido o sr. prof. Oliveira Salazar) fornecido á Imprensa ás 20 horas de ontem e assinado pelos srs. prof. Eduardo Coelho e dr. Vasconcelos Marques:

«O sr. Presidente do Conselho continua a levantar-se regularmente de manhã e depois do repouso da tarde.

Toma as duas principais refeições sentado.

São-lhe permitidos quase todos os alimentos da sua preferência.

Passeia no quarto sem fadiga e continua com boa disposição.

Mostra desejos de regressar ao seu clima de vida.

As melhoras radicam-se de dia para dia.

Considerando o estado actual, o próximo boletim só será dado no sábado, 14, pelas 20 horas».

O autocarro e o eléctrico embate

Pouco antes das 9 horas de noje, na Praça do Chile, embateram um autocarro e um eléctrico da Carris.

Embora tivesse havido certo alarme entre os passageiros de ambos os veículos, apenas uma pessoa ficou ferida, mas não em consequência directa do embate. Trata-se da sr.ª D. Luísa da Conceição Cotas Vieira, de 42 anos, cabeleireira, residente na Rua dos Baldaques, 58, r/c dt.º Aquela senhora, quando os veículos embateram, correu para desviar-se, e foi colhida por um táx., segundo referiu no H de S. José, para onde foi tra tada, e onde recebeu trata

Amortização de obrigações do Estado

No dia 30 serão amortizadas as obrigações a seguir mencionadas, as quais deverão ser reembolsadas por abatimento aos respectivos certificados de dívida inscrita, a partir do dia 1 de Outubro próximo: dos empréstimos, com aval do Estado, de renovação da marinha mercante, 2 3/4 por cento, 3 por cento (II Plano de Fomento), e de renovação e apetrechamento da indústria da pesca, 3 3/4 por cento e 4 por cento (II Plano de Fomento).

CONGRESSO INTERNACIONAL DE CERÂMICA

MADRID, 12 — (A. N. I.) — Com a colaboração das industrias cerâmicas portuguesas realiza-se, de 22 a 28 do corrente, na Casa Sindical de Madrid, o XI Congresso Internacional de Cerâmica, organizado pela Sociedade Espanhola de Cerâmica, filiada na Asociation Européenne de Ceramique.

No congresso participam delegações de Portugal, Republica Federal Alemã, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Holanda, Itália, Noruega Suécia e Suíça.

Nas sessões de trabalho serão estudados diversos aspectos técnicos da produção cerâmica, entre os quais os da cerâmica branca, dos refractários e dos barros.

COMUNICADO DO S. DAS FORÇAS ARM

O Serviço de Informação das Forças Armadas comuni morreu, em combate na pr da Guiné, o furriel mi 05909166, Raul Canadas Fe natural do concelho de Alc filho do sr. Raul Ferreira e D. Belmira Vicência Ferreira.

MILITARES FALECI NO ULTRAMAR

LUANDA, 12 — (L.) — de desastre de viação, fale nesta província, o alferes mi José António Lopes, natur Aguiar da Beira, filho de Fr Andrade Gonçalves e de Mar gusta Lopes, e o primeir 01179367, José Nelson Marque renço, natural de Sintra, fi Humberto Lourenço e de Adí meida Marques.

SÃO TOMÉ 12 — (L.) — desastre de viação, faleceu, província, o soldado 86020567, do Rodrigues Espírito Santo, ral de Viseu, filho de Francis pírito Santo e de Maria Tr

CAPTURADO O AUTOR DE UM CRI DE MORTE

CARRAZEDA DE MON GRO, 12 — Foi já captura G. N. R., no sítio chamado da Silva, e enviado ao tri sr. António Augusto Valpa merciante, solteiro, de 35 an há dois dias matou, com u de pistola, após uma discuss importancia, o sr. Armand ges, solteiro de 26 anos, fi um abastado comerciante lo homicídio tinha-se posto em depois do crime.

Esta manhã realizou-se o do assassinado, o qual cor uma verdadeira manifesta pesar, dado o extinto ser aq to considerado e a sua mo causado grande emoção.

UM INCÊNDIO DEVASTADOR CAUSOU ELEVADOS PREJUÍZOS NUMA METALURGIA DO PORTO

PORTO, 12 — Esta madrugada, cerca das 4 horas, manifestou-se incêndio na Metalurgica Silcruz, pertencente ao sr. Alberto Carlos da Silva Brito e situada na Rua Padre Costa, 1230, em São Mamede de Infesta. As chamas irromperam, com grande violência, pelo telhado e duas mulheres, que no momento, iam a passar deram o alarme áquele industrial que reside na mesma artéria.

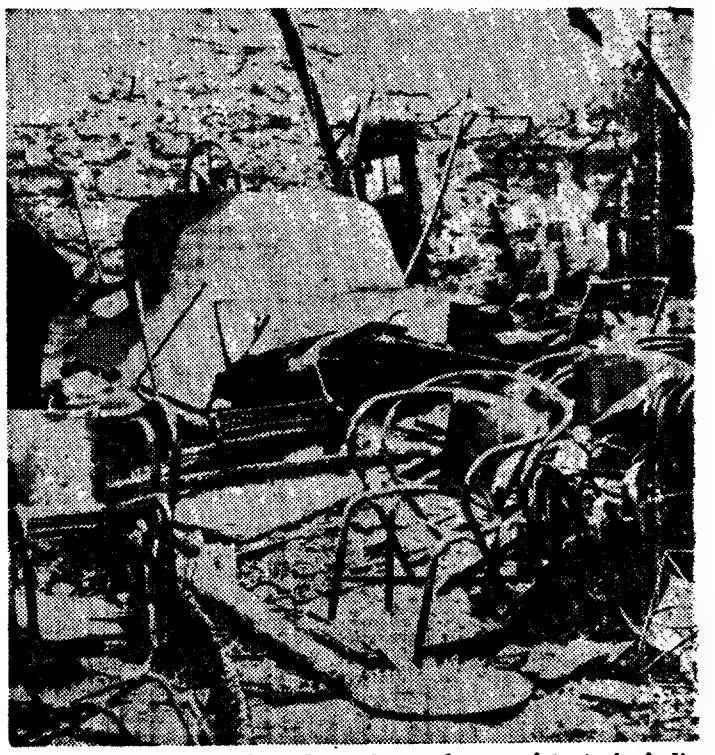
O sr. Silva Cruz procurou, então, chamar, pelo telefone, os bombeiros, mas tal não lhe foi possível, dado que o fogo provocara avaria no cabo telefónico. Por isso, teve de dirigir-se, pessoalmente, ao quartel dos Bombeiros Voluntários de São Mamede de Infesta, a comunicar o sucedido.

Dadas as proporções que o incêndio tomara foram, ainda, alertadas e compareceram no local, além daquela corporação, as dos Bombeiros Voluntários de Leça do Balio, Areosa, Leixões, Matosinhos, Leça e Ermesinde.

Entretanto, o fogo, que envolvia completamente aquela instalação industrial, ameaçava propagar-se a uma outra oficina, pertencente ao sr. Ricardo Lopes Barbosa e a um armazém que ladeiam a referida metalurgia e se situam no mesmo prédio. Surgiu, porém, o problema da falta de água e assim apenas montaram agulhetas as primeiras quatro corporações apontadas.

Com grande e abnegado esforço, os bombeiros conseguiram, porém, isolar as chamas que, não obstante, destruíram completamente o recheio da fábrica de móveis e refrigeração, cujo interior e o próprio telhado foram consumidos pelo fogo. Práticamente só ficaram de pé as paredes.

Os prejuízos elevam-se a algumas centenas de contos e não estão cobertos pelo seguro. Há ainda danos da ordem dos cinquenta contos causados no prédio onde estava instalada aquela fábrica, o qual pertence ao sr. António Alves Moreira e está coberto pelo seguro.



Na zona da metalurgia onde se desenvolveu o violento incêndio ficou reduzido a um monte de destroços. Só restam de pé as paredes e os prejuízos são consideráveis. (Telefoto)

Apareceu morto a bordo de um navio

LOURENÇO MARQUES, 12. — (A. N. I.) — A bordo do navio «Karanja», que havia largado do cais, apareceu morto, devido a um ataque cardíaco, o sr. Vicente Francisco Saldanha, de 36 anos, natural de Goa e empregado no Hotel de Polana, e que ia passar férias com os pais. O navio voltou ao porto, a fim de desembarcar o cadáver.

ATROPELAMENTO MORTAL

Morreu no Hospital de onde dera entrada, ontem, te, o sr. José da Silva Agu teiro, de 50 anos, jornaleir sidente em Marinhais, Sal de Magos, que fora atropela um automóvel na terra da sidência.

DESPORTO

HÓQUEI EM PATINS

NOTÁVEL LIÇÃO DE DESPORTIVISMO NO JOGO CASCAIS-BENFICA

Desde o jogo da 1.ª volta que o assunto predominante dos adeptos do hóquei patinado, em Cascais, era o do seu embate com o Benfica. Nos ultimos quinze dias, então, começou a imperar a fantasia. Tudo iria suceder! Recepção hostil á equipa dos «encarnados»! Abandono premeditado da equipa local, se determinado resultado se verificasse em certo momento, após invasão, também premeditada, do público, etc., etc., etc.

E o rinque de Cascais terá tido a sua maior enchente de sempre.

O jogo de «reservas» viera contribuir para tornar ainda mais obscuras as nuvens negras que transpareciam toldarem uma noite de cariz agradável.

O público acotovelava-se. Procurava o melhor sítio para seguir o espectáculo que a maioria aguardava ter o colorido sanguinário das lutas do Coliseu de Roma.

E, afinal, o que aconteceu? Apenas uma pura lição de desportivismo! Uma lição vinda de dentro para fora, a contagiar o exterior, como há muito não se vê na modalidade.

A excelente equipa do Benfica muito terá contribuído para que assim sucedesse. Mas a aceitação da superioridade dos «encarnados» pelos rapazes de Cascais, procurando quebrar essa supremacia e tentando sempre replicar de forma a torná-la menos evidente, conquistou o público.

E assim se justica que os 4-0 dos benfiquistas, acabassem em 5-3.

O marcador funcionou cedo. Um golo de boa visão de Livramento, a fazer o esférico embater no guarda-redes, para se anichar na baliza.

E, também cedo, o Benfica começou a passear a bola perante a impotência dos seus adversários em poderem interromper a táctica dos visitantes.

Depois, já na 2.ª parte, o resultado passou para 4-0, e, logo a seguir, para 4-2. Voltaram os benfiquistas a guardar a bola, tentando quebrar com êxito um assomo de energias e entusiasmo do Cascais, nesse período mais perto do real valor da equipa.

Veio, então, a unica expressão temporária do jogo — que pena ter sucedido — e Luís Costa esteve fora dois minutos, período em que o Benfica obteve o seu quinto golo.

Ainda um golo para cada equipa, e nada mais a registar.

Afinal, tudo tinha sido um sonho. A tempestade afastara-se para longe. Um extraordinário Livramento, os seus companheiros e adversários e um árbitro da mesma categoria, todos irmanados na mesma idea de que o desporto é uma escola de educação, contribuíram, ontem, em Cascais para o prestígio de uma modalidade, que todos imaginavam vir a sofrer um rude golpe.

O Benfica venceu por 5-3, com 1-0 ao intervalo.

Arbitrou Manuel Soares e alinharam e marcaram:

CASCAIS — Paixão; Fidélio (1), A. José, Sombreiro, Barros (2) e Luís Costa.

BENFICA — Carlos Alberto; Casimiro, Garrancho, Livramento (2) e Jorge Vicente (3).

Em reservas, o Benfica venceu por 5-1.

A. F.

CAVALEIROS ESPANHÓIS NO CONCURSO DA PENINA QUE ONTEM COMEÇOU

Com a presença de numeroso publico, iniciou-se ontem o 3.º Concurso Hípico Internacional da Penina, disputado no magnífico relvado do campo de treino do Clube de Golfe.

Como atractivo principal o certame contou este ano com a presença de uma equipa espanhola e nele participaram, também, todos os componentes da equipa nacional.

Foram as seguintes as provas com os respectivos resultados, referentes á primeira jornada:

Prova Capitão José Beltrão — 1.ª série — Juniores — 1.º, Luís Vieira, com «Oblista», zero pontos e 42 segundos; 2.º, M. da Graça Nunes de Carvalho, em «Zagal», com 4 pontos e 39,1 segundos.

2.ª série — Internacional — 1.º, Vasco Pereira Coutinho, em «Calipso», com zero pontos e 36,3 segundos; 2.º, Bernardo Mesquitela, com «Impala», com zero pontos e 36,45 segundos.

Prova Socopol — Franki — Internacional — 1.º, coronel Henrique Calado, no «Lord Robert», zero pontos, 36 segundos; 2.º, capitão Vasco Ramires no «Tea-Top», zero pontos, 41,4 segundos; 3.º, capitão Moura dos Santos, em «Siwa»; 4.º, tenente Brito da Cruz, em «Sezane».

Prova Hotel Alvor Praia — Internacional — 1.º, tenente Pimenta da Gama, em «Castiço»; 2.º, capitão Vasco Ramires, em «Namur du Payrie»; 3.º, D. Afonso Segóvia, em «Roquelo»; 4.º, tenente-coronel Cruz Azevedo, em «Sete»; 5.º, capitão Castro Lucini, em «Califa»; 6.º, tenente Martins Abrantes, em «Mistral»; 7.º, D. Luís Alvares Cervera, em «Bernejo».

As provas continuam amanhã, á tarde, e prolongam-se até ao próximo domingo.

TAÇA INTERCONTINENTAL: DIA 25, A PRIMEIRA «MÃO»

- MANCHESTER UNITED E ESTUDIANTES DE LA PLATA TORNAM A JOGAR À 16 DE OUTUBRO
- PUNIÇÕES SEM PRECEDENTES PARA OS CASOS DE INDISCIPLINA

LONDRES, 12 — (A. N. I.)

Vai haver punições sem precedentes na história do futebol, aos jogadores ou clubes culpados de má conduta desportiva na «Taça Intercontinental» deste ano — foi hoje anunciado em Londres.

A equipa inglesa do Manchester United, detentora do título europeu, e os Estudiantes de La Plata, da Argentina, campeões da América do Sul, vão disputar a Taça deste ano. A primeira «mão» será jogada em Buenos Aires, no dia 25, e a segunda em Manchester, a 16 de Outubro.

Segundo o crítico desportivo do «London Evening Standard», Bernard Joy, a U. E. F. A. e a Confederação Sul-Americana decidiram suspender, por três anos os culpados — incluindo os clubes, se for necessário — de competições sob o «contrôle» das duas organizações.

Acrescenta Bernard Joy que estas medidas, apoiadas péla F. I. F. A., foram promulgadas em resultado do vergonhoso jogo entre o Celtic e o Racing de Buenos Aires, em que foram expulsos seis jogadores, depois das respectivas falanges de apoio se terem envolvido em desordem.

Para assegurar uma acção imediata, se for necessário, uma Comissão Disciplinar de três membros (delegados da U. E. F. A., da Confederação Sul-Americana e da F. I. F. A.) assistirá aos dois jogos. O representante europeu em Buenos Aires será o presidente da U. E. F. A., o suíço Gustav Wiederkehr.

O presidente da F. I. F. A., «sir» Stanley Rous, também assistirá ao jogo da primeira «mão», em Buenos Aires, mas sem carácter oficial.

Nos anos anteriores, o Campeonato Mundial de Clubes, também chamado Taça Intercontinental, era um torneio sem aceitação oficial e, por isso, a acção disciplinar estava sob «contrôle» das respectivas federações nacionais. Nem a U. E. F. A. nem a F. I. F. A. tinham poderes para intervir.

Como resultado do jogo do ano passado, a Federação Argentina suspendeu dois jogadores do Racing: Basile, por um jogo e Rulli por três.

Pelo seu lado, a Federação Escocesa aplicou multas a dois dos quatro jogadores do Celtic que foram expulsos, muito embora o próprio clube escocês, tivesse punido todos os seus jogadores com multas de 250 libras (cerca de 17 400 escudos).

A suspensão dos jogadores na final da Taça deste ano não será extensiva ao Campeonato do Mundo, mas os jogadores do Manchester United podem ser banidos da Taça dos Campeões Europeus, perdendo o dinheiro que lhes adviria da participação em vários jogos do torneio europeu.

RÂGUEBI

O CONGRESSO DA F. I. R. A. em Lisboa, a 26 deste mês

Lisboa vai ser, pela segunda vez, ponto de reunião do Congresso da Federação Internacional de Râguebi Amador (F. I. R. A.), organismo que engloba todos os países não pertencentes à Comunidade Britânica. Estes estão filiados na Ragby Union.

É de esperar que no próximo dia 26 estejam entre nós delegados de muitos países, ainda que, até agora, só confirmassem a sua inscrição os seguintes países: Alemanhas Ocidental e Oriental, Bulgária, Checoslováquia, Espanha, França, Holanda, Itália, Polónia, Roménia e Senegal. Aguarda-se também a vinda da Bélgica, Marrocos, Suécia e Jugoslávia.

A Federação Portguesa de Râguebi tem cuidado, pormenorizadamente, de toda a organização para que este Congresso seja, tal como o anterior, uma reunião plena de interesse e de resultados práticos.

TOTOBOLA —O NOSSO PALPITE

Belenenses-União de Tomar	1
Braga-Benfica	X
V. Setúbal-F. C. Porto	1
Sanjoanense-Académica	2
Leixões-C. U. F.	X
Varzim-Guimarães	1
Atlético-Sporting	2
Famalicão-Leça	1
Beira-Mar-Tirsense	1
Torres Novas-Tramagal	1
Almada-Seixal	1
Montijo-Sesimbra	1
Oriental-Torriense	X

PUGILISMO

O I LISBOA-SEVILHA

No próximo sábado, dia 14, efectua-se no Pavilhão dos Desportos o 1.º Lisboa-Sevilha em pugilismo.

Este encontro inter-cidades tem uma longa história, pois já em 1942, no tempo da extinta Associação de Pugilismo do Sul, estivera aprazado.

Agora a Federação conseguiu tornar esse desejo um facto. Assim no dia 14 estarão entre nós os pugilistas andaluzes entre os quais se encontram bons valores tais como José Duran Cano, que nos ultimos campeonatos de Espanha foi eliminado na meia-final, por pesar mais 150 gramas que o seu adversário o consagrado Sétien

A selecção lisboeta tem seguido preparação intensiva, sob a direcção do treinador Ricardo Ferraz e fiscalização do presidente do Conselho Técnico, prof. Silva Marques. Moralizada com o triunfo obtido em Palencia, a primeira vitória de uma selecção de boxe em Espanha, irá, certamente, dar boa conta de si.

A nossa selecção é constituída pelos seguintes pugilistas: «galos», Francisco Realinho (R. Janeiro), Aníbal Silva (Sporting) e Vítor Pereira (Benfica); «plumas», Carlos Neves e Tavares Pereira, ambos do Sporting; «ligeiros», Costa Rodrigues (Benfica); «meios-médios ligeiros», Carlos de Almeida (Benfica); «médios ligeiros», Rosa da Silva (Sporting) e «médios» Manuel Antunes (Sporting).

Este embate faz parte do plano de preparação para o Lisboa-Baviera, a realizar no dia 5 de Outubro. Dentro do citado plano os nossos pugilistas tiveram um combate por semana, o que é um bom treino.

«POLEROUTER-SUB»

- Automático
- Super-estanque (200 m)
- Protegido contra choques
- Anti-magnético
- Calendário
- Ponteiro conta/segund. central
- Sinais e ponteiros ultra-Luminosos (Tritium)
- Pulseira flexível Universal em aço inoxidável

COROA APARAFUSADA

A coroa aparafusada (registada) assegura uma impermeabilidade de 100 % à profundidade de 200 metros.

UNIVERSAL GENEVE
le couturier de la montre

FERRAMENTAS ELÉCTRICAS PORTÁTEIS RUPES (MILÃO) O QUE HÁ DE MELHOR E MAIS ECONÓMICO

Distribuidores:
H. CABRAL & SARZEDAS, L.DA
LISBOA — AV. DO BRASIL, 41-B
PORTO — RUA DA ALEGRIA, 294

REBARBADORAS MONOFASICAS E TRIFASICAS, BERBEQUINS, RECTIFICADORAS DE FÓRMICA, LIXADEIRAS, ELECTROSOPRADORAS, ETC., ETC.

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
ADMISSÃO DE CONTABILISTAS

— Sexo masculino;
— Diplomados pelos Institutos Comerciais;
— Razoáveis conhecimentos de Inglês e Francês;
— Serviço militar cumprido ou dele isento;
— Menos de 36 anos de idade;
— Vencimento mensal inicial de 4.800$00, acrescido de outros benefícios.

Se reune as condições descritas, envie até 20 do corrente «curriculum vitae», ao Serviço de Pessoal da TAP — Rua do Conde de Redondo, 79.

INSTITUTO VAZ SERRA
QUINTA DE SANTA CRUZ — TELEF 20
Internato Masculino — Externato Misto
Cursos Primários e Secundários completos — Corpo Docente Seleccionado
Exames Oficiais realizados no próprio Instituto
CERNACHE DO BONJARDIM

DESPORTO

TONINHO NO BENFICA

Baiela José António Matonse: o Toninho. Veio de Chamanculo, á beira de Lourenço Marques. O Benfica confia nele: tem 18 anos e pertencia ao Ferroviário da capital moçambicana. É goleador: diz-se que atira muito e pela certa. O filho de D. Elvira Fumo e do sr. Fabião Bumelane vem seguir as pisadas de outros ilustres. Fernando Cabrita diz que é bom ter «olho no garoto.»

TONINHO

EM ESTOCOLMO, NO SÁBADO

PARA O TÍTULO MUNDIAL PATTERSON-JIMMY ELLIS

ESTOCOLMO, 12 (A. N. I.) — Para Floyd Patterson, duas vezes campeão de «pesados», nada há mais importante do que o título mundial.

No próximo sábado, dia 14, vai tentar conquistá-lo outra vez, lutando contra o campeão da Associação Mundial de Box, Jimmy Ellis, no Estádio de Solna, em Estocolmo, o qual tem capacidade para 55 000 pessoas.

Este pugilista, agora com 33 anos — que entrou na história do box há oito anos, ao conseguir arrancar o título perdido a Ingemar Johansson, o sueco que antes o vencera — está convencido de que a sua terceira tentativa para conquistar o ceptro será um êxito.

Evidentemente que o campeão, que conta 28 anos, está também certo da sua vitória, mas admite que Patterson será difícil de derrotar.

«Estou em forma e mais bem preparado para este combate do que jamais estive» — afirmou Patterson, no seu campo de treinos em Ronneby Brunn, no sul da Suécia.

Quando Ellis esteve na Suécia (em 1966) era «sparring-partner» de Clay e ninguém lhe deu atenção. Mas, há dez dias, regressou: como campeão.

«E' bom ser campeão e eu tenciono ficar campeão por muito tempo» — afirmou.

PONTUAÇÃO DO NACIONAL DE «KARTS»

A comissão desportiva do Automóvel Club de Portugal estabeleceu as pontuações obtidas pelos concorrentes inscritos no campeonato nacional de «karts», que participaram nas provas «Rampa Aniversário», «Terceiro Circuito de Camarate», «Circuito Rainha Santa», «Circuito de Verão» e «Quinto Circuito de Setúbal», competições nele integradas.

Na próxima segunda-feira, 16 do corrente, aquelas pontuações serão afixadas, pelas 10 horas, na sede do Automóvel Clube de Portugal, em Lisboa, na sua secção regional do Norte (no Porto) e nas suas delegações de Aveiro, Coimbra e Faro, para efeito do que estabelece a alínea d) do art.º 171 do Código Desportivo Internacional.

JOGOS JUVENIS DO BARREIRO

Resultados das últimas competições:

Atletismo — Rapazes — Escalão C:
600 m — 1.º, António Florido (Serpa Pinto), 1 m 24,5 s; 2.º, João dos Santos (Unidos), 1 m 42,5 s; 3.º, José Pais (Sacor), 1 m 47 s.
Comprimento — 1.º, Fernando Castanheira (Cinema do Montijo), 4,78 m; 2.º, José Fernandes (Serpa Pinto), 4,59 m; 3.º, Fernando Contreiras (Serpa Pinto), 4,46 m.
Rapazes — Escalão D:
80 m — 1.º, Vítor Silva (Europa), 10 s; 2.º, Vítor Pereira (Lavradiense), m. t.; 3.º, Fernando André (Serpa Pinto), m. t.
Altura — 1.º, Vítor Pereira (Lavradiense), 1,50 m; 2.º, João Avelar (Lavradiense), 1,50 m; 3.º, Fernando Dionísio (Sacor), 1,40 m.
Futebol de cinco — Escalão A:
Casalense, 2-Unidos, 4; Galitos, 2-Real, 0; Seixal, 5-Quinas, 1.
Andebol de sete — Rapazes — Escalão B:
Galitos, 5-Unidos, 4; Casalense, 13-1.º de Maio, 0.
Ténis de Mesa — Rapazes — Escalão D:
Classificação — 1.º, António Simeão (Real); 2.º, Marçal Gouveia (Real); 3.º, Joaquim Pereira (Juventude Estoril).

CAÇA SUBMARINA

A EQUIPA ESPANHOLA VENCEDORA DO VI TROFEU VASCO DA GAMA

Disputou-se em Sines o VI Troféu Vasco da Gama, prova organizada pelo clube local, com o patrocínio da Federação Portuguesa de Actividades Submarinas, Confederação Mundial de Actividades Subaquáticas e ainda da Camara Municipal e Turismo de Sines e a colaboração do Instituto de Socorros a Náufragos.

Concorreram a esta importante prova internacional de caça submarina, disputada no sistema de duplas, as equipas nacionais do Vasco da Gama, Benfica, Lisboa Ginásio Clube e Clube Nacional de Ginástica e equipas representativas de Espanha, França e Itália, tendo estado presentes, integrados nestas ultimas, alguns dos maiores valores mundiais da modalidade. A competição, magnificamente disputada, proporcionou um indiscutível triunfo individual e por equipas á equipa de Espanha, que demonstrou, assim, todo o valor que se lhe apontava.

Classificação das 5 primeiras duplas — 1.ª, Amengual e Noguera (Espanha), 125 405 pontos; 2.ª, Gerbino e Beltrani (Itália), 93 035; 3.ª, Le Bissonais e Azemard (França), 70 370; 4.ª, Gomiz e Pons (Espanha), 58 735; 5.ª, Manafaia e Barranca (Vasco da Gama), 57 830.

Classificação por equipas — 1.ª, Espanha, 184 140 pontos; 2.ª, França, 123 910; 3.ª, C. N. Ginástica, 108 525.

Classificaram-se a seguir: Vasco da Gama, Itália, Benfica e Lisboa Ginásio.

Durante a prova foram capturados 294 exemplares com o peso total de 454 quilos e o peso médio de cerca de 1,600 quilos, cabendo o prémio relativo ao maior exemplar capturado á dupla italiana constituída por Gerbino e Beltrani, que caçou um safio com 19 quilos. De salientar a captura, durante os treinos, de uma corvina com 44 quilos, proeza conseguida pela equipa de França.

Geoff Vanderstock — novo recordista mundial dos 400 m barreiras

SOUTH LAKE TAHOE (Califórnia), 12 — (F. P.) — No decurso das provas de selecção americanas para os Jogos Olímpicos, Geoff Vanderstock, um louro estudante californiano de 21 anos, com 1,86 m e 84 kg, deitou por terra todas as previsões e, ganhou a final dos 400 metros barreiras, no tempo de 48 s 8/10 menos de 3/10 que o seu compatriota Rex Cawley, a quem sucede na posse do título. Vanderstock é, por enquanto, o primeiro e unico atleta que furou a barreira dos 49 s. nesta especialidade. «Estava tão á vontade, sobretudo na recta, que teria podido forçar um pouco mais, se me tivessem atacado. Tinha muitas reservas» — declarou o novo campeão.

NO BRASIL, BRASILEIRO...

«DENTES DE LEITE»: FUTEBOL-BEBÉ

RIO DE JANEIRO, 12 — (A. N. I.) — Com muito público interessado, realizou-se no Estádio do Maracanã o torneio de futebol denominado «Dentes de Leite», no qual participam jogadores dos nove aos treze anos de idade.

O vencedor do torneio foi o Botafogo que, no encontro final, com o Bangu, terminou empatado sem golos. A decisão foi obtida por grandes penalidades: o Botafogo venceu por 6-5. O «herói» da prova foi Bruno Ferrere que durante o torneio marcou dezoito «penaltyes» e cometeu dezassete faltas castigadas com grandes penalidades...

Bruno é irmão do avançado-centro da selecção de amadores do Brasil, que vai jogar no México — também um excelente marcador de golos, principalmente de cabeça.

«Diário de Lisboa»

Da Federação Portuguesa de Boxe recebemos um ofício de agradecimento pelo desenvolvido noticiário que temos dado à sua actividade.

Gratos pela deferência.

ACABOU ONTEM A «TAÇA» QUE COMEÇOU ONTEM...

Concluiu-se ontem, a disputa da «Taça das Cidades com Feira» respeitante á época de 1967-1968. E, também ontem, começou a realizar-se novo torneio; a particularidade (paradoxal) é que ainda o Leeds não terminara o seu jogo com o Frencvaros e já o Newcastle principiara a golear o Feyenoord...

Assim, os resultados dos diferentes jogos que contam para a recente edição do troféu foram os seguintes:

- Beerschot-D.W.S.: 1-1.
  Golos de Honrey e Vanderwall, respectivamente pelo clube de Antuérpia (Beerscvhot) e Amesterdão (D.W.S.).
- Newcastle-Feyenoord: 4-0.
  Tentos da autoria de Scott, Robson, Gibb e Davies.
- Nápoles-Grasshoffers: 3-1.
  Jogo tranquilo do Nápoles, que apenas não atingiu larga vantagem no marcador porque foi cerrada a defesa dos suíços.

Por ultimo, registe-se que, em Budapeste, o Leeds empatou sem golos com o Ferencvaros, pelo que o 1-0 da primeira «mão» chegou para lhe garantir a posse da «Taça das Cidades com Feira» referente á temporada 1967-68.

O G. D. MOURARIA VOLTOU AO BOXE

O Grupo Desportivo da Mouraria uma das colectividades com maiores tradições pugilísticas voltou á prática do pugilismo. Fez a sua inscrição na Federação e nas próximas competições voltaremos a ver as camisolas listradas de verde e encarnado entre as doze cordas.

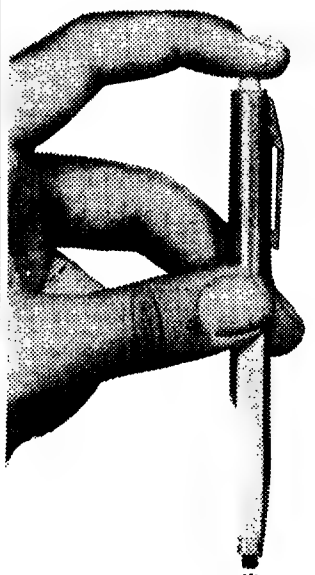
Palestra sobre o México e as Olimpíadas

O Comité Olímpico Português, no desejo de dar aos componentes da equipa nacional que brevemente se desloca ao México, completos esclarecimentos sobre a vida e os costumes mexicanos, convidou o dr. Mário Duarte (antigo desportista e ex-embaixador de Portugal naquele país) a fazer uma palestra sobre o assunto.

Dada a categoria do conferencista e o seu conhecimento da vida mexicana, o C. O. P. convida todos os desportistas a assistir á referida palestra que se realiza amanhã, ás 21.45 horas, na Associação Comercial de Lisboa, Rua das Portas de Santo Antão, 89, em Lisboa.

TAPETES
Carpélio
Um produto "ALAMAC"
Elio Amorim & Filhos, Lda.
PORTO — LISBOA
CARPETES

NOVIDADE!
pretende emagrecer? vigia o seu peso?



POIS TEM AGORA À SUA DISPOSIÇÃO UM NOVO EDULCORANTE ARTIFICIAL PURO NÃO CALÓRICO

Me·Ta·Sweet™

QUE ADOÇA SEM ENGORDAR E QUE SE ADMINISTRA POR MEIO DE UM DOSIFICADOR (semelhante a uma esferográfica)

* Não há que abrir ou fechar frascos ou caixas

* Nem que pegar em comprimidos com as mãos

Por cada disparo o dosificador liberta uma quantidade de pó cristalino, equivalente, em poder edulcorante, a meia colher das de chá, de açúcar.

HIGIÉNICO, PRÁTICO E CÓMODO DE USAR
Adquira-o hoje mesmo na sua farmácia
Distribuido em Portugal por:
HERBERT CASSELS, LTDA. Av. 24 de Julho, n.º56 – Lisboa 2

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

AMANHÃ — Às 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: Clube de Coleccionadores; 20 e 20: Relatório da Ciência e da Técnica; 20 e 50: Cartaz TV; 21 e 05: Barreiro de sombra; 21 e 20: Carrocel Mágico; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Eurovisão — Concurso Internacional de Jovens Chefes de Orquestra, de Copenhague; 22 e 20: Missão Impossível; 23 e 20: Fados por Fernanda Maria; 23 e 45: Telejornal, Meditação e fecho.

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orq. de...; 17 e 35: Do Chiado até á Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: A orq. Helmut Zacharias; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 5.º episódio do folhetim «Dois Caminhos»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: O trompetista Herb Albert; 21 e 40: Festival 68; 22 e 30: Evocação de Coimbra, por Luís Gois; 23: Noticiário — Boletim Meteorológico; 23 e 05: Programa da noite; 24: Noticiário — Programa da noite; 0 e 50: Ultimas notícias — Resumo do Programa; 1: Hino Nacional — Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Musica sinfónica; 16 e 30: 2.º e 3.º actos da ópera «Os puritanos», de Bellini; 18: Musica do Século XX — obras de Benjamin Britten: 9: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Musica da Beira Alta, da Região de Vouzela, recolhida por Artur Santos; 19 e 45: Musica de piano — Obras de Ravel e Balakirew por Vlado Perlemuter e Yun Boukoff; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Magnificat em ré maior, de Bach — solistas vocais e Coro e Orq. de Camara de Stutgart, dir de Marcel Couraud; 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Camara, sob a dir do maestro Silva Pereira — Obras, de Corelli, Scarlotti — Tommasini e Gluck; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de canto e piano por Maria Fernanda Melo e Florinda Santos, preenchido com obras de António Fragoso; 22 e 07: Quadros gregos de Armand Marsick, pela Orq Nacional da Bélgica; dir de Fernand Quinet; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; e 15: Fecho.

3.º Programa (cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de teclo — Obras de Bach, Chopin e Albert Roussel, por Carl Seemann, Georges Banhalmi e Françoise Petit; 23 e 30: Parte de um concerto pela orq. Filarmónica de Munique; 0 e 07: Quarteto N.º 5 em mi bemol maior, op. 44 n.º 3 de Mendelsshonn, pelo Quarteto Manoliu; 0 e 38: Canções de Ricardo Strauss pelo barítono Gérard Souzay; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio jornal; 20 e 15: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das donas de casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robialac: 19 e 45: Crónica feminina; 20 e 05: Rádio placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestras; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Fados por Teresa Tarouca; 18 e 20: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Musica seleccionada; 21 e 45: Transmissão das cerimónias religiosas de Fátima: 24: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16.

EMISSORAS ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e 22 ás 2. **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno B

AJUDA — Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 17 (633288) ✻ **Boa Hora,** R. dos Quartéis, 25-27 (637777).
ALCÂNTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 4-B (637020)
ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (712070) ✻ **Ideal,** Avenida Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803).
AREEIRO — Vera Cruz, Pr. António Pedroso, 4-B (á Av. S. João de Deus) (724941) ✻ **Onilda,** Av. João XXI, 13-A (726848) ✻ **Gasparinho,** R. Dr. Gama Barros, 54-A (710465).
ARROIOS — Oriental de Lisboa, R. Arroios, 215 (45079)
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 56-B-C (junto á Avenida Sacadura Cabral) (770776) ✻ **Cosmos,** Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) ✻ **Sagres,** Av. Luís Bivar, 69-71 (472 3) ✻ **Correia de Almeida,** Av. Fontes Pereira de Melo 21-B-C (47385)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nobel, R. Actor Vale, 58 (junto á Fonte Monumental lado Sul) (842152)
BAIRRO ALTO — Labor, R. Diário de Notícias, 8 (323428)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (84122)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascense, R. 21 41 (311276)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romana, R. 8 7 6 R. Marquês de Olhão (383800)
BAIXA — Estácio, Pr. D. Pedro IV, 60-63 (321067-324224) ✻ **Marão — R.** de Assunção, 7-19 (321289)
BENFICA — Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (702532) ✻ **Sousa,** Est. de Benfica, 429-43 (780027)
CAMPO DE OURIQUE — Portírio, R. Francisco Metrass, 59 (663349)
CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 38 (774682)
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 1 (680304) ✻ **Ivone, Ld.ª** Rua Silva Carvalho, 282-C (650760)
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780 81)
CONDE DE REDONDO — Jaime José da Costa, R. Conde de Redondo, 68-72 (54342)
ESTEFÂNIA — Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (44 58)
ESTRELA — Paiva & Parente, R. de Santo António da Estrela, 96-98 (655 96) ✻ **Martins,** Calçada da Estrela, 67 (660823).
GRAÇA — Arnaldi, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) ✻ **Morão,** Largo da Graça, 63 (860700).
INTENDENTE — Intedente, R. Pina Manique, 50 (47838)
LUMIAR — Alameda, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✻ **S. Tomé,** Est. do Desvio, lote, 2-C (790704)
MADRAGOA E SANTOS — Fontoura de Carvalho, Rua de Santos-o-Velho, 12 (664075)
OLIVAIS — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (381612) ✻ **Antunes Rosas,** R. C. I., lote 199 — Olivais Sul (313610) **Central dos Olivais, Lda.,** R. Alferes Barnabé Ruas, 7-C — Olivais Norte.
PEDROUÇOS — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, 1 P. M., 3 (610256)
PICHELEIRA — Marluz, Caís do Pichelreira, 40-B-C (720708-728395).
RATO — Soares, Av. Álvares Cabral, 1 (684284)
REGO — Prates & Mota, Rua do Benformoso, 91 (773728).
S. PAULO — Central, R. de S. Paulo, 108 (320389)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (ó Av. D. Afonso III) (843439) ✻ **Martins, Ld.ª** R. Fernão de Magalhães, 33 (849448)
MOSCAVIDE — Banha — Av. Moscavide, 22 (Tel. 251851 8)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av.ª Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 213953)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardino Ribeiro, 7-A. Telefone 242839.
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 — (Tel. 2432034).
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 — (Tel. 2430090).
PAREDE — Grincho — Av.ª da República, 87-A (Tel. 2471204).
ESTORIL — Lopes — R. Hangar, 3 — (Tel. 260008).
CASCAIS — Misericórdia — R. Regimento 19, 41 — (Tel. 28141) ✻ **Cascais** — R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas — (Tel. 282407).

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo — P. D. João 1-Lote 146 — B.º Janeiro — (Tel. 938551) ✻ **Central** — Av. Cardoso Lopes, 25 — (Tel. 932210) ✻ **Igreja** P. da Igreja, 22-A — (Tel. 937740) ✻ **Jardim** — Av. Conde de Oeiras, loja X-1 — Reboleira — (Tel. 938424).
DAMAIA — Confiança — Estrada Militar, Lote D — (Tel. 971023).
QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 — (Tel. 950043) ✻ **Queluz** — Av. Elias Garcia, 151. 66— arman arm Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841).
CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — Quimia, Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 930456)
SINTRA — Misericórdia, Largo dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391).
COLARES — Colares, Abrelo (Tel 299088).

● Outra banda

ALCOCHETE — Gameiro — Lg.º António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 — (Tel. 224020).
ALMADA — Saleno — R. Capitão Leitão, 85 — (Tel. 276056)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — E. Nacional, 174 — (Tel. 224302).
BARREIRO — Higiénico — R. D. Manuel, 178 — (Tel. 2273017).
COVA DA PIEDADE — Atlântico, Quinta do Pombal, 1 (Tel. 274365).
MOITA — Silva Rocha — P. da República, 16 — Tel. 239029)
MONTIJO — Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370).
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 — (Tel. 229028)
SETUBAL — Rosado Pinto — P. do Bocage — (Tel. 22484) ✻ **Nova** — R. Gen. Gomes Freire — (Tel. 22052).
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA
INJECÇÕES TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.º
Telef. 43738

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO			
Consolidado 4 3/4%	—	—	530$00
Consolidado 3%	545$00	—	545$00
Consolidado 3 1/2%	—	—	650$00
Centenários 4%	—	—	1 480$00
Obrigações Tesouro 5%	1.004$00	1.003$00	1.004$00
Externo Série	—	780$00	800$00
Externo 1.ª Série	—	840$00	—
Externo 3.ª Série	—	840$00	890$00
Externo 3 Série	—	750$00	890$00
Cautelas 3 Série	—	195$00	210$00
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	495$00
A P L 5% 56	—	930$00	—
A P L 5% 58	—	930$00	950$00
C P 4 1/2% 65	920$00	—	920$00
C P 5 1/2% 67	—	1.035$00	1.040$00
C U 6%	—	—	1.020$00
C U F 6% 68	—	1.005$00	—
Gás Elect 4% 48	—	850$00	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	880$00	—
Gás Elect 5% 52	—	900$00	950$00
Gás Elect 5% 58	—	875$00	—
Gás Elect 5% 59	—	875$00	—
Gás Elect 5% 62	—	915$00	—
Gás Elect 5% 63	930$00	920$00	960$00
Gás Elect 5% 65	—	—	930$00
Gás Elect 6% 67	—	1.020$00	—
H E A. Alentejo 5%	—	830$00	—
H E Cávado 5%	—	860$00	—
H E Cávado 6%	1.000$00	—	1.000$00
H E Douro 5%	860$00	860$00	860$00
H E Douro 6%	—	—	1.000$00
H E Norte Portugal 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	1.001$00	1.000$00	1.002$00
H E Zêzere 5% 55	—	850$00	—
H E Zêzere 5% 57	—	850$00	—
Lisnave 5%	—	1.001$00	1.003$00
Metropolitano 4%	910$00	905$00	910$00
Metropolitano 5 3/4%	1.025$00	1.022$00	1.025$00
Moçambique 5%	—	760$00	—
Nac Eléctrica 5%	—	845$00	850$00
Nitratos 5%	—	840$00	850$00
Nitratos 5% 60	—	830$00	—
Petroquímica 5%	—	860$00	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	921$00	—
Sacor 5% 60	—	850$00	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	840$00	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	840$00	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	815$00	—
T A P 4%	—	—	920$00
Termoelect Port 5%	835$00	830$00	840$00
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	82$00	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	81$00	84$00
U. E. P. 5% 60	—	850$00	—
U. E. P. 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	955$00	955$00	960$00
Alentejo	606$00	605$00	608$00
Angola	—	1.450$00	1.490$00
Burnay	—	—	2.850$00
Crédo Predial	—	—	1.900$00
E. Santo	—	13.450$00	13.550$00
E. Santo n	—	—	—
Fonsecas & B.	—	—	—
L. & Açores p.	—	—	4.100$00
L. & Açores n.	—	—	—
Atlântico	—	—	—
Portugal n.	2.270$00	2.260$00	2.280$00
Portugal p.	—	2.400$00	2.500$00
Totta Allança	—	4.350$00	4.450$00
Ultramarino n.	1.260$00	1.255$00	1.265$00
Ultramarino p.	—	1.457$00	1.460$00
Seguros			
Alentejo	—	76$00	78$00
Douro	—	780$00	900$00
Mundial	370$00	370$00	375$00
Sagres	—	—	1.190$00
Tranquilidade	—	40.000$00	45 000$00
Ultramarino	—	8.500$00	—
C. Ultramarinos			
Açúcar de Angola	670$00	660$00	680$00
Ag. Casseque	520$00	520$00	525$00
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	115$00	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	115$00	120$00
Borar	—	105$00	—
Buzi	—	62$00	63$00
Cabinda	—	91$00	95$00
Diamantes Angola	1.165$00	1.162$00	1.170$00
H. E. Revué	—	610$00	640$00
Ilha do Príncipe	—	450$00	—
Moçambique	—	47$00	49$00
Sonete n.	—	—	—
Sonete p.	270$00	268$00	270$00
Zambézia	—	43$00	—
Diversos			
Cidla	—	7.050$00	7.000$00
Cim. Leiria	—	1.700$00	1.750$00
Cim. Tejo	—	2.400$00	2.450$00
Co. Navegação	630$00	630$00	638$00
C. U. P.	1.050$00	1.030$00	1.050$00
Ind. Alanço	—	—	700$00
Nac. Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	—	—
Port. e Colónias	—	1.300$00	1.350$00
Port. Celulose	—	3.100$00	3.250$00
Port. Pesca	—	600$00	630$00
Port. Tabacos	470$00	469$00	472$00
Sacor	—	—	4.750$00
Siderurgia Nac.	—	1.090$00	1.120$00
Socel	—	2.120$00	2.180$00
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	6.870$00	7.000$00
U. F. Azoto	715$00	710$00	720$00
Águas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	—	405$00
Aguas Lisboa 34	—	385$00	395$00
Aguas Lisboa 36	—	390$00	—
Eléctr. Beiras	—	—	1.520$00
Gás Electr.	383$50	383$00	384$00
H. E. Alto Alentejo	158$00	157$50	158$00
H. E. Cávado	1.230$00	1.230$00	1.235$00
H. E. Douro	1.206$00	1.205$00	1.207$00
H. E. Norte Portugal	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	1.750$00
H. E. Zêzere	1.280$00	1.276$00	1.285$00
Nac. Electricidade	—	—	—
Termoeléctrica Portuguesa	1.380$00	1.378$00	1.390$00
União Eléctrica Portuguesa	—	—	—
P. DE INVESTIMENTO			
P. I. Atlântico	—	147$50	51$90
P. I. D. E. S.	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	5/9/68	11/9/68	12/9/68
GERAL	103,3	103,4	**103,5**
METROPOLITANAS	102,2	102,6	**102,7**
ULTRAMARINAS	111,3	109,0	**109,4**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
Dollar de 1 a 4	28$25	28$65
Dollar de 5 a 000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$10	7$30
Austria — Schilling	$08	$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	8$50
Espanha — Peseta	$40,3	$41,8
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,52	$04,7
Marrocos — Dirham	4$65	5$15
Bélgica — Franco	$55	$57
França — Franco	5$50	5$85
Suíça — Franco	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	315$00	330$00
Inglaterra — 1/2 libra	220$00	240$00
Ouro Fino — Barra	36$00	38$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO 72
Notas estrangeiras
papeis de crédito
Tel. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE

Comissário X acção em Ceilão — no POLITEAMA
Enganei-me no número! — no SÃO JORGE
Prisioneiro do passado — no ESTÚDIO

POLITEAMA Tel. 32 63 05
HOJE, À NOITE, ÀS 21.30
EM ESTREIA
O filme de brutal acção explosiva
com **Tony Kendall** e **Brad Harris**
COMISSÁRIO X ACÇÃO EM CEILÃO
Uma realização que abala os nervos
Scope-Color (M. 12 anos)

SÃO JORGE Tel. 54154
HOJE, ás 21.30
(M. 17 anos)
ESTREIA
ENGANEI-ME NO NÚMERO!
com **Bob Hope, Elke Sommer** e **Phyllis Diller**
Às 15.15, 18.15
NÃO PERCA A CABEÇA
(M. 12 anos)

AVIS Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
(M/ 12 anos)
Technicolor
Gianni Morandi — Sandra Milo
Rosemarie Dexter — Rossano Brazzi
POR AMOR... POR MAGIA...
A moderna história de Aladino

ODEON Tel. 32 62 83
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Notável êxito da comédia musical
com o famoso cantor **Gianni Morandi**
POR AMOR... POR MAGIA
A história de Aladino e da sua lâmpada mágica
Luxo! Grandiosidade! Lindas canções
Technicolor (M. 12 anos)

TIVOLI Telef. 50595
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
(M. 12 anos)
59.ª E ULTIMA SEMANA
Continuação do exclusivo deste cinema
MÚSICA NO CORAÇÃO
com **Julie Andrews** e **Cristopher Plummer**

SÃO LUIZ Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
Um filme hilariante com o grande **Louis de Funès**
AS FÉRIAS GRANDES
com **Claude Gensac** e **Martine Kelly**
Franscope Eastmancolor

MUNDIAL Tel. 53 87 63
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
(M. 17 anos)
AS CARTAS DO ESCORPIÃO
com **Alex Cord** e **Shirley Eaton**

estúdio 444 Tel. 77 90 95
Às 15.30, 18.30 e 21.45
(M. 17 anos)
9.ª SEMANA
CONTINUAÇÃO DE ESTREIA
A grandiosa realização de **Antonioni**
BLOW-UP
com **Vanessa Redgrave** e **David Hemmings**

ALVALADE Tel. 76 30 80
Às 15.45 e 21.45
(Adultos)
Um filme hilariante com o grande **Louis de Funès**
AS FÉRIAS GRANDES
com **Claude Gensac** e **Martine Kelly**
Franscope Eastmancolor

EUROPA Tel. 66 10 16
Às 15.15 e 21.30
(Adultos)
Um filme de «suspense» e bom humor
PIMENTA FRANCESA
com **Elke Sommer, Christian Marquand** e **Sophie Daumier**

TERRASSE Tel. 32 09 17
Às 15 e ás 21
(M. 17 anos)
UM ESTRANHO EM CASA
A MULHER DE PALHA

ELIZ Tel. 4 85 60
Às 14.45 e 21 h.
(Adultos)
MADAME X
ARREPIO-ME TODO

IMPÉRIO Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
(Adultos)
Technicolor
Cinema do mais alto nível
Um filme de **Frank Perry**
MERGULHO NO PASSADO
(The Swimmer)
com **Burt Lancaster, Janice Rule** e **Janet Landgard**

estúdio Tel. 55 51 26
Às 21.45
ESTREIA
(Adultos)
Veja anúncio especial
PRISIONEIRO DO PASSADO
com **Humphrey Bogart**
Às 15.30 e 18.30 — Últimas exibições de «**DR. FAUSTO**», com **Richard Burton** (Adultos)

ROMA Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
Eastmancolor
DESLUMBRANTE APOTEOSE DE RITMO E COR
BAILADO NO GELO
com
A GRANDE REVISTA DO GELO DE VIENA
Marika Kilius — Jürgen Baumler

MONUMENTAL Telef. 555131
Às 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)
OS BOINAS VERDES
com **John Wayne, David Jansen, Jim Hutton**
TECHNICOLOR — PANAVISION

CASINO ESTORIL TELEFONE: 26 07 29
Às 17 e 21.30
(M. 12 anos)
LONDRES É DE GRITOS!!
COLORIDO
com **Norman Wisdom** e **Diana Dors**

EDEN Tel. 32 07 68
Às 15.15, 18.30 e 21.45
(M. 12 anos)
3.ª SEMANA
Duas horas de gargalhadas
MARIO MORENO
CANTINFLAS
EM O PORTEIRO
com **Silvia Pinal — Fernando Casanova — Oscar Pulido**

CONDES Tel. 32 25 23 e 32 67 1(
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
Gassman, Trintignant, Catherine Spaak
A ULTRAPASSAGEM
O célebre «IL SORPASSO»
A obra-prima de DINO RISI
(Ar condicionado)

RESTELO Tel. 61 03 78
Às 21.30
(Adultos)
Um filme de emoção e mistério extraído da obra de **Edgar Wallace**
Em Eastmancolor
O CIRCO DO TERROR
(Circus of Fear)
com **Heinz Drache** e **Christopher Lee**

CINE-TEATRO LIDO Tel. 93 75 93
AMADORA
Às 21.30
(M/ 17 anos)
O «western» mais sensacional do ano
DJANGO
Franco Nero, o «cow-boy» mais destemido!

CINEMA IDEAL
Tel. 32 41 94
Às 21 horas
(M. 17 anos)
TEMPOS DIFÍCEIS
O FORTE DAS MULHERES REBELDES

IMPERIAL Tel. 45933
Às 15 e ás 21 h.
(M. 12 anos)
OS 7 HOMENS DE OURO ATACAM DE NOVO
UMA ENCANTADORA IDIOTA

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 45: «A flor do cacto» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Oh que delícia de coisa» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A louca de Chaillot» (17 anos).

CINEMAS

ARCO ÍRIS — Às 21: «Operação Istambul» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Encrenca dupla» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Acção em Ceilão» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Que noite rapazes» (12 anos).
IMPERIAL — Às 21: «Os 7 homens de ouro atacam de novo» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21: «Assalto ao Queen Mary» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Grão-lobo chama» (12 anos).
TERRAÇO DE LISBOA — Às 21: «Momento a momento» (12 anos).
CINEMA CASTANHEIRA — «As escravas ainda existem» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — «Quem brinca com o fogo queima-se» (17 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21 e 15: «Um favor muito especial» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «Duelo em Diablo» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «As espingardas da desforra» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «O homem com a morte nos olhos» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Rita no colégio» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Estrela negra» (12 anos).
BOMBEIROS V. LOURES — Às 21 e 15: «Regresso ao passado» (17 anos).
CINE-ENCARNAÇÃO — Às 21: «O congresso do amor» (17 anos).

● Linha de Cascais

CARCAVELOS — VICTÓRIA CINE — Às 21 e 30: «A Princesa» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Armadilha Istambul» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Domingo de Verão á italiana» (17 anos).
ESTORIL — CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Cinco destemidos para Singapura» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Um gatuno sedutor» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Luta inglória» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Espero-te no inferno querida» e «Ouro Negro» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Fantasmas em férias» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Doutor Jivago» (17 anos).

● Outra banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «A linha de demarcação» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21: «Os 7 gladiadores» e «Rei de Roma» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 30: «Um certo sorriso» (17 anos).

VII Eleição do «Rei» da Rádio Portuguesa

Organizada pela PAC em colaboração com o «Diário de Lisboa»

Voto em .....
Nome do votante .....
.....
Morada .....
.....

A ELEIÇÃO DO «REI DA RÁDIO PORTUGUESA»

Artur Garcia é o actual «Rei da Rádio Portuguesa» e, como tal, está a sofrer forte assédio á sua majestade. Recorda-se quando, ainda recentemente, foi homenageado pela «Rainha da Rádio» (Maria de Lurdes Resende), na presença do produtor Arlindo Conde (a quem se deve a iniciativa da eleição) e do fadista António Rocha que ostenta, também, o ceptro e a coroa da sua especialidade interpretativa

Assim vai a votação, considerada exclusivamente a primeira contagem de cupões e lembrando que, amanhã, pelas 18 horas, se realiza novo apuramento de votos:

António Calvário	275
Sérgio Borges	58
Miguel Maia	42
Filipe de Freitas	40
Luís Rocha	38
Dárit de Barros	36
Nelson Camacho	34
Dr. José Afonso	26
Joaquim Manuel	26
Artur Garcia	24

Depois, registaram-se votos para os seguintes intérpretes:

Mano Belmonte, Rui de Mascarenhas, Joaquim Cordeiro, António Mturão, Carlos Senna, Fernando Madeira, Marco Paulo, Fernando Farinha, Tony de Matos, Artur Ribeiro, Vítor Teixeira, Manuel Mar, Dantónio Hollanda, Manuel Dias, Guilherme Kjolner, Horácio Reinaldo, António Beja, Tony Valério, Rui Dinis, Lturenço de Oliveira, António Bento, Alex, Gabriel Cardoso, Norberto Martinho, Valério Silva, Daniel, Fernando Conde, Aurélio Perry e Nuno de Aguiar.

OIÇA.. «PASSATEMPO PAC»
O SEU PROGRAMA DA MANHÃ
DIARIAMENTE A PARTIR DAS 8 HORAS E 5 MINUTOS NOS E. A. L. EM O. M. E F. M.
MÚSICA... ACTUALIDADES... E PASSATEMPOS

Brevemente! mais um extraordinário PASSATEMPO muitos prémios

bom apetite

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE **XANGAI**
Av. Duque de Loulé, 20-B / T. 57378
(frente á Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE
GALINHA C/ ANANAS
E FICARÁ CLIENTE

CHURRASCO
RESTAURANTE
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
Rua das Portas S. Antão, 88
Telf. 323059

RESTAURANTE **SANCHO**
Trav. da Glória, 14 — Telef. 369780
ALIMENTOS DE 1.ª QUALIDADE
NO MELHOR AMBIENTE
SALA PARA 40 E 80 PESSOAS
★ AR CONDICIONADO ★

EXCURSÃO A MADRID

Comunica-nos a C. P. que se encontra esgotada a lotação da excursão colectiva a organizar a Madrid, com partida de Lisboa no dia 15 de Setembro e regresso a Lisboa no dia 19 de Setembro, utilizando o «Lisboa-Expresso-Ter», e o «Lusitânia-Expresso».

Continuam, no entanto, a aceitar-se inscrições para excursões individuais, áquela cidade, com partida e regresso nas mesmas datas e utilizando os referidos comboios, a preços especiais com tudo incluído (transporte, alojamento, refeições, etc.).

Para melhor elucidação informe-se na E. G. T. (Rua do Arsenal, 124). Telefones: 36 21 51 e 36 21 61.

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144—Tel. 790211
(2.ª Circular ao Campo Grande)
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 5 anos)

tamborim
Restaurante - Snack-Bar - Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA
e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana) — Telef. 46247

Parreirinha do Rato
Restaurante, snack-bar, cervejaria, mariscos
Ambiente acolhedor
Todos os dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco de frango, pato, porco e cabrito
Largo do Rato.
(entrada pelo arco) — Tel. 669908
Parque para automóveis

CONVIDADOS (COM CHAPÉUS DE PALHA) CELEBRARÃO HOJE NO LIDO OS 80 ANOS DE MAURICE CHEVALIER

PARIS, 12 — (R.) — As luzes deslumbrantes dos «music-halls» de Paris iluminavam, há 70 anos, a pequena figura de um rapazito de 10 anos, que então começava a aprender um ofício para o qual não tinha jeito — o de acrobata.

Esse rapazito, acrobata sem futuro, transformou-se com o rodar dos tempos no Maurice Chevalier, cujos 80 anos, completados hoje são celebrados com uma série de festas e que é considerado como uma das maiores personalidades de sempre no mundo do cinema do palco e da Televisão.

Cerca de 250 convidados de todas as nacionalidades, vão acorrer esta noite ao Lido, de chapéus de palha, para cantarem com Chevalier as famosas canções a que o grande artista emprestou o cunho tão pessoal da sua interpretação — «Louise», «Mimi» e «Thanks Heaven for Little Girls».

Foi bem humilde a forma como começou a sua vida um dos mais famosos franceses da actualidade. Seu pai, pintor da construção civil, abandonou o lar quando Maurice era muito novo e a saude da mãe começou, pouco depois, a ficar gradualmente abalada.

Tinha ela dez filhos dos quais apenas três — todos rapazes — sobreviveram. Maurice era o mais novo.

Quando atingiu os dez anos, deixou a escola e tornou-se aprendiz de gravador. Logo porém, desistiu, e começou a aparecer pelos «music-halls».

A sua tentativa para se tornar acrobata foi um malogro tão completo que, durante bastante tempo, nunca mais alguém o viu pelos «music-halls». Trabalhou então, sucessivamente, como electricista, pintor de bonecas, empregado de escritório e operário.

Aos 12 anos, contudo, o frustrado jovem resolveu fazer mais uma tentativa para voltar aos tablados e começou a

MAURICE CHEVALIER
80 anos

receber lições de canto. Mais uma vez falhou, ao apresentar-se num «music-hall» de Paris, mas a mãe animou-o a prosseguir.

A grande oportunidade apareceu em 1904, quando Maurice conseguiu um contrato para cantar no Parisiana, ao tempo o mais importante de todos os «music-halls» de Paris.

A seguir veio uma digressão cheia de êxitos pelas províncias e, quando voltou a Paris, o jovem não só sabia cantar como, também, dançar.

Aprendeu, igualmente, a jogar boxe e tornou-se um dos mais conhecidos pugilistas amadores da época.

Em 1909, Maurice Chevalier era já um «astro» dos tablados e apareceu nas «Folies Bergéres» ao lado da ultra-famosa Mistinguett.

Ferido e preso pelos alemães quando da primeira guerra mundial trabalhou como ordenança dos serviços médicos num campo de prisioneiros até ser repatriado em 1916.

Uma vez de volta à capital francesa, começou a actuar no Casino de Paris, outra vez ao lado de Mistinguett, e em 1922 os autores já escreviam espectáculos especialmente para ele.

Em 1922 casou com uma cantora, Yvonne Vallee, com a qual actuou em vários espectáculos. Divorciaram-se em 1934.

Após a sua estreia nos Estados Unidos, nas «Ziegfield Follies», em 1929, fixou-se naquele país e ali ficou durante sete anos fazendo apenas, de quando em quando, curtas visitas a Paris por altura do Verão.

Quando a França foi ocupada pelos alemães, na Segunda Guerra Mundial, Maurice Chevalier exibiu-se em vários campos de prisioneiros, pelo que se tornou suspeito de colaboração com os nazis. Foi, no entanto, completamente ilibado após a guerra.

Chevalier acaba precisamente de realizar mais uma viagem artística em redor do Mundo. Não há duvida de que está velho, mas o chapéu de palha continua a emprestar-lhe o mesmo toque janota e o seu rasgado sorriso tem ainda o perfume viçoso da Paris de outras eras.

«O meu negócio é trazer a todos um pouco de sol», disse Maurice certa vez.

Maurice Chevalier anunciou já que abandona os palcos durante o próximo ano, mas continuará a trabalhar para a Televisão e para o Cinema.

UMA CENTENA DE BIÓLOGOS DE DIVERSOS PAÍSES REUNIDOS EM OEIRAS

Reataram-se hoje em Lisboa os trabalhos do Curso de Férias sobre propriedades das membranas biológicas, começado há dias na Figueira da Foz e que se concluirá depois de amanhã.

Como dissemos, no curso participa mais de uma centena de pessoas, de várias nacionalidades, reunidas especialmente para ouvir as lições de um grupo de especialistas daquela matéria, que hoje ocupa e preocupa todos os sectores avançados da ciência biológica.

Os participantes vieram ontem para Lisboa, tendo-se instalado em hoteis perto de Oeiras, pela razão de decorrerem no Centro de Biologia da Fundação Gulbenkian, naquela vila, os três ultimos dias de trabalhos.

As lições reataram-se esta manhã, na sala de colóquios do Centro de Biologia, onde os nossos hóspedes foram recebidos pelos srs. dr José Ribeiro dos Santos, director do Serviço de Ciência da Fundação, dr. Horácio Menano, actual director do Centro, bem como outros cientistas que ali trabalham, encontrando-se presente, também, o sr. dr F. Carvalho Guerra, organizador do curso.

As jornadas são ocupadas em sessões de trabalho, pelo que estão previstos poucos actos sociais. Haverá amanhã um jantar no Castelo de S. Jorge, oferecido pela delegação portuguesa do Comité Científico da N. A. T. O., ao qual se deve a promoção destes cursos, que desde há anos se realizam e, no sábado, para encerramento, um almoço oferecido pela Fundação Gulbenkian nos jardins do seu Palácio Pombal, em Oeiras, a par do Centro de Biologia.

INSTITUTO SUPERIOR DE LÍNGUAS E ADMINISTRAÇÃO

TRADUTORES
INTÉRPRETES
SECRETARIADO
TURISMO
DIRIGENTES DE EMPRESAS
LÍNGUAS

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

R. do Sacramento à Lapa, 16
Telefs. 676395-673766
Av. da República, 25-1.º Dto.
Telef. 539641
Av. Duque de Loulé, 126-1.º

MATRÍCULAS NO INSTITUTO BRITÂNICO

Encontram-se abertas até ao dia 20 as inscrições para os exames de admissão de novos alunos que desejem frequentar as aulas do Instituto Britanico. As matrículas para os antigos alunos efectuam-se a partir do dia 30.

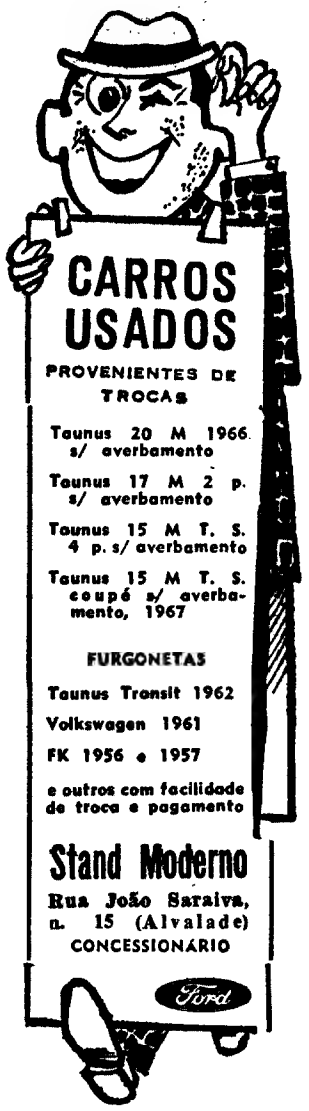
LIVROS ESPANHÓIS

7.000 LIVROS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
CEM EDITORES REPRESENTADOS

LIVRARIA TORRENS
RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

CURSO DE CORRESPONDENTES
PREPARAÇÃO PARA SECRETÁRIAS
Condições especiais para alunas com a secção de letras do 5.º ano ou Curso Geral de Comércio
ESCOLA LUSITANA DE COMÉRCIO
AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 2-2.º
TELEF. 41696

paneuropa
CRUZEIRO A
PALMA — CEUTA — TETUAN — TANGER
De 24 a 30 de Outubro
Preços a partir de 1.900$00
INSCRIÇÕES NA
Paneuropa Viagens e Turismo
A sua Agência de Viagens
Rua Braamcamp, 11-C — LISBOA - 1
Telefones 56 18 71 - 2 - 3 - 4 — 53 67 23 (10 linhas)



CARROS USADOS
PROVENIENTES DE TROCAS
Taunus 20 M 1966 s/ averbamento
Taunus 17 M 2 p. s/ averbamento
Taunus 15 M T. S. 4 p. s/ averbamento
Taunus 15 M T. S. coupé s/ averbamento, 1967
FURGONETAS
Taunus Transit 1962
Volkswagen 1961
FK 1956 e 1957
e outros com facilidade de troca e pagamento
Stand Moderno
Rua João Saraiva, n. 15 (Alvalade)
CONCESSIONÁRIO
Ford

Em COIMBRA o «Diário de Lisboa» vende-se na tabacaria TIVOLI.

M/6 anos
CAMPO PEQUENO
HOJE, ÀS 22 HORAS
vá aos toiros
e habilite-se a uma semana em MADRID
Um êxito que se repete PICADORES

No festival de homenagem
ao grupo tauromáquico "SECTOR 1"
CAVALEIROS
MANUEL CONDE • FERNANDO SALGUEIRO
VÍTOR RIBEIRO
ESPADAS
ARMANDO SOARES • JOSÉ SIMÕES
«TININ» • BECA BELMONTE
e o amador Gilberto Belchior
Forcados Amadores de Santarém
comandados por Rhodes Sérgio
8 Toiros de Cabral de Ascensão
PRÉMIO TURISMO ESPANHOL
O seu bilhete pode valer-lhe uma viagem a Madrid (2 pessoas). Sete dias em hotel de 1ª. classe e bilhetes para as corridas da Feira de Santo Isidro de 1969.
Telefs. 30769, 321712, 761539 e 771819

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA FAP

SUPLEMENTO
Diario de Lisboa
LITERÁRIO

Alexandre O'Neill
Alexandre Pinheiro Torres
Álvaro Manuel Machado
António Otero Seco
Eduardo Prado Coelho
Arq. Leopoldo de Almeida
Victor Silva Tavares

N.º 526/12 DE SETEMBRO DE 1968

Ao prof. Stephen Reckert, catedrático de Português da Universidade de Londres, que é de opinião que a crítica a A Cidade e as Serras *tem de ser revista.*

Tomás Ribeiro Colaço critica Eça

por Alexandre Pinheiro Torres

A Folha de Parra, de Tomás Ribeiro Colaço, é um excelente romance dos anos 30, ainda hoje de leitura fascinante, mas que o público esqueceu. Refere-o, todavia, Óscar Lopes na sua *História da Literatura Portuguesa*.

A Folha de Parra é já curiosamente um romance - ensaio sobre o qual um dia me alargarei um pouco mais, pois limitar-me-ei hoje a retirar dele uma curiosa crítica a *A Cidade e as Serras*, de que reconstituirei os passos mais sugestivos.

Que põe Tomás Ribeiro Colaço na boca do seu herói Ricardinho? Contràriamente ao afirmado por toda a gente bem pensante, Eça não exalta o Campo mas a Cidade, porque.

a) Jacinto nunca amara ou raciocinara a Cidade. Apenas *vivera* nela. Quando vai para a Serra também não a ama nem a raciocina. *Vive* nela.

b) Nunca amara ou raciocinara a Cidade porque a sua supercivilização é uma pura «vigarice» muito intencional de Eça. E porquê «vigarica» intencional? O próprio Eça indica as pistas:

1.ª) *por razões de carácter hereditário* (explicação herdada do naturalismo). Jacinto nada mais era que o continuador de uma família que timbrara por ser molemente parva. Cito as palavras de Tomás Ribeiro Colaço: «O Avô Galião? Miguelista ferrenho (...) A Avó? uma dama sem miolo que morreu obesa e barbada; não voltou a Portugal com receio de viagens, porque uma vez viajara e se lhe quebrara o eixo da traquitana. O Pai? Um amarelento que cuspilhou sangue (...) A Mãe? Filha de um desembargador chòchinhas; e se não saísse ao Pai não aceitara enlace e procriação com aquele macho alombrigado que, de noite, vagueava pelo 202 de lamparina nas unhas».

Conclusão: Jacinto não *herdara* a tal supercivilização.

2.ª) Se a não herdara tê-la-ia adquirido? Nem pensar, porque para ser supercivilizado é preciso ser superinteligente e Jacinto nem inteligente era. Como assim? Pois nem sequer *digerira* a Civilização! O que ele fizera fora *acumular* no 202 miríades de instrumentos e aparelhos, os quais, ainda por cima, funcionavam mal. Que percentagem havia ele lido, por exemplo, dos 30 000 volumes que possuia? Uma ridicularia. E até perante a *acumulação* era passivo. Se acumula uma garrafeira para que é? Para soletrar os rótulos, porque beber é que ele não bebia.

Conclusão: nunca fora *intérprete* ou *protagonista* de nada da Cidade, nem de qualquer drama, nem de qualquer comédia. Eu arredondo da minha lavra: apenas um espectador de cérebro amolecido a quem só interessam exterioridades: um provinciano de boa cepa.

MAIS EFEITOS FISIOLÓGICOS

O grande problema é que, além da acumulação das exterioridades — continua Tomás Ribeiro Colaço — a Cidade o que faz é mal à saúde do Príncipe do 202. O heróizinho cria fastio, arranja corcova e fica amarelento. Que lhe teria acontecido na Serra se em vez de comida suculenta e saudável lhe esturrassem a canja, o frango estivesse córneo, ou a água lhe impingisse o tifo? Donde se conclui que se «S. Ex.ª» ganha apetite, se descorcova e fica corado é porque Eça parte de pressupostos em que, lógicamente, *não podia* acreditar: na Cidade não há canja que suco tenha, nos frangos não se mete dente, e, água, nem de garrafão se salva. De facto apetece perguntar: por que diabo, com efeito um supercivilizado que tantas coisas *acumula* não sabe *acumular* na Cidade os ingredientes com que se faz uma canja, não arranja quem lhe forneça frangos tenros e nem sequer sabe mandar um criado abastecer a garrafeira... de boas águas de mesa?

Não, diz-nos Tomás Ribeiro Colaço. Jacinto «raciocinou a Serra com a mesma chateza epidérmica com que raciocinara a Cidade, premeditando queijeiras de cristal e caindo na mobília de verga. Como se um

(Continua na página seguinte)

Arte versus Tecnologia?

por Victor Silva Tavares

EM 1966 um engenheiro da Bell Telephone (Billy Kluver, especialista de pesquisas sobre o «Laser») organiza um «happening» que agita a actualidade artística nova-iorquina: *Nine Evenings*, subordinados ao tema «theater and engineering». A festa custou 125 000 dólares, financiados pela Bell. Quinze mil espectadores. A vista do público, John Cage compôs e dirigiu um fragmento musical — *Variation VII* — cujos elementos haviam sido antecipadamente registados num jardim zoológico, num restaurante e junto de um ventilador eléctrico. O mesmo público foi convidado a penetrar em gigantescas estruturas de plástico para aí sofrer (ou gozar?) o assalto, a explosão, a orgia de luzes e de sons — excitante divertimento elaborado por Steve Paxton. Neste reino das maravilhas pôde ainda assistir-se a um bailado dirigido por Yvonne Rainer: os bailarinos-robots eram comandados através de micro-receptores que traziam nos pulsos.

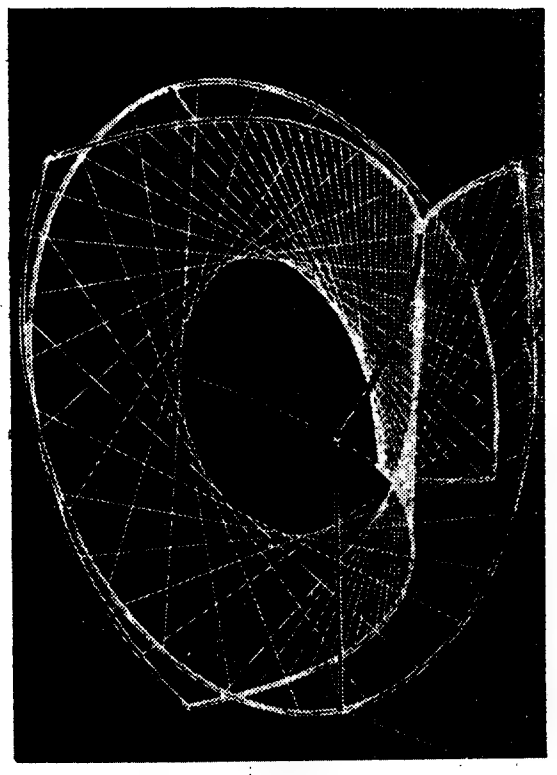
Na apresentação do espectáculo, Kluver acusava a falsidade dos valores artísticos criados no isolamento das «torres de marfim» e incitava os artistas a aderirem à tecnologia profissional como «aproximação do mundo real» (sic).

Estava lançada a semente da E. A. T. («Experiments in Arts and Technology»), sociedade fundada por Kluver e os seus amigos, em Janeiro de 1967. Presidente: Kluver. Vice-presidente: Robert Rauschenberg, Grande Prémio da Bienal de Veneza em 1964 e criador das «combine paitings». Objectivo: «pôr á disposição de todos os artistas contemporâneos os materiais, a tecnologia e o *engineering*», para tanto estabelecendo as ligações necessárias entre eles e a grande indústria.

A SANTA ALIANÇA

Rauschenberg apresentou há pouco em Bruxelas uma máquina electrónica de dez metros de comprimento que reage aos sons emitidos pelo espectador: quando há silêncio absoluto, este reflecte-se na obra como num espelho (isto é, a máquina fica no mesmismo); se o mirone grita ou diz o que lhe vem à cabeça, acendem-se lâmpadas que descobrem uma vasta composição de cadeiras fotografadas sob todos os ângulos. O efeito — escreve Alain Hervé na superluxuosa revista *Réalités*, número duplo de Julho-Agosto p. p. — é surpreendente. E só foi possível, acrescenta, «graças à colaboração de um artista particularmente inventivo e de um grupo de engenheiros electrotécnicos».

Eis um exemplo da santa aliança artistas-engenheiros. Outros matrimónios: Schöfer com a cibernética, Takis com as ondas magnéticas, Agam com as ondas luminosas, Martial Raysse com os circuitos fechados de TV, Alain Jacket com as fotografias em relevo ditas «hologramas», etc.



Forma cúbica e respectivas tangentes. (Exp. Lumière et Mouvement, Paris).

Se a máquina substitui a mão, mesmo no campo da criação artística, está tudo explicado. Mas dê-se a palavra a Rauschenberg:

«Porquê a tecnologia? — Porque é a paisagem da nossa época e porque somos cada vez mais influenciados por ela. Actualmente escondem-na, disfarçam-na sob envoltórios tranquilizantes. Quando um novo material penetra na nossa vida quotidiana tratam de fazer com que ele se assemelhe ao antigo. Reparem no telefone: uma velha escultura..

Existe o seguinte preconcei-

(Continua na 3.ª página)

«help!»

NAS SOCIEDADES de consumo nada se cria por acaso. Uma cor, um gosto ou um «slogan» que a moda implantam têm determinantes específicos e envolvem significados superiores. Roland Barthes e os sociólogos contemporâneos, estruturalistas ou não, demonstraram e vêm demonstrando esse princípio que, de resto, já não é novo há mais de cinquenta anos.

Por isso é que o culto das chamadas *superficialidades* (ou das banalidades) a que o circunspecto cidadão fecha condescendentemente os olhos é muitas vezes incomparàvelmente mais profundo do que as verdades conselheirais e os conceitos que o mesmo cidadão proclama com ar grave e engravatado. A cançoneta ligeira está entre esses fenómenos menosprezados pelo intelectual *ancien régime* que, por falta de actualidade histórica e por vício de formação, continua a ter da Cultura uma ideia escolástica e formal.

UMA BIOGRAFIA
DE FRANK SINATRA

«Uma canção de Brassens, relaciona-se sempre ao meu espírito com uma imagem parisiense da boémia literária», escreveu Jean-Paul Sartre. Paralelamente, Juliette Greco reflecte a mórbida atitude mental da juventude renegada do após-guerra, tal como Chevalier é um produto folgazão duma pequena burguesia bairrista confiante numa vida estável e colorida que se implantaria em França pouco antes dos anos 30. (O nosso Estevão Amarante é, sob muitos aspectos, a figura correspondente a Chevalier e seria curioso notar que, também nele, a evocação da fronteira e do soldado que regressa das linhas, vitorioso, é uma constante ou um emblema de primeira grandeza...) De década para década, de vedeta significativa para vedeta significativa, o espírito da canconeta muda, acusando determinantes superiores. Na Greco o conflito mundial impregna-lhe a voz de uma triste desesperança, em Elvis Presley (que fez cartaz na época da guerra fria e se revelou ele próprio um *rocker* ligado aos segregacionistas), em Elvis Presley, dizíamos, o culto da violência faz-se sentir através dos ritmos destruidores que procuram convocar as energias físicas para a acção do bando.

Há evidentemente raras vozes que subsistem, sem se ajustarem, ao novo clima histórico. Chevalier, por exemplo. A Piaf. Georges Brassens. Frank Sinatra... São casos de vitalidade que se devem não só a um talento excepcional como a diversos factores de mentaliza-

Frank Sinatra: «The good old times»

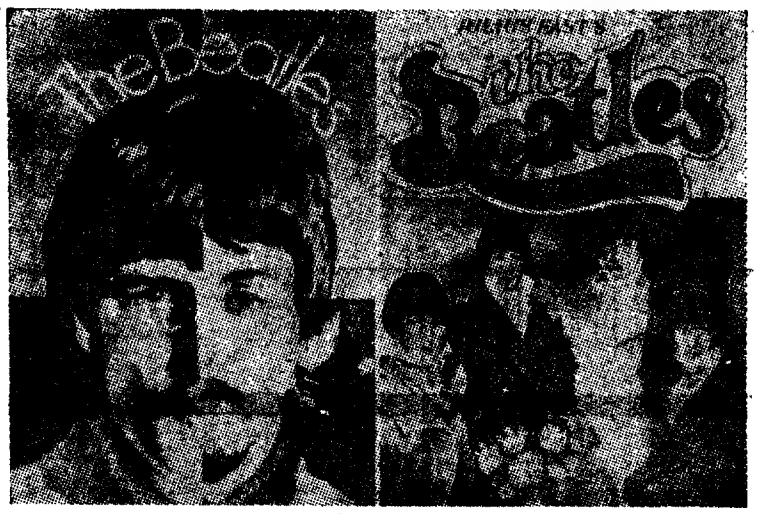
ção do homem médio ou, até, a renovadas campanhas de popularidade desenvolvidas a diversos níveis e a diversos pretextos. A sua presença mantém-se enquanto se mantiver viva uma indispensável lenda pessoal que se sobreponha ás sucessivas transformações do gosto e da crítica.

Sinatra, a biografia que Arnold Shaw escreveu para o editor W. H. Allen, confirma detalhadamente a importância desses factores «á margem» no prestígio de uma vedeta do panorama do *music-hall*. Canconetista das multidões, actor de excepcionais recursos (sobretudo em *O Homem do Braço de Ouro*, extraído do notável romance de Nelson Algreen), Frank Sinatra é uma figura representativa da mentalidade «liberal» à maneira cem-por-cento americana do «*enjoy yourself and make money*. Perfil alegre de *good pal*, de companheirão que circula entre letreiros nocturnos de néon, bares e salas de bilhar, personagem em convívio com os heróis de Damon Runnyon, Sinatra encarna uma imagem tipo onde a noite, a aventura feminina e o *gang* são ingredientes indispensáveis á lenda que o sustentou. Acrescente-se uma aberta atitude política (pró-Kennedy) e compreender-se-á como é homogénea, apesar das aparências de dilletância, a figura do astro americano e como ele define uma representação típica de valores sociais.

A biografia de Arnald Shaw, sem de modo algum pretender dar expressamente a estrutura superior em que se enquadra o biografado, fornece dados de sobejo para tal. Como escreveu o crítico do *Observer*, o retrato que resulta do livro é o de um indivíduo que «não é apenas um dos cantores mais populares de sempre como o de uma complexa personalidade cuja evolução e a vida privada são extremamente ligados, transformando-o numa figura significativa do nosso tempo.»

«HELP!»

Também os Beatles têm um papel importante na nossa actualidade. A uma escala muito superior à de Frank Sinatra, os quatro campeões de Liverpool representam uma etapa histórica — são a imagem de uma juventude que ocupa de facto um lugar na vida (e no consumo) social. As suas notáveis criações, o humôr e a inteligência que as informam, a crítica irreverente dos temas — tudo isso ultrapassa em muito o conceito de banalidade com que os eruditos *ancien regime* costumam catalogar as modernices de rapaziada e os divertimentos ligeiros. É que, como todos sabemos, há — com yoga ou sem yoga — uma ideia bem definida do mundo na cruzada musical do célebre conjunto britânico — uma ideia em que estão comprometidas fortunas, indústrias e em que se representa a chamada «idade da discoteca» através de uma atitude impiedosa.



As duas biografias dos Beatles: em torno do disco, o mercado...

Em Fevereiro passado a editora McGraw Hill, depois de luta furiosa com oito grandes firmas, fechou contrato com Hunter Davies para a publicação de *The Beatles: The authorized biography* — um volume de 357 páginas que, como indica o subtítulo, seria a referência oficial dos quatro grandes da canconeta. A McGraw Hill Book Company pagou cento e cinquenta mil dólares de avanço pelos direitos do livro, soma que foi imediatamente reforçada em virtude de a editora ter vendido á importante empresa americana Dell Publishing Company os direitos para uma edição de bolso.

Hunter Davies, conhecido escritor inglês, obteve o compromisso da parte dos Beatles de que seria o único autor a quem contariam as suas histórias e a quem forneceriam certos documentos biográficos. Durante meses privou, em conjunto e individualmente, com John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr, de modo a obter «um documento humano e vivido em que se pusesse em foco a personalidade e as intenções do agrupamento, bem como a sua interpretação da Cultura pop.»

Entretanto, uma das editoras que concorrera à compra deste livro — a Putnam's — lançava vistas sobre uma outra biografia dos Beatles. O escritor encarregado foi Julius Fast, irmão de Horward Fast e a obra foi escrita em poucas semanas sob pressão de concorrência e com os olhos postos no mercado. Os 100 000 exemplares da edição inglesa da McGraw Hill não esgotam, ao que parece, a capacidade de público interessado, deixando lugar para a edição mais modesta (5000) do livro de Julius Fast. Este, que confessa nunca ter conhecido os Beatles, e que executou a tarefa sobre os filmes, os discos e algumas entrevistas, preocupou-se (segundo declarações de Tom Dardis, director da Putnam's) em pôr em evidência o significado dos biografados. Um significado tão importante que um dos maiores compositores contemporâneos — Aaron Copland — não hesitou em pôr em relevo ao dizer que um só disco dos Beatles — o célebre «Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band» — abria uma nova perspectiva à música moderna.

SUPLEMENTO
Diario de Lisbôa
LITERARIO

LETRAS PORTUGUESAS:

Tomás Ribeiro Colaço critica Eça, *por Alexandre Pinheiro Torres*
A Minha Amiga Alentejana, *por Alexandre O'Neill*

LETRAS ESTRANGEIRAS:

Camilo José Cela, *por António Otero Seco*
«Help!»

CRÍTICA:

Entre o Concreto e o Abstracto, *por Eduardo Prado Coelho*

CRÓNICA:

Paris 1968, *por Álvaro Manuel Machado*

ENTREVISTA:

Da Crítica para a Ficção, *por S. T.*

ARTES PLÁSTICAS:

Arte Versus Tecnologia, *por Victor Silva Tavares*

CINEMA:

Mailer no écran

URBANISMO:

A Estrutura do Povoamento, *pelo arq. Leopoldo de Almeida*

Crítica a Eça

(Continuação da página anterior)

supercivilizado *por necessidade estrutural de requinte* não devesse antes arruinar-se em quiméricos empreendimentos de lavrador, do qué apoucar-se em comezinhas trivialidades. É que no fim de contas o seu espírito «convertido» não mudou. Procurou na Serra aquilo com que a Serra fere a atenção sem a aprofundar; tal como na Cidade procurara aquilo com que a Cidade impressiona a retina dos medíocres que deslumbra. Além, sete escovas para o bigode; aqui a barba por fazer. Madame de Oriol em Paris; uma *lavadeirona* em Tormes. Cheviotes caros da Cidade; fatos grossos na Serra (...) A Serra ergeu o Jacinto que corcovava, tal como D. Miguel erguera a velha pipa de carne da sujidade do chão. O neto, imitando o avô, aferrou-se a quem o endireitara...».

Sim, Eça em *A Cidade e as Serras* não exalta o campo mas a Cidade, eis o que nos diz Ricardinho, personagem principal da *Folha de Parra*, e, neste passo, *alterego* evidente de Tomás Ribeiro Colaço. Pois Eça

Tomás Ribeiro Colaço: Eça em questão...

era um devoto impenitente da enxurrada citadina, apostado em *mascarar-se*, numa hora de falta de assunto.

Acaba por exaltar a Cidade, porque:

1.º) porque, para Eça, o amor do Campo «não se compadece com a barba feita; o supercivilizado não podia guardar intacta a sua personalidade emotiva e cerebral, quando transportado para a aldeia — porque o não conceberia o critério urbanissimo do Autor (...) Fê-lo retrogradar porque não saberia fazê-lo subir».

2.º) Caiu no erro de pintar a Cidade como um Universo cobiçado e distante. «Zé Fernandes suspira pela cidade; o Pimentinha rebola-se para as revistas obscenas ainda tépidas do monturo; o Grilo é uma majestade em exílio; e são secantes todas as festas de família; e são imbecis todas as pessoas que não são analfabetas», etc.

Eis os tópicos oferecidos à nossa meditação pela personagem principal do interessantíssimo romance de Tomás Ribeiro Colaço. Que o leitor distraído ou não raciocine sobre eles, porque tal esforço não lhe fará mal algum. Assim no-lo garante Ricardinho que em *A Folha de Parra* adverte: «O cérebro é um músculo».

University of Cardiff
Novembro de 1967

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

arte vs. tecnologia

Escultura giratória («Revolver») de Rouschenberg, composta de discos em plexiglas: *os espectadores* escolhem a imagem pretendida.

(Continuação da 1.ª página)

to: o progresso técnico é o mal. Nos filmes, o *robot* é sempre o vilão. O artista deve combater esta atitude, mostrar a tecnologia como a aventura do mundo moderno, servir-se dela para valorizar as realidades que nos condicionam, todo este campo de ondas e de moléculas que não distinguimos a olho nu mas que fervilha à nossa volta».

Para isso...

«Para isso é preciso a colaboração da indústria. Não mecenas, essas criaturas um tanto condescendentes que vão para o céu porque nos alimentaram, porque nos compraram as obras. O que nós procuramos é a colaboração de igual para igual com engenheiros, a troca dos cérebros».

Rauschenberg dá um exemplo dessa colaboração:

«Eu queria, para uma peça de teatro, um grande *écran* que se modificasse em função do calor emanado pelos actores. Uma ideia de artista. Tinha comigo dois engenheiros químicos. Por fim, não utilizei o projecto. Mas os químicos esses, agarraram-no logo, adoptaram-no para a indústria. Agora, numerosas fábricas servem-se dele para detectar as vagas de calor nos laboratórios e nos gabinetes».

Tão frutuosa colaboração explica o entusiasmo do artista pela E. A.T.:

«Foi para isto que fundámos a E. A.T. Temos agora muitas centenas de engenheiros dispostos a trabalhar connosco em todos os ramos da ciência e da técnica: mil artistas e uma equipa permanente de quinze pessoas. Orçamento: duzentos mil dólares por ano, pagos pelas diferentes fundações. (...) Cem obras estão em curso de realização. Robert Whitman utilizou o *laser* para uma das exposições mais espantosas do ano, na *Pace*, em Nova Iorque. Estamos optimistas. Em breve, o *staff* normal das galerias e dos museus irá mudar de composição.»

O PREÇO DAS DIFICULDADES

Mas a E. A.T. teve também as suas dificuldades — o que torna mais saboroso o optimismo de Rauschenberg:

«Durante um ano e meio andei de gabinete em gabinete, de almoço em almoço. É uma experiência: desembarcar na Xerox, na IBM (muito importante para nós por causa dos computadores) ou na Western Electric e dizer-lhes: *Emprestai-nos os vossos engenheiros. Vamos fazer maravilhas.* Eu ia lá com Billy Kluver, presidente da E. A. T., um cérebro da Bell Telephone. Explicávamo-nos. Pouco a pouco, convencemos muita gente. Na conferência de Imprensa que realizamos em minha casa, em Outubro do ano passado, encontravam-se representantes dos sindicatos AFL-CIO, o senador Javits, Ralph Gross, presidente da Associação do Comércio e Indústria, bem como cientistas do Massachusetts Institute of Technology. Bob Kennedy enviou uma mensagem. *Além da obrigação de realizar dinheiro* — declarou Ralph Gross — *os homens de negócio americanos têm também a obrigação de ser bons cidadãos. Devem apoiar as artes e dialogar com os artistas.* É o que nós queríamos fazer-lhes compreender. Parece-me que o conseguimos».

Por que preço? Satisfeito pela boa cidadania dos homens de negócio, Rauschenberg deixa a questão em branco. E Billy Kluver também mais não adianta sobre as condições práticas da aliança:

«A E. A. T. é apenas um posto de entroncamento, não temos qualquer outra pretensão. Os artistas desejam utilizar as técnicas disponíveis da sua época. Para tal, é dos engenheiros que eles dependem, como outrora dependiam dos artesãos. Sem madeira, sem a técnica da madeira, não haveria violino, não teria havido João-Sebastião Bach. Sem material electrónico, sem conhecimentos técnicos, nem pensar em Stockhausen ou em Pierre Henry».

DAS BOAS INTENÇÕES AO «PROCESSUS» SOCIOLÓGICO

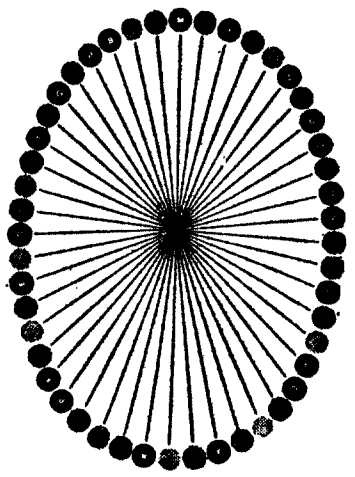
Beneficiários da tecnologia, não a crendo mafarrico saído da ficção-científica para estorricar nossos deleites humanísticos no inferninho da robotização, nem nos cabe na cabeça contestar, no plano posto, as boas intenções de Kluver. Prolongadas, em Junho de 67, na seguinte declaração da E. A. T.:

«Os engenheiros estão conscientes do seu papel crucial nas transformações do ambiente humano. Os engenheiros que participaram nos projectos dos artistas compreenderam como a sua visão pode influenciar-lhes as tendências e dar assim uma escala humana aos seus trabalhos. Em consequência, o artista deseja criar no interior do mundo tecnológico de maneira a satisfazer a sua aliança tradicional com as forças que sustentam e dão forma á sociedade. A colaboração do artista e do engenheiro surgiu como um *processus* sociológico contemporâneo revolucionário.»

Nem mais.

FILANTROPIA E PUBLICIDADE

Em Outubro realizou-se a tal conferência de Imprensa na casa de Rauschenberg. E apa-



Sigla industrial (Olivetti)

rece no «New York Times» uma página inteira dedicada á «idade adulta» da E. A. T. Nela pôde ver-se uma grande fotografia de Rauschenberg (acompanhada da declaração do artista: *Se você não aceita a tecnologia fará melhor ir para outro lado*), a reprodução de um nu tal-e-qual realizada por um computador, uma fotografia do senador Jacob K. Javits (político muito conhecido pelo oportunismo das suas lágrimas de crocodilo) e as manifestações de apreço e garantias de ajuda da Internacional Business Machines, da Atlantic Richfield Corporation, da Associação do Comércio e Indústria, do sindicato AFL-CIO (ligado a empreendimentos económicos na América Latina) e de outros grupos financeiros e grandes indústrias.

A E. A. T. pode pois embandeirar em arco. Até porque o artista (nesse caso, e ainda, Rauschenberg) está disposto a tomar o hábito do bom samaritano: «Os cientistas estão muitas vezes circunscritos ás suas esperiências, bloqueados numa via única. Nós fornecemos-lhes os meios para se libertarem. Imagine você que é um bom engenheiro electrotécnico. Chega a casa, encontra a mulher, os filhos e os vizinhos que jogam o *bridge*. Ninguém fala a sua linguagem. A sociedade pede-lhe que deixe bruscamente de pensar — das 17 horas até ao dia seguinte. Absurdo. Então, você vem trabalhar connosco. Oitenta por cento das experiências que faremos juntos serão falhanços — invendáveis, a maior parte. Normalíssimo — é o que chamamos a pesquisa. Mas haverá, também, alguns sucessos, mesmo no plano técnico, algumas aplicações em que você nunca pensou.»

Benjamin Péret: «A honra destes *poetas* consiste em deixarem de ser poetas para se tornarem agentes de publicidade.»

O FULCRO DA QUESTÃO

Na revista «Opus International» dedicada ao poder das técnicas (n.º 5, Fevereiro do ano corrente) Dore Ashton reprova a subordinação do artista à engrenagem industrial («suspeito que nesta revolução artística o único explorado será o artista») e depois de analisar as necessidades de lucro e os consequentes métodos utilizados pelas grandes indústrias «protectoras» dos novos artistas votados à encantação tecnológica, interroga (-se):

«Será que nestas condições uma colaboração poderá ter lugar na actividade artística, que é pressupostamente pura e sem intenções lucrativas? Será que o artista poderá trabalhar livremente quando está em débito com a industria, quando depende das esmolas dos ricos, de maneira alguma desinteressados?»

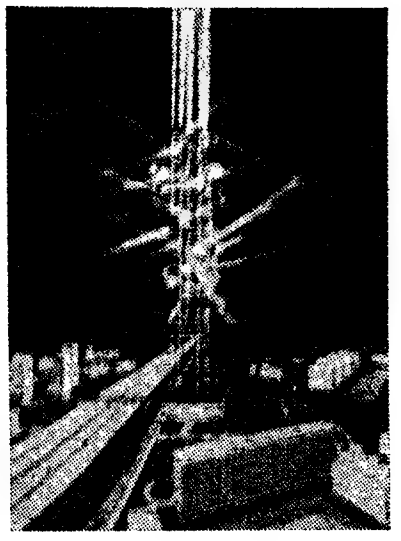
«Eu não sugiro — continua Ashton — que os sonhos dos artistas devam excluir a tecnologia. Há cerca de oito anos visitei a Universidade de Michigan onde Milton Cohen tinha instalado um sistema muito impressionante de luz-som-imagem, experiência de estrutura geodésica utilizando numerosos recursos tecnológicos. Este sonho tinha-o ele realizado sem publicidade e sem colaborar com a industria; é um sonho poético (...). Len Lye também utilizou programas em ordenadores para animar as suas esculturas de aço: *a vibração inesperada da escultura metálica intensificará, pelo seu movimento, a serenidade de um espaço arquitectural.* O seu objectivo, como o de Schöffer e de vários outros (inclua-se Edgar Varèse), é verdadeiramente social — sem proclamações de transformação revolucionária. Vasarely, com o seu folclore universal, pensa na mesma coisa. Não duvido que ele tenha colaborado com a industria, mas tenho a certeza que desconfiou das suas exigências.»

A RECUSA

Também achamos que é de desconfiar. Da industria e, mais ainda, do mito da tecnologia. E já agora: do cego «amen» das artes à imagem do «admirável mundo tecnológico». Octávio Paz fez notar que a sociedade tecnológica obliltera o passado e sacrifica assim o futuro na crença vã de que o presente está progredindo constantemente graças ao esforço da tecnologia.

C. Wright Mills e Herbert Marcuse recusam igualmente a importancia do mimetismo tecnológico da criação artística.

É evidente que não está em causa a utilidade da tecnologia. O que continua em causa é o problema da estética e da comunicação — especialmente naqueles que julgam furtar-se a uma responsabilidade moral entregando-se às delícias do puro experimentalismo tecnicista, aceitando a oferta do cavalo sem cuidarem de verificar o dente do bicho ou o propósito do dador. Ambos a necessitar de medicina.



Schöfer: torre luminosa de defesa com 307 metros de altura

VICTOR SILVA TAVARES

DEZ JORNALISTAS DO
DIÁRIO DE LISBOA
QUE RENOVARAM A CRÓNICA NA IMPRENSA PORTUGUESA

O HOMEM NA CIDADE

Pedro ALVIM
Manuel de AZEVEDO
Manuel BEÇA
Mário CASTRIM
Félix CORREIA
Joaquim LETRIA
Luís d'Oliveira NUNES
Torquato da LUZ
Fernando ASSIS PACHECO
José Carlos de VASCONCELOS

ESC. 35$00

— × —

PRELO EDITORA
R. Misericórdia, 67-2.º
— LISBOA —

EXTERNATO
DACTILOGRAFIA
ESTENOGRAFIA
R. SALITRE, 155—TELEF. 49452
JÚLIO VERNE

A minha amiga alentejana

por Alexandre O'Neill

A minha amiga alentejana tem uma grande alegria. Natural? Acho que não. A sua grande alegria foi ter deixado de viver no Alentejo. Lá, o que era ela, afinal? Uma grande ansiedade nos fundões dos olhos, mãe à perna, aspirante de Finanças a prometer, o idiota, frigorífico e alta fidelidade, irmã casada, bebé sobrinho todo em ringidos, fogagens e refegos, cunhado a atrever-se, paternal.

Agora passeia para mim pela casa toda. Descobriu a minissaia. Descobri a açorda à alentejana. Na capital dos trânsfugas, um quarentão e uma rapariga contam, a dedo, os barcos que há no rio, vão ver a açorda que está ao lume (brando?), passam rasteiras um ao outro, estatelam-se, riem como desalmados que são, não atendem o telefone («Não vás, pode ser o mêc'nhado!»), bebem tinto com cerveja rija, rijo bagaço a seco, lacrimejam, engasgam-se, dão palmadas de gáudio nas coxas, atrapalham-se no sempiterno tango de 75: Ese tu corazón pan-pan de gorrión pan-pan senti-mental vlan-vlan! Que grandes maganos!

A minha amiga alentejana, de minissaia, passeia pelas ruas dos trânsfugas em fuga. Esfrega-se pelas montras, malsetem nas pernas. Dá brincos. Vai e vem. Encosta-se ao meu ombro protector. Que amor!

De repente, o bom costume:

— Miguinho, não te esqueceste de fechar o gás?

A minha amiga alentejana é a grande ternura que lhe tenho! Pode lá resistir-se a quem andou no varejo da azeitona e agora estende a mão senhoril aos velhos lambuzeiros de porta de livraria malcontendo o riso! Que o cunhado experimente vir buscar-ma já com o olho nas pensões da Praça da Figueira! Que o aspirante rechine em missivas de alta fidelidade! Que a mãe perfile o seu luto severo nos umbrais! Que o bebé sobrinho se escame todo! Que a irmã empine a sua nova prenhez! Ninguém pode tirar-me a minha amiga alentejana, este meu acordar do lado da alegria, este delicioso desconchavo quotidiano em que abandalhei (e salvei!) os meus quarenta, esta minha (já póstuma!) elegia.

PARIS 1968:

Baudelaire, Rimbaud

por Álvaro Manuel Machado

Agosto. Um Agosto tempestuoso, sinistro. Nuvens e pó. Céu de lava. O Sena é uma longa mancha de óleo. Paris é um deserto cinzento. Um deserto profanado pelos turistas, histriões que se acotovelam ao longo de Saint-Germain, Saint-Michel, Luxemburgo, e no *Flore*, no *Deux Magots*, no *Select-Latin*, no *Boul'Mich*. Para esses, glutões do escândalo e da aventura, mesmo neste Agosto de *spleen*, que seca a garganta como depois de se tomar um narcótico, para esses, Paris é, de facto, e sempre, uma festa. Melhor: uma feira.

Este ano, uma feira ainda mais excitante e exótica. Ao longo de Saint-Michel, na praça, sobretudo, e mesmo ao longo dos cais, até à Cité, é a feira de uma revolução transformada em folclore. Livros, folhetos, revistas, opúsculos, girândola vermelha, gritante, *chez Gibert Jeune: Les journées de mai, Barricades de mai, Paris—mai/juin 1868, Un mois de mai orageux*, etc., etc. E, ainda, *affiches* e, mesmo, numa livraria de Saint-Germain, *posters*, monumentais, explosivos: punhos cerrados, rostos de ira profética, esgares, membros torcidos como uma amálgama de ferro-velho.

Os estudantes estão em férias, os ministros estão em férias. Resta o folclore de uma revolução, para gáudio do americano e do sueco, a par dos eternos *clochards* pustulentos e dos *beatniks* e *hippies*, que traçam a giz de cores, sobre o passeio, figuras apocalípticas e grotescas, à Bosch, ou flores — sexos carnais e marítimas, anémonas da alucinação LSD, isto com palavras por baixo, em mau francês, pedindo, ou, então, exigindo agressivamente dinheiro para comer.

Farto de pó e céu cinzento, de folclore revolucionário e não revolucionário, refugio-me nos arredores de Paris, já que não posso ir para mais longe, à procura do mar (aqui um típico produto de consumo da civilização industrial, miragem comprada a prestações que se arrastam penosamente por todo o ano, entre o pesadelo do metro e o dos horários). Refugio-me em Saint-Cloud, na enorme casa de um conde procurador da República, que foi passar férias à Bretanha, um inimigo visceral de de Gaulle. Arredores de luxo e santidade: Saint-Cloud é tugúrio favorito das velhas famílias aristocráticas francesas, não ricas, aliás, mas vivendo bem, *honnêtes gens*, católicos sinceros por tradição, partidário duma monarquia definitivamente utópica, com flor-de-lis na lareira e encaixilhadas cartas de Pétain a generais seus antepassados.

Liberais, no entanto. Mesmo em arte. Vejamos, por exemplo, a biblioteca do meu anfitrião: Chateaubriand, Daudet, Octave Mirbeau, Maurois, Montherlant, mas, também, Baudelaire.

Baudelaire a ocupar lugar de honra na biblioteca de um monárquico e católico tradicionalista é coisa que me intriga, confesso. Tiro um volume de entre as «Obras Completas», ao acasso: é uma edição rarissimo da Plêiade, datada de 1930 — *Mon coeur mis à nu/ Fusées*, com um longo ensaio de introdução de Charles du Bos. Diário íntimo, confidências, notas estéticas, sociais e políticas. Pergunto a mim próprio: será que vou «redescobrir» Baudelaire?

De certo modo, assim aconteceu. Vejamos.

A páginas tantas, leio: *Qu'est-ce que l'art? Prostitution. Qu'est-ce que l'amour? Le goût de la prostitution. Le besoin de sortir de soi. L'homme est un animal adorateur. Or, adorer est se sacrifier et se prostituer.* A notar o termo *animal adorateur*.

E mais adiante: *Mon ivresse en 1848. (...) Plaisir naturel de la démolition. (...) Le 15 mai. Toujours le goût de la destruction. Goût légitime si tout ce qui est naturel est légitime. Les horreurs de juin. Folie du peuple et folie de la bourgeoisie. Amour naturel du crime.* A notar: *plaisir «naturel», tout ce qui est «naturel» est légitime, amour «naturel» du crime.*

Temos, portanto, uma forma de naturalismo (animalidade sublimada) para justificar paralelamente a arte, o amor e o prazer ligados, no plano social e político, ao gosto pela destruição e pelo crime, o qual, por sua vez, é legítimo na medida em que é natural. Eis, em suma, um ciclo vicioso perfeito de sensações a deturpar as ideias em movimento da história.

Fecho o livro. Agora compreendo porque Baudelaire ocupa lugar de honra na bi-

Mailer no écran e outras aventuras

NORMAN MAILER, cujos encontros com o cinema resultaram em dissidências e polémicas (caso da adaptação de Hollywood de *Os Nús e os Mortos*) ou num libelo violento (o romance *O Parque das Corças*, Portugália Editora), surpreende agora os jornalistas e os produtores ao apresentar-se em East Hampton à frente de uma equipa de filmagem. «Sim, vamos fazer um filme com os métodos do *cinéma verité*», declarou ele à Imprensa. «Se o conseguirmos um bom punhado de gente de Hollywood correrá fatalmente para o suicídio.»

No tom habitualmente polémico com que se dirige em público aos jornalistas e comentadores, Mailer fez algumas acusações aos produtores de Hollywood e elogiou o Underground Cinema e a juventude de Nova York que «se vê privada de apresentar os seus filmes de ensaio nos mais apagados festivais, devido à mão negra da Hollywood International.»

Norman Mailler em filmagem: «Hollywood suicida-se...»

UM EXÉRCITO PRIVADO

Uma centena de voluntários da Sétima Arte, recrutada entre amigos e admiradores do autor *An American Dream* ocupou durante cinco dias os jardins e a residência do milionário David Brockman em East Hampton. «Um exército privado», como o definiu o «New York Times» fez ali frente à Imprensa, à Rádio e á Televisão enquanto electricistas, gruas e bandejas com bebidas circulavam pelos relvados, através da assistência. Modelos fotográficos, gente da sociedade de Long Island, o dramaturgo Michael McClure, estudantes e actores, um campeão mundial de box, José Torres, o editor Barney Rosset, presidente da Grove Press, e alguns bailarinos da Broadway constituíam a falange cinematográfica. Produtor: Norman Mailer. Realizador: Norman Mailer. Argumentista: Norman Mailer. Principal financiador: Norman Mailer. O filme «que não tem uma história no sentido convencional do termo», no dizer do romancista, «põe em foco a personalidade de um conhecido realizador que se desloca a Long Island para escolher os lugares de filmagem de um filme.»

Além da residência dos Brockman, os cenários da película são o castelo de Alfonso Ossorio e a respectiva colecção de pintura (conhecida pelo conjunto de quadros de Jackson Pollak e Kooning) e no palácio do Lord Robert David Gardiner. Norman Mailer, que desempenha o papel do protagonista, considera que o filme será um contraponto a «Belle de Jour»;

UM FILME DENTRO DO FILME

Orçamentado em 150 mil dólares, o novo emprendimento de Norman Mailer é actualmente notícia de primeiro plano nos corredores da sociedade intelectual, e preocupa os capitães de Hollywood que vêem nisto o segundo golpe que o romancista vibra ao paraíso do celuloide, depois da publicação de The Deer Park. A este respeito Mailer mantém-se tranquilo. Está a realizar «um filme dentro de um filme» (talvez como Fellini concebeu «Oito e Meio»...) em que o herói-realizador se encontra rodeado de intriga, interesses e aliciações de toda a ordem. É tudo.

Na realidade, o protagonista — curiosamente chamado Norman T. Kingsley — movimenta-se sob a protecção de um grupo designado por PAX-Protection Against Assassinations Experiments («Vivemos numa época de proliferação de assassínios...» — esclarece o romancista) e, sem dúvida, que este elemento «policial» tem as suas motivações bem precisas quando criado por um escritor combativo como Mailer. Ali, nos jardins dos milionários de Long Island, não raros se perguntam se ele não terá em mente a célebre passagem de Moufle d'Angerville na Vida Privada de Luis XV em que se falava do Parque das Corças, onde soçobravam multidões de vítimas que, seduzidas pelo dinheiro ou pelo êxito fácil, caíam na corrupção e no desprezo.

e os «grands chiens»

blioteca do meu anfitrião: nostalgia da arte absoluta, da aristocracia da arte para lá da história e da sociedade.

E o ciclo vicioso baudelairiano repete-se.

De facto, é a partir da mesma sublimação naturalista à margem da história que François Mauriac justifica, valendo-se de Rimbaud (*Bloc-notes de François Mauriac*, no *Figaro Littéraire*) os acontecimentos de Maio e Junho, especialmente no que diz respeito aos jovens universitários revoltados. Escreve ele: «*Rimbaud est ce grand chien qui suit obstinément depuis un siècle chaque génération de jeunes français, s'attache à leurs talons, ne les lâche plus, leur met au coeur une certaine image de l'enfant et du réfractaire, du démon et de l'ange, du poète détenteur de l'arme absolue et qui a vaincu le monde. (...) Les «blousons-noire» et les «Katangais» apartiennent à la même race de grands chiens.*

E, por incrível que pareça, estas palavras tonitruantes ainda impressionam o francês medianamente culto dos nossos dias, o que engole indiferentemente o *Figaro Littéraire*, o *Express*, o *Nouvel Observateur*, o *Paris-Match*, o *Lui*, a *Elle*. Para esse francês médio, a *grandeur* de Mauriac, paralela à de de Gaulle, sacraliza os *grands chiens* iconoclastas — e assim os *grands chiens* se tornam um mito literário pronto para consumo doméstico.

Dentro de dias será a *rentrée*, este ano um pouco tardia (meados de Setembro). Veremos então se os *grands chiens* não passam de mitos domésticos ou se, pelo contrário, estão dispostos a modificar a história recusando em definitivo a sagração benèvolamente concedida aos «malditos» depois de Baudelaire e Rimbaud.

2 — MALCOLM LOWRY: DANTE E ÁLCOOL

Ainda um «maldito», este inglês: Malcolm Lowry. Um escritor que a França descobriu e está ainda a descobrir, àvidamente.

Na colecção *Les Lettres Nouvelles* (Edições Denöel) dirigida por Maurice Nadeau, acaba de ser publicado um livro importantíssimo para compreensão da vida e obra de Malcolm Lowry: uma colectânea das suas cartas escritas ao longo de trinta anos de pesadelo. Livro comparável ao *Diário* de Kafka. Requiem da literatura moderna. Desespero. Sarcasmo. Vício. Profecia.

Nascido em 1909, no seio de uma família severamente metodista, Malcolm Lowry escreve sobre o pai, industrial atarefado: *Tive sempre a impressão de não passar de uma nota escrita na sua agenda de trabalho, e mesmo, por vezes, de ser incluído na coluna das perdas e danos.*

Estudos em Cambridge (aluno mediocre), leituras de Melville, Conrad, Nordhal Grieg, Conrad Aiken. Viagem à China, trabalhando a bordo de um barco como *steward*, publicação de *Ultramarine*, viagem pela Europa e pelos Estados Unidos, estadia no México.

Ponto fulcral da sua obra e da sua vida. É no México que Lowry escreve *Under the volcano* — primeira versão, 1936. É aí também que se cria para ele uma situação de absurdo kafkiano. A sua nacionalidade inglesa, a sua actividade mal definida (vêem-no a tomar notas e pensam que está a redigir relatórios de espionagem quando na verdade são muito simplesmente notas para o seu romance), o alcoolismo, a sua negligência quanto a documentos que deveria ter quer como turista quer como residente provisório, tudo isto levanta suspeitas à polícia mexicana. Lowry é preso, três vezes. Pede para ser expulso do país. Mas nem isso consegue imediatamente, por dificuldades burocráticas. Só o conseguirá depois de sofrer muitas humilhações. Escreve então, numa carta a John Davenport, seu amigo inglês, escritor e crítico: *Os espanhóis detestam-me; os americanos desprezam-me; os ingleses voltam-me as costas. (...) Como Colombo, corri à procura de um mundo e encontrei outro, (...) como Colombo, deixarei atrás de mim uma herança de destruição.* Ainda do México, agora em 1946, depois da quarta versão de *Under the volcano* (a terceira fora recusada por doze editores), para o seu editor inglês Jonathan Cape, que ainda hesita em publicar o livro: *Pode interpretar-se este romance como sendo uma espécie de sinfonia, ou ainda como uma espécie de ópera — ou mesmo como sendo uma opera-«western»; é «jazz», poesia, canção, tragédia, comedia, farsa, e por aí adiante...*

1947. Publicação de *Under the volcano*. Viagem à Europa. Regresso ao álcool, depois de uma cura de desintoxicação em Nova Iorque. Em 1949 escreve a Clarisse Francillon: *No decorrer do ano passado, bebi em média pelo menos dois litros e meio a três litros de vinho tinto por dia, isto sem falar do que ia bebendo aqui e ali, nos bares, e durante os meus dois últimos meses de estadia em Paris cheguei a beber dois litros de rum por dia.*

Dante e álcool. Malcolm Lowry, escritor-teólogo, luta através de tudo para levar a cabo uma «trilogia dantesca»: *Penso em escrever uma trilogia intitulada «Voyage that never ends» (...) sendo «Volcano» o exórdio infernal, tendo como segunda parte um «Luna Caustic» ampliado que será o Purgatório e, enfim, um volumoso romance, «In ballast to the white Sea» (perdido quando à minha casa se incendiou) constituirá a terceira parte da obra, quer dizer, o Paraíso.*

Tal trilogia não passara de projecto nebuloso. (Dela resta apenas um romance póstumo, *Sombrio como um túmulo*, que acaba de ser publicado nos Estados Unidos e o será brevemente em França). Malcolm Lowry morre, esquecido, quase cego, a 27 de Junho de 1957, numa aldeia inglesa perto de Brighton.

Malcolm Lowry

Malcolm Lowry nunca poderia ser Dante. A teologia não admite o álcool.

Entrevista com João Palma-Ferreira

«3 Semanas em Maio» — da crítica para a ficção

JOÃO PALMA-FERREIRA nasceu em 1931, em Lisboa, onde se licenciou em Filologia Germânica. Foi professor do ensino liceal durante alguns anos e exerceu diversas actividades profissionais, tendo sido intérprete, director de um estabelecimento de ensino técnico e empregado de escritório. Fez parte do conselho de leitura da Editorial Livros do Brasil e é secretário editorial de Publicações Europa-América. Traduziu diversas obras de autores ingleses e americanos dos quais se destacam Hemingway, Caldwell, Saul Bellow, Salinger e Shakespeare. Exerce a crítica literária desde 1957 e apresentou numerosos autores de língua inglesa. Foi colaborador de diversos dicionários literários.

Nas vésperas de publicação do primeiro livro — *Três Semanas em Maio* — quisemos saber mais que o seu «curriculum vitae». Eis, que nos declarou, com aquela mesma vivacidade que tem posto nos seus textos críticos:

HISTÓRIA ÍNTIMA

— Um livro tem sempre uma história. Por vezes, porém, é demasiadamente íntima para dela podermos fazer qualquer publicidade. E' um domínio secreto que tem de ser tratado com discreção, com pudor, até. Não direi que seja «completamente» este o caso de *Três Semanas em Maio*, onde a ficção e a realidade se confundem. Mas a história íntima deste livro é secreta e revelá-la seria tão pungente como revivê-la, ou mais ainda. Nasceu há muitos anos, há mais de quinze anos. Foi um conto. Foi uma novela. Foi, depois, um romance e como romance acabaria se, entretanto, não se tivesse fragmentado. Foi ainda um romance fragmentário montado sob a influência de Guilherme Cabrera Infante. E', hoje, um livro de narrativas por motivos que eu já nem sei explicar, por uma cadeia de pequenos factos, de ocorrências súbitas e de mil e um pormenores que me escapam. E', sobretudo, um testemunho de um determinado ciclo da minha vida, que o encerra e que lhe recorta alguns contornos.

DAS ESPERANÇAS (OU NÃO)

— Nem estou contente nem estou decepcionado. Para ser rigorosamente preciso e sincero, suponho que estou atónito porque o livro, velho de quinze anos mas encorpado em datas mais recentes e enriquecido com eventos mais próximos desta época, acabou por se fazer livro num instante e impôs a sua maturidade quase como quem proclama que é independente.

Já disse algures, porque mo perguntaram, que certamente não será bem recebido. Seria imodéstia dizer o contrário, mas hoje, repensando o assunto, creio que, afinal, vai ser tão bem recebido como tudo o resto nesta nossa terra. Sob esse aspecto não tenho ilusões e sei que o que não quadra nos interesses, acaba por cair num quase insolente esquecimento que só ilustra os defeitos de um triste «meio» de profissionais do compadrio. Lembro-me, por acaso, do nome de Manuel de Lima.

UM CRÍTICO FATIGADO

— Exerci, mal ou bem, com maior ou menor assiduidade, ora com pressa, ora com preguiça, a chamada crítica de circunstância. Escrevi, por vezes, sobre o joelho, quando chegava à conclusão que, afinal, a obra que estava a ler me desinteressara: Escrevi com entusiasmo e escrevi quase com rancor. Fiz das tripas coração e li coisas desinteressantes, aborrecidas, monótonas, mas só escrevi sôbre o que gostava de escrever. Se viesse a narrar tudo o que descobri, como crítico de circunstância, durante onze anos, diria coisas extraordinárias sobre tédio, mesquinhez, falta de vergonha, cupidez e imbecilidade. Hoje, quase diria (sem ofensa) que não acredito na crítica portuguesa — embora eu próprio ainda teime. Caiu na rotina e quando tentou «reformar-se» surgiu mais grave, mais enfatuada, mais autoritária. Fatigou-se. Fatiguei-me. Eis, talvez, o motivo porque tão fatigadamente olho para as minhas críticas de circunstância que nunca tive alento para, com elas, compilar um livro. Talvez o faça um dia, na minha velhice, até porque, por agora, concordo com Cortázar quando nos diz que *todo o crítico, afinal, é o triste fim de algo que começou como sabor, como delícia de morder e mastigar.* Ou pior ainda.

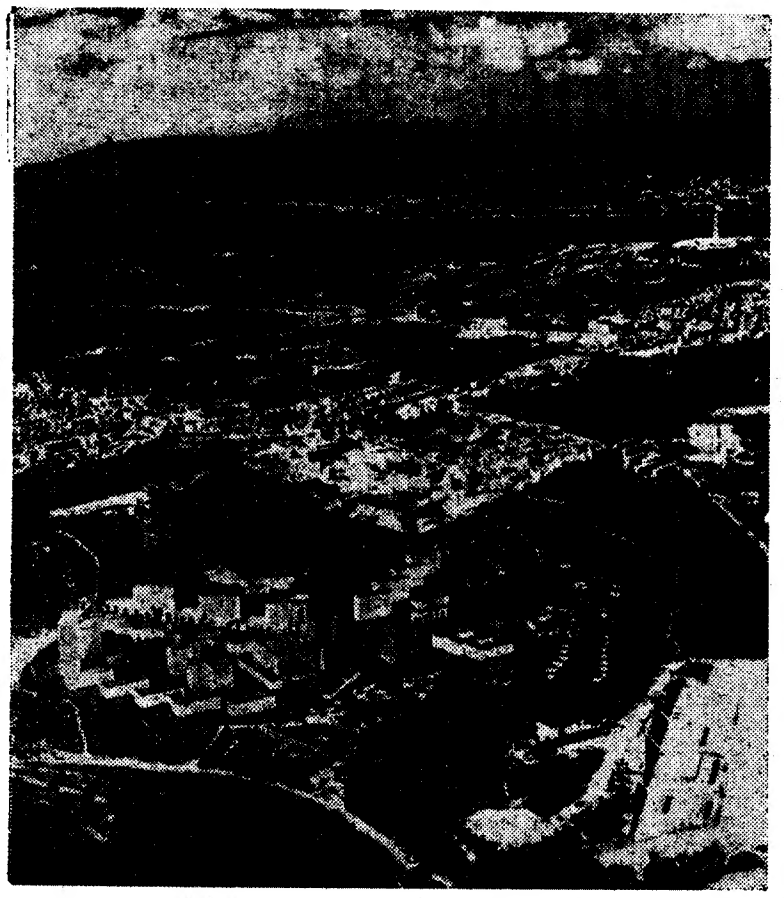
«NADA DEVO AOS ESCRITORES PORTUGUESES»

— Mesmo nos momentos em que me julguei mais «crítico», mais conspícuo e mais solene, nunca deixei de a mim próprio me perscrutar. Os meus interesses foram outros, desde que me conheço, e não sou dos que, por tanto filosofarem, acreditam que a ficção é uma arte menor. Menor é quase sempre o que em torno da própria ficção se vai dizendo. Há muito, portanto, que eu escrevia, quase como quem aprecia uma boa refeição, quase como quem contempla uma bela paisagem, quase como quem se comove perante qualquer coisa indefinivelmente grande. Equivale isto a dizer que escrevia por gosto e por recreio. Sem outras intenções, sem sonhar com prateleiras de obras completas ou incompletas, sem fazer cálculos sobre edições e tiragens. Como não sou escravo de nenhuma opinião, como sou anàrquicamente livre e não tenho responsabilidades de doutrina, nunca escrevi para sus-

(Continua na 7.ª página)

A estrutura do Povoamento

pelo arq. Leopoldo de Almeida



Cidade satélite: «no mundo dos bairros periféricos...»

A LENTA, mas irreversível, transformação socio-económica que o País vem atravessando tem a sua correspondência nas mutações estruturais do povoamento mais profundas numas regiões do que noutras, mais fàcilmente detectáveis nas cidades do que nos campos. Essa estrutura do povoamento — em evolução — interessa-nos aqui abordá-la através da imagem mental que o habitante tem do seu país, do território físico que habita e percorre.

«Na aldeia tudo permanece simbólico e revela a verdade dos simbolismos arcaicos e poderosos, ligados às coisas, ligados, igualmente, aos ritmos. A casa, o campo, a árvore, o céu, a montanha ou o mar não são simples e ùnicamente o que são. Os ritmos cósmicos e vitais envolvem-nos; subtis ressonancias acompanham-nos; c a d a «coisa» faz parte de um cântico. O espaço, o território, simbolizam a comunidade, a igreja define o tempo e simboliza, com o cemitério, o mundo, a vida e a morte.

Na grande cidade, os símbolos perderam a omnipresença que possuíam na aldeia. Localizam-se e condensam-se. Contudo, o seu papel não diminui, bem pelo contrário. Tudo o que tem ou quer vir a ter prestígio e influência, pretende ligar-se aos antigos simbolismos para beneficiar da sua velha autoridade ou apresenta simbolismos novos que a justificam. Os monumentos, igrejas, catedrais, palácios, grandes edifícios públicos, carregam-se de simbolismos que se confudem com a decoração e o estilo estético. Os monumentos são as obras que dão à cidade a sua fisionomia e o seu ritmo de vida. Eles são a sua memória e a figuração do seu passado, os núcleos afectivos e activos da sua actual vida quotidiana, a prefiguração do seu futuro...» (1)

Esta descrição ainda se aplica às cidades, vilas e aldeias que conhecemos. Contudo, estas imagens da cidade, da aldeia e do campo tendem, cada vez mais, a pertencer às recordações do passado ou ao folclore. E cada vez mais porque as cidades tradicionais estão em rápida transformação, crescendo tentacularmente, invadindo caòticamente o campo, destruindo os seus centros históricos, agigantando-se à custa de bairros económicos, residenciais, cidades-jardins, que vão proliferando segundo um processo de adição de unidades periféricas ao tecido urbano. E cada vez mais, porque os campos sofrem as consequências das migrações das populações rurais, quer para os grandes centros, quer para fora do País. Os campos despovoam-se, deixam de ser cultivados, degradam-se. A indústria, quando não não se vem implantar nas cidades, faz a sua aparição no campo da forma mais insólita, ferindo a paisagem, violentando-a, sujando-a. Aqui e além, surgem pobres imitações dos bairros sociais das cidades, habitados por populações proletárias, que ainda praticam a agricultura.

«Na aldeia tudo permanece simbólico...»

O povoamento necessita, pois, de ser cuidadosamente planeado e reorganizado tendo em conta não só a reestruturação sócio-económica de uma região, mas também a qualificação da sua imagem mental. São irrecusáveis as incidências sociais, ao nível psicológico, de uma paisagem mal organizada e pobre de estímulos. Vistas deste ângulo, as áreas não ocupadas pelo povoamento e destinadas, por exemplo, a parques naturais, à produção agrícola ou ao recreio e turismo, desempenham, como é óbvio, um papel de primeira importância na formação de uma imagem mental rica de contrastes, densa e variada. Debrucemo-nos sobre a CIDADE que se vem t r a n s formando, crescendo e aniquilando-se, enquanto equilíbrio harmonioso de signos e símbolos e rico texto informativo:

... «A destruição da cidade como forma (não como conjunto de funções nem de estruturas) coincide com a predominância do sintagmático que se caracteriza pelas associações, sucessões, ligações, regras de união e de combinação. A dimensão simbólica quase que desapareceu nos novos conjuntos e metamorfoseou-se nos «microcosmos» dos bairros dos subúrbios. A dimensão paradigmática desvanece-se (descontinuidade, oposições, diferenças formais). Só subsistem os itinerários de circulação e as redes de serviço». (2)

Por outras palavras, a CIDADE, sobretudo a CIDADE ANTIGA, caracteriza-se nos seus monumentos, no estilo que lhe é próprio e na memória histórica consubstanciada no seu corpo e edificações; define-se, também, por um conjunto de oposições: cidade-campo, centro-periferia, muros-portas, limites-acessos. Os itinerários, as redes de relações e de ligações articulam as oposições, tornam-nas presentes, criam a possibilidade de uma leitura, no espaço e no tempo, dos símbolos, signos e sinais urbanos. É a rua a criação formal mais conseguida e que melhor representa a dimensão sintagmática da cidade. «A rua de passagem, activa, sem outra relação com a natureza senão através do céu e das nuvens ou de algumas árvores e flores representa o quotidiano da nossa vida social. Lugar de passagem, de interferências, de circulação e de comunicação, a rua torna-se o reflexo das coisas que une, mas mais viva do que as próprias coisas. A rua surge como microcosmo da vida moderna. Tal qual o quotidiano, a rua modifica-se sem cessar e repete-se sempre. Na incessante modificação das horas, das pessoas, dos objectos e da luz, incansável, a rua permanece. O mundo dos objectos tal como se apresenta na rua constitui um dos sistemas de signos dos mais subtis, e, contudo, um dos menos definidos. Na rua, a mercadoria oferece-se escondendo, assim, a sua essência comercial. Na rua, intermediária entre as vidas humanas, as mercadorias, esses valores de troca, atingem a sua soberania...» (3).

A rua, invenção formal das sociedades comerciantes, elaborada, melhorada, requintada ao longo dos séculos, tende no nosso tempo, a sofrer uma radical transformação ao mesmo tempo formal e funcional. O papel que lhe é pedido é, cada vez mais, o de rede de serviço, de itinerário de circulação rodoviária sobre a pressão da fantástica evolução dos meios de transporte e da correspondente rapidez de deslocação do habitante. A relação entre o homem e ambiente, muito sensível nas cidades antigas e até nas do nosso tempo, tende a diluir-se, não só devido a um maior dinamismo nos movimentos, mas, também, e em correlação, por novas escalas de concentração do habitat, dos lugares de trabalho e dos serviços urbanos. Assim, tenderá a a-entuar-se a relação homem-sociedade em prejuízo da relação homem-rua, habitante-bairro.

Numa atenção particular deve-se, pois, dispensar aos novos bairros suburbanos, que vêm proliferando em t o r n o das grandes cidades.

... «No mundo dos bairros periféricos pode-se dizer que a metáfora é rainha: um canto de relva é a natureza, a saúde, a alegria, vividas de maneira fictícia e real. O símbolo, miniaturizado, pulula: o arbusto, o jacto de água, a escultura. Nos grandes conjuntos residenciais, o todo está na parte e a parte equivale ao todo pela permutação de elementos idênticos» (4). Simbòlicamente, o bairro significa *habitar;* paradigmàticamente, encontram-se as oposições: vizinhança-intimidade, natureza - facticidade, sol-sombra, verde-pedra, sintagmàticamente, dimensão que predomina, ter-se-á: o r d e m formal, contiguidade, ritmos dos volumes, sucessão de espaços exteriores ou interiorizados.

Nos locais de trabalho, nas fábricas, tudo é funcional, ou quer sê-lo; tudo é sinal de trabalho e da sua organização técnica. A natureza e os símbolos, os monumentos desapaceram, a cultura permanece invisível. Aqui tudo se torna sinal: sinal do trabalho, dos gestos do trabalho e dos gestos que mantêm a força do trabalho.

Esta descrição da cidade, dos seus bairros e dos locais de trabalho ajusta-se perfeitamente ao meio urbano que conhecemos, por exemplo, a determinadas zonas da Amadora, de Moscavide, de Almada ou, ainda, a Benfica; ao Lumiar, para não sairmos da região de Lisboa.

Uma coisa é certa, porém: urge qualificar formalmente o ambiente que nos cerca, e essa qualificação dos espaços, do rural, do urbano, do colectivo, do privado, dos locais de trabalho, ou dos equipamentos, exige como primeiro passo indispensável um planeamento do território na sua totalidade englobando tanto a organização da cidade quanto a reorganização do meio rural.

Outros artigos desta série:

— *«As Cidades em que Vivemos», pelo arquitecto Keil do Amaral («Suplemento D. L.» 25/7/68).*

— *«A Evolução da Cidade», pelo arquitecto Carlos S. Duarte («Suplemento D. L.» 1/8/68).*

— *«As Casas que se Constroem», pela arquitecta Luz Valente Pereira («Suplemento D. L.» 8/8/68).*

— *«O Valor da Paisagem», pelo engenheiro-agrónomo e arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles («Suplemento D. L.» 15/8/68).*

— *«Paisagens do Futuro», por Gonçalo Ribeiro Telles («Suplemento D. L.» 22/8/68).*

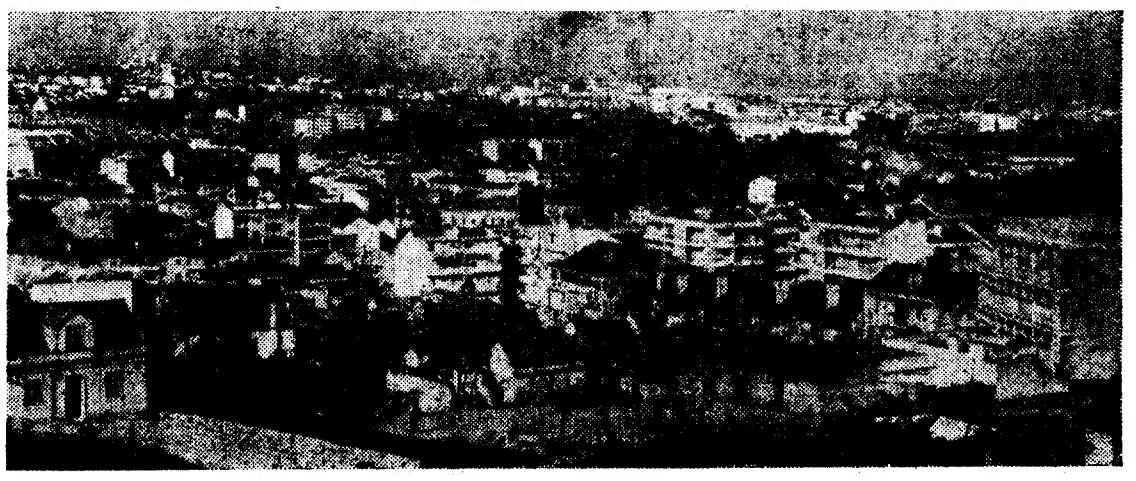
— *«O Bairro de Habitação — Factor de Progresso», pelo arquitecto João Reis Machado («Suplemento D. L.» 29/8/68 e 5/9/68).*

(1) H. Lefebvre — «Critique de la vie quotidienne» — vol. II — págs. 308, 309.

(2) H. Lefebvre — «Le langage et la société» — pág. 290.

(3) H. Lefebvre — «Critique de la vie quotidienne» — vol. II — págs. 310, 311.

(4) H. Lefebvre — «Le langage et la société» — pág. 288, 289.



ALMADA

Ievtuchenko em prosa

POETA ADMIRÁVEL, homem de face para o público e por natureza propenso ao diálogo, Ievtuchenko tornou-se vedeta oficial da hora do degelo. O público de Lisboa pôde apreciar o seu invulgar talento de poeta e declamador e as suas muitas capacidades de cativar e cumprir relações.

Esse sentido político, porém, essa capacidade de singrar nos ambientes, de ignorar ou de lembrar conferem-lhe uma abertura que pode eventualmente comprometer uma independência a que se arroga ou resultar numa actuação paralela àquela a que se sujeitaram os escritores de uniforme dos prémios Estaline. Isto ocorre quando lemos a novela *Pearl Harbor* que Publicações Dom Quixote acabam de editar. Ocorre porque em face do esquematismo da narrativa nos perguntamos em que medida não foi a densidade humana das personagens distorcida *ab initio* por uma preocupação de expor uma tese que em si mesma nos aparece formulada de maneira simplista. Com efeito, o «mot d'ordre» da coexistência e o denominador do pacifismo têm indubitàvelmente (e têm tido) formas superiores de serem expostos em termos de ficção. Não será certamente com o simplismo nem com o romantismo esquemático que esse objecto se atingirá.

Em *Pearl Harbor* os três personagens — um soviético, que será o próprio Ievtuchenko, um norte-americano e um japonês — são colocados em situações tão esquemáticas e desenvolvem uma acção de tal modo entretecida de coincidência que a narrativa se demonstra a dado trecho «fabricada» com vistas a um objectivo ou a uma lição que desde logo se adivinha. A força da mensagem reduz-se por isso de maneira perturbadora, tratando-se de um poeta como Ievtuchenko em que a originalidade, a subtileza e o poder de ofício se condensam em alto grau. Nesta novela, contudo, o simplismo (não a simplicidade) com que se provocam situações dramáticas, os condimentos estereotipados com que são definidas as figuras (camisa extravagante para o americano, *saqué* para o japonês...) e o simbolismo, excessivamente procurado, de determinados acontecimentos dão ao livro uma dimensão de verdade pouco convincente que termina em apoteose com o episódio do isqueiro a gás que, afinal, ambos possuiam com a mesma legenda gravada: «Lembra-te de Pearl Harbor».

Deste modo, estamos paradoxalmente na linha de um André Stil que subjugava a verdade da ficção — isto é, a riqueza e a contradição humanas — à imposição convencional de uma mensagem que, por mais simples e directa que seja, contém fatalmente ângulos pessoais de interpretação que a enobreçam e levem a meditar sobre ela. De outro modo nem uma coisa nem outra lucra com a ficção. Nem as personagens nem o objectivo ideológico. Foi exactamente o que se passou na época dos escritores oficiais de Estaline tão criticados por Ievtuchenko.

Da crítica para a ficção...

(Continuação da 5.ª página)

tentar fosse o que fosse. Penso muito na possibilidade de transformar esta agonia em que vivemos, esta morna complacência que vai assassinando a literatura. Precisa-se de mais e de melhor. Precisa-se, sobretudo, de inquietação, de gente, gente, gente, gente. Os escritores portugueses contemporâneos são todos muito bons quase sem excepções, porque há alguns que nem com toda a minha boa vontade poderei deixar de dizer que são execráveis. Mas serei muito sincero se insistir num pormenor: é que também, com meia dúzia de excepções, dizem-me tão pouco! E quase nada tenho a ver com eles. É como se escrevessem sobre uma terra que nunca visitei porque deve ser muito aborrecida. Só tardiamente os comecei a ler — os prosadores — e ainda hoje não consigo evitar uma grande fadiga quando sou obrigado a encetar mais um livro.

Será, talvez, muito feio dizer que não gosto do meu país? Não me será dada a liberdade de dizer que não gosto do meu país? É uma triste verdade. De facto não gosto. Adoro a gente do meu país, adoro a irradiante simpatia da sua bovina paciência. Mas mais nada. Por isso o meu livro não é português, nada tem a ver com Portugal. Nada tem a ver, também, com outro país qualquer. Medito um livro cuja acção decorre na *utopia*, que é a única terra possível, mas, por enquanto, a acção das narrativas de *Três Semanas em Maio* decorre, infelizmente, nesta Terra. Nada devo, portanto, aos escritores portugueses, antigos, modernos, contemporâneos, passados e presentes.

INFLUÊNCIAS
E NOSTALGIAS

— Ainda há pouco tempo enviei para este suplemento literário um artigo sobre William Burroughs. Haverá quem me suponha exagerado. Foi, porém, um artigo sincero e leal. Creio profundamente que Burroughs é um dos maiores escritores do Mundo, porque creio que ele, afinal, medita muito sobre o destino da humanidade, sobre a maneira de salvar a humanidade da autodestruição. Um povo nada é. O homem é que conta, e transformar o homem é salvá-lo. Uma história nada é também. O futuro é que conta, o que fica para trás é como o sol que de noite só se pode recordar. A obra de William Burroughs que eu tenho lido com especial cuidado como li Lawrence Sterno, como li Jonathan Swift — foi o primeiro escritor que tanto me impressionou que entusiasmado, tinha eu quinze anos, escrevi um *ensaio* (calcule-se!) sobre *A Modest Proposal* — feriu-me no meu íntimo como nehuma outra há muito não me feria. Compreendi que para lá do episódio do *vício químico*, Burroughs tentava superar a própria realidade pela tradicionalização da irrealidade. O mundo de Burroughs é um mundo de horror, mas tem como base o ainda mais horroroso mundo em que vivemos. Nenhuma amenidade o salva. Sofro, portanto, de uma grave influência de Burroughs (só em escassas passagens de *Três Semanas em Maio* se revela), como sofro a influência de Cabrera Infante que fragmentou a realidade nos seus momentos de maior e mais perplexa assimetria. Gostaria (calcule!) de poder dizer, no entanto, de um próximo livro meu, como há meses o próprio Cabrera Infante me dizia sobre o romance que em breve publicará: *Cosa curiosa, mi proxima novela llevara como exergo no a Joyce ni a Mark Twain ni a Sterne — sino a Drumond d'Andrade, aquella que habla de un universo poblado de piernas, piernas, piernas.* Não será possível, contudo, que isso aconteça. Um próximo livro meu terá Burroughs, ou o próprio Cabrera Infante, ou Vargas Llosa no seu pórtico, como *Três Semanas em Maio* abre com uma citação de Hemingway, uma das minhas velhas nostalgias.

Camilo José Cela

(Continuação da 8.ª página)

nhol dos males venéreos, Camilo José Cela reúne, classifica e explica a raiz e a evolução semântica de certas palavras que, segundo a expressão do autor, «estão condenadas por motivos que socialmente serão válidos mas de qualquer modo extracientíficos, e que, em boa teoria da linguagem, bem deveriam ter melhor sorte do que aquela que lhes foi dada».

A MISTERIOSA LINGUAGEM

A Espanha actual, que parece ter esquecido a frescura de linguagem de Francisco Delicado, Juan Hidalgo, Quevedo, Gongora, Cervantes e de tantos outros clássicos que souberam tratar as coisas pelo nome, precisa, mais do que nunca, de obras como este dicionário, pois, como escreveu o poeta, professor e académico Damaso Alonso, «é indispensável tratar abertamente esta questão sem falsos pudores. Imagine-se o que seria a medicina se os especialistas se recusassem a prestar atenção às numerosas misérias (fisiológicas e morais) que têm de considerar.»

Dicionário Secreto I vem precedida de um excelente prólogo, modelo de clareza e de precisão filológica. Uma tábua cronológica das fontes de informação, um índice dos nomes citados, locuções e provérbios completam a obra. Este primeiro volume do mais recente livro de Camilo José Cela, que compreende as palavras da série *coleo, opxie* (orgui orquio) e *testis* (não no sentido em que Cícero a utilizou mas no de Plínio o Velho), proporciona um vivo prazer a todos aqueles que sabem apreciar aquilo a que Cela chama «a misteriosa linguagem falada».

copyright «Diário de Lisboa»-Monde

O tempo que fica

Um novo livro de Urbano Tavares Rodrigues: *Tempo de Cinzas* — inventário do tempo vivido, comunicado através das mil solicitações que se deparam a um escritor e sob as mais diversas formas de expressão. É isto o *Tempo de Cinzas:* páginas de diário, novelas inacabadas, reportagem, entrevistas, paisagens e roteiros interpretados com aquela pujança verbal e com a agilidade extraordinária que tornam inconfundível o autor de *Bastardos de Sol* e de tantas outras obras da nossa novelística.

Generosamente aberto aos caminhos da experiência, traduzindo-a, quer em termos de ficção, quer na polémica e no ensaio, Urbano Tavares Rodrigues não recusa neste livro qualquer oportunidade de deixar gravada, e por extenso, a memória passageira de uma época. É afinal uma luta contra o tempo, uma determinada atitude de «o contar» antes que se transforme em cinzas e perca a sua densidade e o seu colorido. Daí a vivacidade do livro e o corajoso tom com que aceita o provisório e o «inacabado» que a realidade lhe propõe.

Na vasta obra de Urbano Tavares Rodrigues, *Tempo de Cinzas* contém, pela inquieta diversidade de temas e pela frescura da narração, novos aliciantes para o público fiel dos leitores e, simultâneamente, constitui uma perturbadora proposta à meditação e à análise do quotidiano.

ESCAPARATE

Autores portugueses

Título — «O Encontro». Novelas.
Autor — Ferreira da Silva.
Editor — Edição do Autor — Lisboa.
Número de páginas — 110.
Preço — 30$00.

Título — «Gil Vicente e a Cidade de Lisboa».
Autor — Reis Brasil.
Editor — Edição do Autor — Lisboa.
Distribuidora — Livraria Portugal — Lisboa.
Número de páginas — 125.
Preço — 40$00.

Título — «Relâmpagos para a Felicidade Humana».
Autor — Manuela Peters.
Editor — Edição do autor — Lisboa.
Número de páginas — 90.
Preço — 20$00.

Autores estrangeiros

Título — «Introdução à Vida Política.
Autor — Jean-Yves Calvez.
Editor — Morais Editores — Lisboa.
Número de páginas — 296.
Preço — 45$00.

Título — «O Amor e o Ocidente».
Autor — Denis de Rougemont.
Editor — Morais Editores — Lisboa.
Número de páginas — 311.
Preço — 80$00.

CURSOS
Diurnos e Nocturnos
LICEAL — TÉCNICO — ADMISSÃO AOS INSTITUTOS — PRIMÁRIO (ADULTOS) — LÍNGUAS: FRANCÊS - INGLÊS - ALEMÃO
— SALAS DE ESTUDO —
EXTERNATO JÚLIO VERNE
RUA DO SALITRE, 155 — TELEF. 49452 — LISBOA

Entre o concreto e o abstracto

(Continuação da 8.ª página)

Sentimos nesta poesia algo de excessivamente voluntário, acompanhado de um recurso constante a todas as sugestões de uma tradição cultural. Há nela um drama formal que quase nos comove, e talvez o próprio poeta disso tenha plena consciência:

«Se canto o que sinto
A palavra me atraiçoo
E sem querer me minto»

Por que estes *Cantos Cativos* só nos convencem por inteiro, sem reticências nem reservas, em certos instantes em que o ritmo, a palavra e a emoção subitamente se ajustam e de um só golpe anulam as defocagens anteriores. E temos então a tão firme simplicidade de versos como estes:

«As cordas da minha lira
Hão-de ser cordas de forca
Para enforcar a mentira
Do assassínio de Lorca».

EDUARDO PRADO COELHO

(*) Arquimedes da Silva Santos, CANTOS CATIVOS, Colecção Poetas de Hoje, Portugália Editora, Lisboa, 1968.

Eduardo Prado Coelho

Entre o concreto e o abstracto

CADA grande acontecimento que revolve o mundo vem confirmar o que já por experiência vasta nós sabíamos: que o papel de intelectual como testemunha, como força de denúncia, como presença viva, como guia e orientador dessa massa informe que é a opinião pública, é cada vez mais determinante Acontece isto desde o caso Dreyffus, creio, mas Voltaire é ainda o grande modelo. E quando Barthes estabeleceu a distinção já célebre entre «écrivains» e «écrivants», ele teve o cuidado de fazer notar que ninguém poderá ser absolutamente uma ou outra coisa, mas apenas. e conflituosamente, o produto de ambas.

Sartre é talvez o exemplo mais estimulante do intelectual que soube libertar-se da vocação alienatória de escritor, do sacerdócio das palavras, a que tudo parecia destiná-lo. Passou então a ser apenas um homem, único e múltiplo como cada um, apenas um homem que escreve para os outros homens que com ele partilham o mesmo tempo histórico. E daí todo o caudal de responsabilidades que resultam do simples facto de alguém se saber proprietário da palavra — responsabilidades tanto maiores quanto essa palavra deverá afrontar a imensidade de um silêncio.

NADA de mais triste, mediocre e decepcionante do que a divisão técnica do trabalho no domínio intelectual levada até às últimas consequências. E contudo, se não quisermos resvalar na superficialidade mais desenfreada, teremos sempre que optar por um determinado sector da realidade ou por certos temas em prejuízo de outros. Se contudo alguma coisa pode definir o verdadeiro projecto intelectual, e com nitidez o distinguir da mera pretensão erudita, é *uma exigência de totalidade*, desmesurada e absurda, mas inteiramente lúcida e coerente: pensar tudo, nada excluir, nada recusar, nada iludir, abranger tanto quanto possível a transbordância de um tempo e de uma história.

Quando Sartre fundou com Merleau-Ponty a revista *Les Temps Modernes*, movia-o a ideia de que *em tudo há um sentido*, seja num discurso político ou numa anedota, seja num tratado de filosofia ou numa moda de vestuário. E ainda que o próprio sem-sentido possui também um sentido. Era essa pesquisa interminável do sentido que tudo habita e em tudo circula que constituia o verdadeiro objecto da acção intelectual daquela revista. E muitas vezes os seus redactores o exemplificaram, com maior ou menor felicidade, participando activamente em todos os grandes acontecimentos dos últimos vinte anos.

O grande mérito de Arquimedes da Silva Santos, autor de *Cantos Cativos* (*), está nessa intensa vontade de participar na sua época, de viver com ela até nela se fundir, de identificar o seu destino com o dela, se tal for necessário para que o destino dos homens se venha a cumprir. O volume que publicou agora abrange versos escritos entre 1938 e 1958, e nele seguimos o percurso denso e atribulado duma consciência poética extremamente atenta, invulgarmente permeável aos «sinais do tempo».

Creio que a ordenação dos poemas na obra não corresponde a um critério cronológico, mas sim a uma preocupação lógica. Arquimedes da Silva Santos parece reconstituir a sua produção poética em função duma perspectiva actual. O esquema que resulta é mais ou menos este: parte do «canto comprometido», onde avulta a «participação», e chega ao «canto emudecido», que termina com uma secção intitulada «presença póstuma». A curva que estes subtítulos traçam é claramente uma linha de pessimismo. Tudo talvez a justifica. Ou talvez nem tudo. Mas isso não importa por ora.

Há contudo em Arquimedes da Silva Santos uma evolução estilística que não corresponde por inteiro ao esquema do livro. De uma poesia que inicialmente se procurou moldar ao ritmo da voz do povo, à tradição do Romanceiro, à fala vicentina, passamos para uma poesia acentuadamente elíptica, em que os jogos de palavras, os malabarismos frásicos e os artifícios formais se impõem com certa frequência. Esta evolução no campo do estilo verifica-se no interior das duas grandes partes do livro: «canto comprometido» e «canto emudecido». Não

CANTOS CATIVOS

coleção Poetas de Hoje Portugália

é que as poesias da primeira fase nos pareçam demasiado simples, e muito menos simplistas. Mas há na poesia aparentemente mais próxima algo que muito se assemelha a um rebuscamento, a uma luta pela expressão onde ficam excessivamente visíveis as cicatrizes da luta.

REAFIRMEMOS uma vez mais toda a simpatia que estes poemas suscitam. Assinalemos a emoção com que a pouco e pouco emergem os traços dum perfil, as cordas de uma voz, os gestos mais profundos dum corpo: a presença do poeta, que lentamente se constrói perante os nossos olhos húmidos de amizade e compreensão.

Seria curioso confrontar passo a passo os temas destes poemas e o inventário dos tópicos do Neo-realismo realizado por Eduardo Lourenço no seu recente livro dedicado ao movimento, e aqui mesmo amplamente comentado. Veríamos como Arquimedes da Silva Santos percorre todos os lugares-comuns da corrente, mas conferindo-lhes sempre uma tonalidade pessoal. Temos assim o tema do canto impossível, temos assim os amanhãs que cantam, temos assim o auto-sacrifício como promoção possível da humanidade, temos assim a euforia do «tractorismo», temos assim os emblemas vários da poesia «resistencialista». A originalidade de Arquimedes da Silva Santos está na forma como enlaça tudo isto num projecto pessoal — que é toda uma vida, aqui claramente exposta e entregue, com uma coragem que se nos afigura exemplar.

NO entanto, por muito aderente à vida mais vivida que esta poesia seja, ela aparece-nos abstracta. Mesmo nos momentos em que ela tanto se aproxima do acontecimento, como em «Beija-Tejo», como em certos poemas de «Mágoa tranquila», sentimos que uma distância irredutível se cava entre as palavras e os objectos, entre a realidade e a expressão — véu muito ténue, sem dúvida, mas que marca como uma fronteira os limites desta poesia.

Os *Cantos Cativos* desenvolvem quase sempre um realismo alegórico, que em determinados períodos, por motivos circunstanciais, quase se torna esotérico. Há em contraponto um discursivismo descritivo e contemplativo, um êxtase perante a natureza, que fica muitas vezes no puro ornamental. Mas sempre que o autor procura um certo requinte de estilo parece cair numa expressão artificiosa, que, por muito engenho que requeira, nos parece forçada. Assim acontece com certos jogos de palavras («omens de boa-vontade», «corre-dor», «cala-bouço», «diss'olvido»). Ou veja-se o poema da página 180, que é certamente dum experimentalismo incipiente:

Sol
Solo
Só
ó dão
Solidão
Solidade

Sol
Sul
Luz
Azul
Lusa
Soluça

(Continua na 7.ª página)

Camilo José Cela

por António Otero Seco

CAMILO JOSÉ CELA é um autor difícil de classificar. Depois do êxito espectacular do seu primeiro romance — *La Familia de Pascual Duarte* — há mais de um quarto de século, quando o autor contava apenas vinte e seis anos, numa época de total indigência das letras espanholas e num país que acabava de emergir de uma guerra civil, Cela foi catalogado como «o escritor que renovou o romance espanhol». Se a apreciação naquela altura era justa, hoje mostra-se insuficiente uma vez que não reflecte mais do que um dos muitos aspectos da obra do escritor de Iria Flavia, duplamente celta pelo sangue galego do pai e da mãe inglesa.

Camilo José Cela é um escritor totalmente dedicado á literatura, membro da Academia Espanhola, animador de uma das casas editoras de mais prestígio em Espanha, fundador e director de *Papeles de Son Armadan*, a revista que, na vanguarda dos movimentos literários da Europa, continua uma tradição iniciada, os anos vinte e trinta, pela *Revista de Ocidente*, de José Ortega y Gasset, e *Cruz y Raya*, de José Bergamin.

Entre cerca de cinquenta títulos publicados sob a assinatura de Camilo José Cela, cerca de uma terça-parte refere-se a obras romanescas. O resto abrange géneros tão diferentes, e mesmo opostos, como o ensaio, a poesia, a crónica, o conto, a memória de viagens — este homem percorreu a pé a maior parte do território espanhol, — a conferência literária, o discurso académico e até a humilde tarefa de artesanato jornalístico

A GRAÇA E A MAGIA

O denominador comum desta obra prolífica é a maestria de linguagem, um talento que por vezes o conduz à exibição verbal espectacular. A linguagem de Cela parte das fontes classificadas do povo e o seu estilo de ressonancias eruditas, que não ganham eco nos salões da Academia, não é incompatível com o tumulto das ruas.

Frederico Garcia Lorca gostava de falar da graça («angel») e da magia («duende»), dos cantadores andaluzes, herdeiros de uma longa tradição de sabedoria popular, desse «estremecimento místico que — segundo a definição do Niño de Jerez — nasce na planta dos pés e sobe até à raiz dos cabelos.» O «duende» é esse estado de graça misterioso que obriga a atingir os pontos mais altos de olhos fechados. Camilo José Cela possui o *angel* e o *duende* da língua castelhana com a mesma força irresistível com que o *cantaor* improvisa as suas «peteneras».

Dicionário Secreto I (ed. Alfaguara, Madrid-Barcelona), o último livro de Cela, põe em foco este aspecto da criação do autor e que corresponde ao irresistível celtiberismo que faz da ironia deste homem, do seu humor e do seu mundo secreto e melancólico, os componentes corrosivos da amálgama de textos que constituem o volume. No *Dicionário Secreto*, dando à palavra *secreto* o sentido com que se fala em espa-

(Continua na 7.ª página)

Cela: até ao fundo da palavra maldita...